

Mateus Cavalheiro Del Ré

Jornalismo de bombacha:  
a introdução e a consolidação do tradicionalismo em  
Passo Fundo pelas páginas do jornal *O Nacional*  
na década de 1950

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Adelar Heinsfeld.

Passo Fundo

2010

CIP – Catalogação na Publicação

---

D364j Del Ré, Mateus Cavalheiro  
Jornalismo de bombacha : a introdução e a consolidação do  
tradicionalismo em Passo Fundo pela páginas do jornal O  
Nacional na década de 1950 / Mateus Cavalheiro Del Ré. –  
2010.  
104 f. : il. ; 30 cm.  
Orientação: Prof. Dr. Adelar Heinsfeld.  
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de  
Passo Fundo, 2010.

1. Jornalismo – Aspectos sociais. 2. Jornalismo – Aspectos  
políticos. 3. Cultura popular – Passo Fundo (RS) – História.  
4. Tradição (Filosofia) – Passo Fundo (RS) – História. 5.  
Identidade social. I. Heinsfeld, Adelar, orientador. II. Título.

CDU : 981.65

Catálogo: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

## AGRADECIMENTOS

Aos familiares, pelo permanente apoio e incentivo. À Ana Paula, minha namorada, pelo auxílio em todos os sentidos, não medindo esforços para a realização deste trabalho. À minha filha Sophia, pelo amor incondicional, motivador maior para as tarefas mais difíceis. Ao Geferson Prichula, amigo de todas as horas, pela ajuda no Arquivo Histórico Regional. Ao professor Adelar Heinsfeld, pela orientação paciente na elaboração da dissertação. Ao Neri Fuchs, pelo companheirismo e exemplo de perseverança no enfrentamento dos mais árduos desafios. A todos os amigos que me motivaram para enfrentar os percalços ao longo desses anos.

“A Memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.

Jacques Le Goff

## RESUMO

A introdução e a consolidação do tradicionalismo gaúcho em Passo Fundo, na década de 1950, a partir das publicações do jornal *O Nacional*, é o tema desta dissertação. O trabalho inclui apontamentos sobre as características socioculturais do município na época, bem como levantamento documental em torno da fundação do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, em 1952. Amparando-se, essencialmente, nos estudos de Golin, Oliven e Burke e tendo como base as publicações jornalísticas, são analisadas as notícias veiculadas no periódico em questão no que tange ao tema eleito como problema de pesquisa. O objetivo desta investigação é demonstrar o conjunto de elementos atuantes no processo de introdução e consolidação do tradicionalismo a partir de um imaginário propagado pela imprensa. Ao longo da análise, essa relação define um cenário com características peculiares e atuação importante de agentes regionais e locais, tais como imprensa, comerciantes, advogados, professores, políticos e, em geral, pessoas com significativo poder econômico.

**Palavras-chave:** Passo Fundo, tradicionalismo, imprensa, imaginário.

## ABSTRACT

The introduction and consolidation of the gaucho traditionalism in Passo Fundo, in the 1950's, from the publications of the newspaper *O Nacional*, it is the theme of this dissertation. This includes information about the socio-cultural aspects of the city at that time, as the research documental about the Gaucho Tradition Center Lalau Miranda, in 1952. Following, essentially the studies of Golin, Oliven and Burke and having as base the newspaper publications, the news in the periodical are analyzed focusing in the main theme elect as the problem of the research. The goal of this investigation is to show the set of elements performed in the process of introduction and consolidation of the traditionalism based in a imaginary created by the press. Throughout the analysis, this relation defines a scenario with peculiar features and actuation of important regional and locals agents, such as the press, trades, lawyers, teachers, political and wealthy people in general.

**Key words:** Passo Fundo, traditionalism, press, imaginary.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Múcio de Castro e <i>O Nacional</i> , década de 1950.....	24
Figura 2 - Sócios-fundadores do CTG Lalau Miranda.....	28
Figura 3 – Logotipo do CTG Lalau Miranda.....	35
Figura 4 - Versos publicados no jornal <i>O Nacional</i> .....	39
Figura 5 - Convite publicado no jornal <i>O Nacional</i> .....	45
Figura 6 - Ata de fundação do CTG Lalau Miranda (1ª parte).....	63
Figura 7 - Ata de Fundação do CTG Lalau Miranda (2ª parte).....	64
Figura 8 - Liga contra o comunismo.....	68
Figura 9 – Poema publicado no jornal <i>O Nacional</i> .....	69
Figura 10 - Enquanto houver um gaúcho.....	71
Figura 11 - Centenário do nascimento de Lalau Miranda.....	83
Figura 12 - O ministro João Goulart colabora com o CTG Lalau Miranda.....	84
Figura 13 - Inauguração do rancho no dia 25 do corrente.....	85
Figura 14 - A Rádio Carazinho - ZYF-8 - também vai retransmitir o programa do "Lalau Miranda".....	86
Figura 15 - Propaganda política de Múcio de Castro.....	89
Figura 16 - Convite do Departamento Hípico do CTG Lalau Miranda.....	91
Figura 17 - Torneio de laço em Passo Fundo.....	93

## SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....	8
1 O TRADICIONALISMO NO RIO GRANDE DO SUL .....	14
2 A SOCIEDADE PASSO-FUNDENSE E OS VETORES DO TRADICIONALISMO: O JORNAL <i>O NACIONAL</i> E O CTG LALAU MIRANDA.....	22
3 A DIFUSÃO DO TRADICIONALISMO PELAS PÁGINAS DO JORNAL <i>O NACIONAL</i> .....	31
4 O ANO DE 1952: A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CTG DE PASSO FUNDO.....	38
5 O JORNAL <i>O NACIONAL</i> E A EXPANSÃO DO TRADICIONALISMO A PARTIR DA PRIMEIRA ENTIDADE EM PASSO FUNDO.....	66
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	96
REFERÊNCIAS .....	101

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao início do planejamento da presente dissertação de mestrado, ocorreu-me a ideia<sup>1</sup> de pesquisar sobre uma temática de maior abrangência, no que tange ao tradicionalismo gaúcho<sup>2</sup> em Passo Fundo. Minha curiosidade quanto às suas origens e funções deu-se porque, durante vários anos, observei o meio tradicionalista da cidade, o que gerou, de alguma maneira, dúvidas pertinentes a questões que, a primeira vista, pareciam apresentar elementos deslocados de seus ambientes originais.

A gama de elementos que surgiram para serem trabalhados, após os primeiros contatos com as fontes, acabou por delimitar a temática, direcionando meu olhar para a imprensa passo-fundense e a sua atuação referente ao período em que as primeiras bases do tradicionalismo eram lançadas na cidade. A possibilidade de análise panorâmica sobre a proposta inicial restringiu-se ao recorte temporal de 1950 a 1960, em que o CTG<sup>3</sup> Lalau Miranda<sup>4</sup> era a única entidade do gênero no município, o que constituiu um ambiente ímpar para uma abordagem histórica, sobretudo, porque a instituição contava com atenção exclusiva durante o período, haja vista ter sido a pioneira na cidade.

A delimitação ocorreu, portanto, a partir da busca por possíveis fontes de pesquisa, após os primeiros contatos com os exemplares do jornal *O Nacional*, sob a direção de Múcio de Castro<sup>5</sup>. No recorte temporal em questão, pude constatar um significativo empenho editorial desse periódico para a criação de um CTG em Passo Fundo e, após sua instalação, para a divulgação das atividades da entidade. Nos primeiros contatos com a documentação junto ao Arquivo Histórico Regional de Passo Fundo, tornou-se evidente o engajamento do jornal no processo em pauta.

---

<sup>1</sup> O texto, em sua totalidade – incluindo citações e publicações analisadas –, segue o novo acordo ortográfico da língua portuguesa (2009).

<sup>2</sup> O termo “tradicionalismo” será tratado, no trabalho, designando o culto à tradição gaúcha, criada a partir do movimento tradicionalista de Porto Alegre, na metade do século XIX, bem como a relação com os elementos atrelados a ela, os quais serão analisados a seguir.

<sup>3</sup> Leia-se “Centro de Tradições Gaúchas”, nome da entidade local focalizada, uma espécie de clube, com suas regras convencionadas dentro do tradicionalismo.

<sup>4</sup> Em homenagem ao latifundiário e escravista passo-fundense do século XIX Estanislau de Barros Miranda.

<sup>5</sup> Nascido em Passo Fundo no dia 08 de maio de 1915. Foi fundador e primeiro patrão do CTG Lalau Miranda, cargo que exerceu por seis gestões. Partidário de Getúlio Vargas, em 1950 foi candidato a deputado federal, não se elegendendo. Mais tarde, foi deputado estadual até 1959 e atuou de forma ampla na divulgação do tradicionalismo dentro e fora do estado, de maneira que o movimento tradicionalista foi um apoio, servindo-lhe como plataforma política.

A procura pela documentação trouxe à tona elementos importantes na decodificação das simbologias, o que, sob essa proposta, se torna essencial. Além do material escrito, fotografias e logomarcas enriqueceram a análise das imagens e dos textos encontrados no jornal citadino, da mesma maneira que a sequência de publicações engajadas com a informação em torno da atividade tradicionalista em Passo Fundo na década de 1950.

Outro periódico passo-fundense com relevância proporcional ao do analisado é o *Diário da Manhã*. Publicado desde 1935 e sob direção de Túlio Fontoura (fundador), não fez referência, porém, em momento algum, ao processo de implantação do tradicionalismo em Passo Fundo. Ambos os periódicos constituíam empresas familiares, e seus diretores não escondiam rivalidades políticas, motivo pelo qual as escolhas de pauta, especialmente de assuntos de cunho regional ou local, eram claramente diferenciadas.

A discussão acerca do posicionamento do jornal *O Nacional* sobre a inserção do tradicionalismo na cidade pretende clarear a atmosfera em torno dos meios de propagação do fenômeno. Da mesma forma, objetiva demonstrar a importância e o papel da imprensa escrita, bem como do rádio, em um processo de introdução e consolidação de novos modelos culturais. Nesse sentido, o jornal, no universo da comunicação, tem função relevante como depositário expressivo de elementos significativos para pesquisa, como anota Beker:

O jornal é a fonte da sua própria história e das situações mais diversas; meio de expressão de ideias e depósito de culturas. Nele, encontram-se dados sobre a sociedade, seus usos e costumes; informe sobre questões econômicas e políticas; entretanto, por meio da representação feita pelo jornal em suas palavras e imagens criadas, a imprensa permite captar a história viva e em movimento, relacionando personagens com práticas sociais do período. (2007, p. 106)

A criação do primeiro CTG de Passo Fundo fazia parte de um ambiente de transformações na cidade. As inovações em diversos campos eram evidentes, e o reflexo das transformações não era somente material. As ideias novas, advindas da tentativa de uma contracultura no período após os grandes conflitos armados do século, demonstravam propostas inovadoras com acenos de uma organização diferente para antigas tradições<sup>6</sup>, agora cultuadas de maneira diversa em sua representação. Nas linhas das publicações do jornal, há um discurso aparente no intuito de buscar uma tradição redentora para um novo tempo e

---

<sup>6</sup> O termo “tradição”, aqui, é entendido como herança cultural, transmissão de crenças ou técnicas de uma geração para outra, independente, nesse momento, de sua caracterização ideológica ou não, de uma maneira genérica, sem maiores discussões sobre a definição de cultura. Ver ABBAGNAMO, 1998.

transposição no espaço. Dessa forma, características peculiares são deslocadas para um fenômeno bastante específico, com características locais, porém, dentro de um contexto regionalizado.

A opção pela linha de pesquisa tendência aos aspectos culturais<sup>7</sup> da temática trabalhada. Sem descartar as questões econômicas e políticas e demais estruturas que se mostram imbricadas na sociedade, as peculiaridades das fontes evidenciam as características culturais do material de pesquisa. Diante disso, os apontamentos necessitam de cuidado redobrado, pois as colocações e as considerações relacionadas aos simbolismos necessitam de uma articulação diferenciada em seu embasamento. Não há uma opção em definitivo por uma história cultural dissociada de outros aspectos. Contudo, é inegável a predominância de tais aspectos no trabalho. Ortiz expõe com clareza tal problemática:

Eu diria que as precauções devem ser redobradas quando nos deparamos com o universo cultural. Sua relação com a dimensão econômica é evidente, e não poderia em absoluto ser negada, no entanto as relações que se estabelecem estão longe de se acomodar a qualquer tipo de determinação em última instância. (1998, p. 23)

A observação de uma atmosfera recheada de elementos culturais, fruto da variedade de etnias formadoras da sociedade passo-fundense, mostra a inserção de uma tradição inventada<sup>8</sup> no cenário e no tempo já delimitados. A partir da introdução de elementos culturais oriundos da região da campanha, somados ao pluralismo cultural local, há uma espécie de entrelaçamento de elementos ao longo da década de 1950. Não é possível afirmar a existência de uma dominação arbitrária sobre grupos étnico-culturais existentes na cidade, de forma que ambos os fenômenos podem ser considerados, já que não é possível delimitar, de maneira estanque, as barreiras entre o que foi inventado e o ponto de influência entre as diversas expressões culturais. Porém, é válido mencionar o que Burke (2003) expõe sobre o fenômeno da hibridização das culturas. Segundo a sua ótica, não há uma predominância cultural sobre outras representações que sucumbem perante uma cultura dominante, mas a fusão de elementos, gerando culturas híbridas, a partir da coexistência de diversas características. O autor citado, em sua obra, relata exemplos variados em diversas regiões do mundo, onde é possível visualizar o fenômeno com clareza. Sem contradizer tais ponderações, Chartier faz

---

<sup>7</sup> Os aspectos relacionados à cultura fogem da simples análise material. As interpretações simbólicas sob esse aspecto podem ser elucidadas em BURKE, 2005.

<sup>8</sup> Ver a discussão sobre a invenção de tradições em HOBBSAWM; RANGER, 1997.

considerações importantes sobre os simbolismos e as representações em torno da história cultural. Este, por sua vez, ressalta o valor dos sentidos e dos elementos que, em geral, não são analisados em uma visão simplória de interpretação, discorrendo sobre ela: “Por um lado é preciso pensá-la como análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceptuais próprias de um tempo e de um espaço”. (1988, p. 27)

O trabalho em torno das representações demanda um conhecimento de causa aprimorado; de certo modo, a tarefa implica a leitura dos brados e dos silêncios, exigindo alguns cuidados, peculiares a esse tipo de interpretação. Tendo em vista tais aspectos, o trabalho aqui proposto visa a buscar as significações a partir das propostas ligadas ao entendimento de história cultural como uma possibilidade de leitura não reducionista – quando, muitas vezes, é comum que se rotulem coletividades, sem a possibilidade de leituras e entendimentos alternativos a partir da pesquisa.

A imprensa jornalística escrita, como opção para uma pesquisa histórica e elemento cultural importante, possui peculiaridades ímpares. Como fonte secundária<sup>9</sup>, precisa ser trabalhada com critérios e cuidados redobrados, para que não ocorra uma reprodução equivocada do discurso. A imprensa em si, como objeto de estudo e análise, traz, contudo, possibilidades ricas para a pesquisa, como anota Espig. Em seu estudo sobre a fonte jornalística no trabalho historiográfico, em que analisa os jornais de época em relação ao caso do Contestado, em Santa Catarina, a autora afirma:

O jornal possui uma série de qualidades peculiares, extremamente úteis para a pesquisa histórica. Uma delas é a periodicidade: os jornais constituem-se em verdadeiros “arquivos do cotidiano”, dos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia e estabelecer a cronologia dos fatos históricos. (1998, p. 274)

A sequencialidade dos fatos pode dar ao pesquisador uma noção sobre os elementos envolvidos no trabalho de pesquisa. A atuação da imprensa em um determinado período, pode validar hipóteses, com legitimidade e comprovação, inviabilizando a criação de uma regra com base em uma exceção.

---

<sup>9</sup> A fonte histórica secundária é entendida, aqui, como uma representação posterior à origem do objeto de pesquisa analisado. O texto jornalístico em uso no trabalho se trata de fonte primária, trazendo em seu discurso os elementos do seu período de atuação.

O estudo ora proposto pretende quantificar as fontes jornalísticas e buscar a análise qualitativa, a partir de um critério seletivo para o trabalho com o conteúdo. As publicações jornalísticas que repetem as temáticas já abordadas serão, via de regra, preteridas, buscando o direcionamento da pesquisa. Com essa sistematização, torna-se possível identificar, de forma objetiva e sem redundâncias, os elementos relacionados à proposta de pesquisa (MEYER, 2007). Ainda, o número expressivo de publicações em torno do assunto facilita a análise e diminui a possibilidade de equívocos na interpretação.

O jornal traduz, sem dúvida, detalhes importantes sobre a comunidade no qual está inserido. Quando se trata da imprensa local, como o caso presente, pode informar detalhes expressivos em uma leitura cuidadosa do seu conteúdo. Assim, retirar do texto informações significa aproximar-se de uma representação do real, o qual pode estar “escondido” em meio aos símbolos, ao imaginário e às entrelinhas do discurso jornalístico. No presente estudo, a partir da apologia da imprensa, o que se “esconde” é a recriação e a afirmação de uma tradição em torno de um universo simbólico e imaginário, no que tange à extensão do tradicionalismo gaúcho. Os imaginários sociais aí presentes são entendidos por Espig como:

(...) referências importantíssimas dentro do sistema simbólico que produz a comunidade e através do qual se elaboram suas finalidades. Através deles, reconstitui-se parte do passado da comunidade, designa-se sua identidade e elabora-se sua representação sobre si mesma; distribuem-se papéis e funções sociais, expressam-se crenças comuns e fixam-se modelos de comportamento. (1998, p. 275)

A imprensa constitui um mecanismo para a fixação desse modelo tradicionalista, o que implica, obviamente, uma nova proposta comportamental, de acordo com o regramento tradicionalista gaúcho. Inicialmente, a aceitação e a consolidação desse modelo em solo passo-fundense não ocorreu de maneira ampla, o que veio a acontecer, aos poucos, ao longo dos anos.

As manifestações socioculturais na cidade que demonstram ligação com os elementos atrelados ao tradicionalismo são evidentes, da mesma maneira que o universo imaginário em torno dos fatores de ligação correlacionados com o ambiente pastoril do pampa. Tal fato expõe a remodelação cultural em um ambiente permeado de manifestações oriundas, especialmente, da pluralidade cultural étnica na formação de Passo Fundo. João Vicente Ribas (2007) trata sobre o assunto em sua pesquisa, onde aponta a amplidão das manifestações ligadas ao fenômeno na cidade, demonstrando que determinados fatores culturais não podem

ser dissuadidos de uma análise relacionada ao efeito do crescimento e da urbanização do município.

O primeiro capítulo do presente trabalho busca uma contextualização das origens do tradicionalismo no Rio Grande do Sul e uma breve discussão teórica. O fenômeno, em sua condição de modelo cultural readaptado, é exposto, inicialmente, com problemas no enquadramento de alguns elementos importantes em relação à sua constituição histórico-cultural.

O segundo capítulo apresenta características importantes da sociedade passo-fundense na década de 1950, quando o município apresentou um significativo crescimento em amplos aspectos. O jornal *O Nacional* e o CTG Lalau Miranda são apresentados como os principais vetores na introdução do fenômeno do tradicionalismo, que adentrou como proposta de identificação coletiva em um ambiente marcado pela diversidade cultural.

O terceiro capítulo, por sua vez, relata a difusão do tradicionalismo a partir das páginas do jornal *O Nacional*. O texto expõe as primeiras publicações em torno do assunto, em Passo Fundo, no início da década de 1950. Ainda nessa seção, são analisados os primeiros aspectos do discurso introdutório do incipiente modelo cultural.

O quarto capítulo apresenta a difusão do tradicionalismo pela imprensa jornalística no recorte temporal entre a fundação, no dia 24 de janeiro de 1952, e o fim do ano. As publicações são analisadas em seus elementos simbólicos, formadores do imaginário tradicionalista ligado à figura enaltecida do gaúcho e aos elementos correlacionados.

Por fim, o quinto capítulo trata da expansão do movimento para além dos limites do estado do Rio Grande do Sul. As publicações relativas às atividades do tradicionalismo buscam demonstrar a variação de intenções na veiculação jornalística. Ao entrelaçar tradicionalismo e política, em um discurso tendencioso ao personalismo, põe-se em evidência a principal figura no processo de introdução e expansão do fenômeno em Passo Fundo, Múcio de Castro.

Assim, a pesquisa procura demonstrar a influência da imprensa escrita e radiofônica em uma sociedade ainda predominantemente rural. O levantamento de fontes em um recorte local inserido em um contexto regional demonstra influências externas e, sincronicamente, atuação de elementos internos de mesma relevância. Sob essa ótica, o trabalho pretende contribuir para o preenchimento da lacuna ainda presente, que diz respeito ao estudo do assunto em Passo Fundo.

# 1 O TRADICIONALISMO NO RIO GRANDE DO SUL

O tradicionalismo gaúcho, no Rio Grande do Sul, como elemento de um movimento organizado, constitui uma manifestação cultural cuja criação remonta pouco mais de meio século. Suas origens, que buscam o louvor em torno da figura do gaúcho, ocorreram, inicialmente, com um grupo de intelectuais, por volta de 1870. Sob uma visão positivista<sup>10</sup>, estes procuravam unir, na tradição, os ideais dessa doutrina e a visão da oligarquia rio-grandense da época. Esses literatos, de procedência simples, criaram o *Partenon Literário*, grupo que precedeu o surgimento de uma agremiação chamada Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, em 1890. Embasados nos mesmos ideais, realizaram eventos, como desfiles, apresentações e palestras, no intuito de manter vivas as tradições em torno da cultura do campo e de um suposto passado sulino de referências gloriosas. Tais movimentos tiveram sequência com a criação de outras entidades de mesmo propósito pelo estado, manifestações que sinalizam como pedras fundamentais do tradicionalismo nesse ambiente.

No ano de 1947, um grupo de estudantes secundaristas, originários de regiões pastoris do estado, organizou, no Colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre, o Departamento de Tradições Gaúchas, promovendo festividades e eventos em torno das datas comemorativas cívicas, especialmente com ligação ao passado do estado. No ano de 1948, é fundado, na capital, o CTG 35, a primeira instituição do gênero do estado, o que representou um momento de importância para os tradicionalistas, viabilizado pelo mesmo grupo já atuante, porém com novos adeptos. Como, em sua maioria, esses novos membros eram de origem humilde, ocorreu a saída de alguns componentes mais abastados, os quais não queriam fazer parte do mesmo meio, com elementos de outro grupo social. (OLIVEN, 1992)

O segundo CTG<sup>11</sup> do estado, fundado também no ano de 1948, foi o Fogão Gaúcho, de Taquara. Curiosamente, sua fundação deu-se por imigrantes alemães, na medida em que as tradições cultuadas na nova instituição traduziam os costumes das regiões historicamente pastoris e latifundiárias do estado.

---

<sup>10</sup> Doutrina social idealizada pelo filósofo francês do século XIX August Comte. Visava a uma sociedade organizada, baseada no progresso científico e na ordem. Foi extremamente significativa no processo de consolidação da República Brasileira. No Rio Grande do Sul, foi marcante na atuação governista de 1889 até 1930. Um de seus principais representantes foi Júlio de Castilhos, governador do estado de 1893 a 1897 e um dos fundadores do Partenon Literário, peça fundamental no surgimento do tradicionalismo no estado.

<sup>11</sup> A sigla CTG é dada a cada centro ou unidade ligado (a) à instituição regradora de instância maior chamada MTG, a qual organiza e define as diretrizes dos CTGs em todo o estado.

As fundações de novas instituições continuaram, e, de 1948 a 1954, surgiram trinta e cinco novos centros de tradições do gênero no estado, entre os quais o CTG Lalau Miranda, em Passo Fundo, no ano de 1952. Essa tendência, mais tarde, trouxe certa insatisfação por parte do próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho, pois as autoridades da instituição argumentaram que a fundação excessiva de novos CTGs estava levando a uma pulverização, em que os interesses pessoais e de pequenos grupos sobrepujavam-se aos objetivos maiores do tradicionalismo.

O fenômeno do surgimento do tradicionalismo no Rio Grande do Sul está intimamente ligado ao passado sulino de incontestáveis nuances históricas. Ao longo dessa trajetória de domínio de espaços e entrelaçamentos culturais, formou-se um imaginário com elementos significativos que foram remodelados na memória coletiva, rendendo esse contexto a consolidação de uma tradição. Tau Golin (2004) escreve sobre a criação de um *tempo vago*, onde são lançados, amarrados os elementos do tradicionalismo, os quais não estão posicionados, de forma clara, em um tempo histórico. Esse espaço cronológico imaginário, em que são depositados os elementos sociais e historicamente desconexos, recebe as invenções da tradição, de maneira que o autor expõe:

Todas essas grosserias interpretativas povoaram a literatura gauchesca de expressões problemáticas como a de “raça gaúcha” para não falar de outros absurdos. A etnologia e a antropologia já superaram aquela interpretação de etnia aplicada às “nações primitivas, selvagens e bárbaras”. Essa noção relacionava-se com atribuições ao “exótico”, em que ao civilizado se associava a ideia de progresso, ou de europeu. (2004, p. 47)

A desconexão de personagens no tempo e no espaço, somada à busca por uma identidade comum nas diferenças, cria um modelo cultural novo, propagado com uma retórica que caracteriza um discurso ideológico<sup>12</sup>, mas que não descaracteriza o hibridismo no entrelaçamento de elementos culturais; porém, sob a representação da tradição institucionalizada.

O recorte temporal escolhido para o trabalho representa um momento histórico de recomeço após o sangrento conflito da II Guerra Mundial (1939-1945), assinalado pelo alvorecer dos povos e a reorganização das nações envolvidas. Se durante o embate bélico era necessário patriotismo para defender os ideais das nações aliadas, após as desterritorializações

---

<sup>12</sup> Entende-se ideologia, aqui, resumidamente, como a ideia propagada de maneira a defender o interesse de uma minoria, de acordo com os objetivos daqueles que a utilizam. (ABBAGNAMO, 1998, p. 532)

ocorridas depois do conflito mundial – em que a violência da guerra desterrou milhões de indivíduos pelo mundo –, foi preciso estabelecer e garantir, mais do que nunca, afirmação de vínculos entre indivíduos e território.

A repatriação das etnias perseguidas e as responsabilizações dos algozes do conflito rotularam muitos grupos étnicos, que, mesmo não estando envolvidos diretamente com as ideologias do eixo (formado por Alemanha, Itália e Japão), eram lembrados como parte das nações do grupo que representou o estigmatizado “lado do mal” no grande conflito. Os italianos e alemães no Brasil estavam inseridos no processo em questão. Para esses grupos, adotar uma tradição que estabelecesse um elo com a pátria que os acolheu possuía significado ímpar, pois atestava o fato de fazer parte de um território como indivíduos. Mesmo com laços de identidade forjados por uma tradição inventada, haveria, de algum modo, a garantia e o estabelecimento de um elo identitário, um sentimento de pertencimento a uma nação.

O antropólogo Ruben George Oliven (1992), entre seus apontamentos sobre a diversidade cultural na nação brasileira, destaca a questão das identidades regionais na formação dos estados nacionais. Mesmo que o fenômeno tenha iniciado a partir do século XIX, na Europa, mostrou-se presente durante o processo de urbanização no Brasil, o que trouxe a necessidade de preservar culturas e criar tradições ante a voracidade da modernidade, para a garantia da unidade nacional a partir dos elementos regionais. Na criação do tradicionalismo gaúcho, de certa forma tardia nesse processo, evidenciou-se na maneira de manter viva a memória<sup>13</sup> forjada de um passado irretocável em sua forma arquetípica, como um modelo de tradição convencionado.

No Brasil, o nacionalismo foi aparente, especialmente na metade do século, quando o segundo mandato de Getúlio Vargas (1951-1954) pautava seu discurso em um projeto nacionalista voltado à manutenção das identidades regionais para consolidação da união nacional. Assim, o contexto regional ganha ênfase como parte elementar na construção da unidade da nação, como expõe o autor:

A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugerem que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional. (1992, p. 43)

---

<sup>13</sup> Memória, aqui, designa o conjunto de conhecimentos passados da coletividade a partir das sensações, não comprovadas cientificamente. Ver apontamentos sobre as diferentes formas de memória em: LLE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

O CTG 35, por ser o precursor, serviu como modelo, a partir de seus idealizadores, para os centros que foram fundados em vários municípios do Rio Grande do Sul e, logo, também, por outros estados. A ideia dos precursores era a de que as instituições ganhariam adeptos, especialmente nas regiões de campos pastoris e no oeste do estado. Essa premissa não valeu como regra, logo depois do primeiro CTG do estado, haja vista que o tradicionalismo não foi seguido por grupos pré-determinados, tendo aceitação e reprodução nas mais inusitadas regiões, em especial em áreas de colonização, fato que deixou os tradicionalistas intrigados. Essa grande aceitação demonstra, portanto, que a busca das identidades, especialmente por parte de grupos imigrantes, se comprova, considerando que os fundadores da segunda instituição eram descendentes de alemães, o qual não foi o único caso evidenciado no decorrer do processo de reprodução do tradicionalismo.

A figura do gaúcho, como símbolo e referência para as levas imigrantes, está associada, também, ao fato de que o tipo social representado a cavalo demonstrava diferenciação social, uma vez que o colono, frente ao poderio da aristocracia rural latifundiária do estado, não possuía *status* relevante.

A preponderância do modelo cultural estancieiro sulino está evidenciado na obra *Bandeirantes e pioneiros*, onde Moog faz a seguinte relação:

Na reciprocidade de influências do estilo de vida das estâncias sobre as colônias e destas sobre aquelas, até agora a estância tem sempre levado a melhor. O colono adotou muitos hábitos do nomadismo de fronteira: o cavalo, as bombachas, o chimarrão, o jogo. A estância, essa continua primitiva: não planta, não cultiva jardins, não ornamenta a casa, não come verduras. (1966, p. 199)

O fenômeno descrito demonstra a sobreposição cultural de um modelo que contribuiu com as bases de formação do tradicionalismo gaúcho. Alguns aspectos da vida do campo, na região pastoril, sobrepuseram-se aos da colonização imigrante. Nesse sentido, é interessante o fato de que o colono italiano ou germânico, não raras vezes, devotou-se ao culto de uma tradição com traços evidentes de xenofobia. Tal distinção, notoriamente, ao longo das décadas de culto ao tradicionalismo, assinalou certa aversão ao elemento estrangeiro, como se o gaúcho determinasse um tipo étnico puro, representante de uma etnia superior<sup>14</sup>.

O fenômeno em questão serve como exemplificação para o tema específico de pesquisa do presente trabalho. O fato de o CTG ter surgido no ano de 1952, em Passo Fundo,

---

<sup>14</sup> Ver GOLIN, 1983.

não foge à regra da discussão proposta. As tratativas e ligações com Porto Alegre estão expressas nas publicações do jornal *O Nacional*, transcritas no capítulo seguinte, o que demonstra o caráter de doutrina do tradicionalismo, adentrando a sociedade passo-fundense. Um dos idealizadores do movimento em Passo Fundo, Antônio Donin, relata no livro de Welci Nascimento:

Está surgindo no Rio Grande do Sul uma sociedade que procura cultuar as tradições do gaúcho, chamada de Centro de Tradições Gaúchas. Cidades como Porto Alegre, Taquara, Iraí, Palmeira das Missões, Pelotas, Bento Gonçalves, e Itaqui já fundaram a sua entidade e Passo Fundo necessita contar com um desses centros para impedir que desapareçam, sufocadas pela voragem da evolução, as nossas tradições e a genuína alma gaúcha, que, pelo nosso passado heroico, goza de admiração de todo o Brasil. (1992, p. 40)

O relato demonstra a diversificação regional na atuação dos CTGs. Variando entre região de fronteira e áreas de imigração, isso evidencia a colocação do tradicionalismo em vários pontos do estado, bem como a intenção, a partir da ideia precursora, da criação de uma identidade definidora do indivíduo do Rio Grande do Sul, mesmo em espaços (de)marcados por elementos culturais característicos das peculiaridades étnicas que se estabeleceram em cada região. Da mesma forma, o discurso enaltecedor do gaúcho não descarta certa neofobia na manifestação do pesar pela evolução.

As influências e o emaranhado de representações culturais no tempo e no espaço jamais possibilitaram uma definição estanque, estigmatizada de um elemento único que identificasse o estado. Optar por essa definição arbitrária seria um reducionismo ao conjunto de elementos culturais que se mostraram atuantes em diferentes momentos e regiões que definiram o cenário geopolítico sul-brasileiro e fronteiriço.

As manifestações artísticas foram características importantes nas expressões das culturas no Rio Grande do Sul. Orfelina Vieira de Melo, em seu livro, anota apontamentos significativos sobre a música e o tradicionalismo no estado:

Nos primórdios da música gaúcha, as raízes já penetravam o solo gaúcho através dos índios, dos campeiros, dos tropeiros, prosseguindo, depois, com os carreteiros, com a peonada do galpão, sempre acompanhando todos e tudo o que acontecia. Antes de surgir o MTG, a música gaúcha era ainda muito rara e [não] muito conhecida. Poucos expressavam seu amor à terra sulina através da música. Os poetas já faziam seus versos, embora ainda pouco publicados e, em decorrência, pouco conhecidos. (1998, p. 14)

A definição do significado da palavra “gaúcho” é bastante controversa, embora o elemento que a personificou no contexto sulino se encontre em um espaço temporal definido. O gaúcho foi o homem dos campos sulinos, do pampa, em meados do século XVIII, muito conhecido como um marginal dos campos e preador de gado xucro. Golin assim define os gaúchos: “*Homens que viviam fora da lei e fugindo das autoridades. Infestavam a campanha. Passavam peleando e roubando*” (2001, p. 43, grifo nosso). Portanto, há, inicialmente, um anacronismo na afirmação desconexa de uma música gaúcha associada à cultura indígena e ligada ao tropeirismo. A musicalidade ligada a tais figuras históricas não poderia adentrar outras atmosferas, como encantamento através de uma linha do tempo. Da mesma maneira, índios, tropeiros e peões constituem elementos distintos, com suas peculiaridades histórico-culturais e em suas regiões geográficas. Orfelina Vieira Melo, na continuidade do texto, expõe que:

Com o surgimento do tradicionalismo e das emissoras de rádio pelo interior do estado, houve um forte incremento à música rio-grandense, e os programas de rádio foram os canais mais fortes e incentivadores para os cantores e tocadores que aguardavam uma oportunidade de mostrar sua arte e manifestações próprias. (1998, p. 14)

A partir da criação do tradicionalismo institucionalizado, surge uma indústria cultural em torno da produção artística para o movimento. As composições, especialmente no campo da musicalidade, não representam a vivência cotidiana, em reflexo dos hábitos costumeiros dos personagens em pauta. Entretanto, são produzidas para determinar um padrão comportamental ligado à doutrina tradicionalista, de modo inverso ao processo de criação em que a vivência inspira a arte.

A atuação dos meios de comunicação foi determinante na tarefa da invenção do tradicionalismo. A apologia aos elementos do campo, da vida rural e do personagem do gaúcho é evidente e contínua. Desde a fundação da Rádio Passo Fundo<sup>15</sup>, a programação em torno do tradicionalismo se mantém atuante na emissora. Theodor Adorno, na sua crítica à indústria cultural, lembra com propriedade:

---

<sup>15</sup> A Rádio Passo Fundo foi fundada no início da década de 1950 e possuía subsídio municipal. Ver: FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no RS: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século XX*. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 2007.

Mas a crítica cultural somente pode reprovar tão incisivamente a cultura por sua decadência, apontada como uma violação da pura autonomia de espírito, uma prostituição, porque a própria cultura surge da separação radical entre trabalho intelectual e trabalho braçal, extraindo dessa separação, desse “pecado original”, a sua força. Quando a cultura simplesmente nega essa separação e finge uma união harmoniosa, regride a algo anterior ao seu próprio conceito. (ADORNO, 2002, p. 89)

A cultura gaúcha reinventada pelo tradicionalismo faz, exatamente, a negação das origens dos conflitos sociais na produção pastoril, os quais segregavam os trabalhadores do campo dos privilégios e da condição social abastada do estancieiro. O latifúndio e seus elementos peculiares legaram elementos ímpares, com simbolismos marcantes, e um passado de exclusão social, negado na harmoniosa retórica tradicionalista, onde o elemento chamado gaúcho funciona como agregador das diferenças para uma nova cultura, baseada em uma tradição apaziguadora e detentora das mais nobres virtudes. Esse é um ideário bem enquadrado para uma proposta conservadora e talhada nas suas origens, em uma matriz positivista, com um discurso, aparentemente, em prol da ordem social e de um progresso conservador.

As expressões musicais das diversas etnias que formaram o estado jamais reivindicaram o rótulo de pertencimento ao rol da música gaúcha. Tal definição é fruto da arbitrariedade do Movimento Tradicionalista Gaúcho, ao impor padrões para a musicalidade a partir da sua criação. Elementos, temáticas e ritmos foram convencioneados para caracterizarem o gaúcho reinventado para o tradicionalismo. Seria um reducionismo definir as expressões musicais do estado (em seus tempos e variações culturais) com tal definição simplista.

A ideia do movimento tradicionalista gaúcho como contraposição à cultura norte-americana esteve presente desde as suas origens, permanecendo até a atualidade. Na segunda metade do século XX, o empenho pela consolidação de um modelo pró-cultura estadunidense era evidente na América Latina e, em especial, no Brasil. O projeto norte-americano objetivava, mais do que garantir a presença em território brasileiro, trabalhar com o sentimento de aceitação em relação ao aparato cultural enquanto estilo de vida. Tal propósito representava a disputa com as potências europeias e, ainda, com as ideias da esquerda socialista, o que implicava uma atuação contundente sobre as áreas de interesse. Dessa maneira, a oposição a tal modelo cultural, somada ao ambiente nacionalista de afirmação de identidades, legitimava o discurso tradicionalista.

É possível estabelecer, aqui, um paralelo entre as formas de atuação sobre o imaginário popular do tradicionalismo e do imperialismo estadunidense. Destaca-se, nessa perspectiva, que ambos atuaram na sociedade a partir de mecanismos como imprensa, cinema, literatura, música, culinária e outros elementos conhecidos de persuasão na formação de um imaginário sobre os modelos culturais em pauta.

A busca pela dominação pelos Estados Unidos, em amplos aspectos, sobre o Brasil desencadeou-se ainda nas primeiras décadas do século, estendendo-se, em um processo contínuo, após a Segunda Guerra Mundial, de maneira incessante. Sobre os efeitos da ação imperialista Moura afirma:

Talvez a maior vitória de Tio Sam tenha sido a de convencer boa parte da sociedade brasileira da “modernidade” de seus valores, de suas atitudes, de seu saber científico e técnico, em contraste com nossos valores, atitudes e saber “atrasados”, quando não “primitivos”. A penetração difusa da matriz de “modernidade” nas relações culturais entre os dois países se fez por muitos meios depois da guerra. (1984, p. 83)

Os conflitos mundiais e a atuação das grandes potências em relação à garantia de áreas de influência estavam longe de representar uma disputa por legitimidades nas ideologias aplicadas pela dominação cultural. Dessa maneira, o tradicionalismo mostrou-se semelhante em suas formas de atuação diante do aparato de artifícios utilizados no processo de rearranjo (ou recriação) de modelos culturais. O processo de expansão do fenômeno se dá no entremeio a fatores externos, como legitimação da aplicação da nova proposta cultural e sincronicamente em relação a ela, interagindo com os elementos internos e peculiares, próximos aos ambientes de atuação pontuais de cada célula tradicionalista.

A necessidade de proteção da suposta originalidade cultural do tradicionalismo, como forma de resguardar as culturas passadas do Rio Grande do Sul, faz com que a proposta atue eficazmente, surgindo em um ambiente de transformações históricas significativas.

## **2 A SOCIEDADE PASSO-FUNDENSE E OS VETORES DO TRADICIONALISMO: O JORNAL *O NACIONAL* E O CTG LALAU MIRANDA**

O povoamento branco no município de Passo Fundo ocorreu, inicialmente, na rápida presença jesuítica, ainda no século XVII, na tentativa de catequização dos povos nativos da região. Porém, foi somente após a incorporação das terras do Planalto à Coroa Portuguesa, na primeira metade do século XIX, que as primeiras famílias de origem europeia se estabeleceram, caracterizadas pela utilização da mão de obra escrava.

O território de Passo Fundo, como caminho das tropas, facilitou a fixação dos tropeiros e o desenvolvimento comercial da cidade, ao longo do século XIX, o qual assinalou a chegada dos grupos de imigrantes de predominância ítalo-germânica.

As primeiras propriedades demarcadas contavam com a mão de obra escrava, aumentando a diversidade étnica na aquarela das culturas locais. Por isso, a cidade de Passo Fundo é fruto da pluralidade étnica que marcou a sua formação. Sobre isso, Kujawa expõe:

Há que se salientar ainda que o povoamento passo-fundense, principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX, recebeu a contribuição do imigrante descendente de italianos, alemães, poloneses, judeus, entre outros. Esses imigrantes, que vieram de outras partes do território rio-grandense, integraram-se como proprietários de terras ou, ainda, dedicaram-se à indústria manufatureira e ao comércio.

A partir da segunda metade deste século, Passo Fundo foi catalisador de um processo de migração de toda a região do Planalto, tornando-se um polo regional na área da educação (rede de escolas particulares e universidade), da saúde (ampliação da rede hospitalar), do comércio e da prestação de serviços. (1998, p. 61)

O texto mostra a pluralidade no povoamento da cidade, apontando as transformações na segunda metade do século XIX. Ainda como ilustração do ambiente sociocultural do município, Verzeletti registra as seguintes associações, clubes, grêmios, sindicatos e sociedades em atuação em Passo Fundo, já no ano de 1939:

Associação Passo-Fundense de Auxílio aos Necessitados, Associação Farmacêutica, Associação Rural, Associação Cristã de Moços, Associação da Sagrada Família de Jesus, Congregação das Filhas de Maria, Clube Comercial, Clube Caixeiral, Clube Recreativo Juvenil, Clube Cultural Beneficente, Clube Nova Aurora, Clube dos Ferroviários, Clube Pinheiro Machado (fundado pelo extinto Partido Republicano), Clube Comercial (de Vila Teixeira), Clube Farroupilha (de Vila Coxilha), Clube Recreativo (de Marau) também chamado de “S. C. Liberdade”, Clube Esportivo Recreativo Internacional (de Vila Sertão), Grêmio Esportivo Juventude Católica, Grêmio Esportivo Passo-Fundense, Grêmio Esportivo 3º R.R.B.M., Sport Clube Botafogo, Sport Clube Gaúcho, Rio-Grandense Foot-Ball Clube, Sport Clube Carlos Gomes, Sport Clube Rio Branco, Rotary Clube, OAB - Ordem dos Advogados do Brasil, Sindicato dos Operários em Panificação e Classes Conexas, Sindicato dos Empregados do Comércio, Sindicato dos Bancários, Sindicato dos Barbeiros e Cabeleireiros, Sindicato dos Alfaiates, Sindicato dos Trabalhadores de Madeiras e seus Artefatos, Círculo Operário Passo-Fundense, Orfanato Lucas Araújo, União dos “Coiffures” de Passo Fundo, Sociedade Damas de Caridade, Sociedade Metodista de Senhoras, Sociedade Operária Beneficente e Sociedade Rio Branco. (1999, p. 165)

A lista acima demonstra uma parte da organização social do município na época, com um número significativo de opções para inclusão dos moradores de Passo Fundo em ambientes e organizações associativas.

No ano de 1946, foi fundada a Rádio Passo Fundo ZYF-5, e, ainda nessa década, a cidade recebeu significativas melhorias em áreas urbanas, com ampliação de redes elétricas, calçamento de ruas e o início das obras para a criação do aeroporto de Passo Fundo. Em 1950, médicos, comerciantes, industriais, engenheiros, advogados e dirigentes religiosos, com o intuito de debater a criação de uma instituição de ensino superior na cidade, formaram a Sociedade Pró-Universidade (SPU). Seu primeiro resultado, pleiteado desde 1951, foi a instauração do curso de Direito, que passou a funcionar em 1956. Ainda no ano de 1951, criou-se a Diocese de Passo Fundo, dando mais autonomia à atuação da Igreja Católica na cidade (que também tinha uma parcela evangélica, porém a predominância era católica). Ao passo dos primeiros resultados da Sociedade Pró-Universidade, surgia o Consórcio Universitário Católico, preocupado com a orientação na área educacional. Dessa união, no fim da década de 1960, nasceu a Universidade de Passo Fundo, segundo o professor Agostinho Both (1993).

A década de 1950 apresentou significativos progressos na zona urbana, como o desenvolvimento do ensino de 2º grau (hoje Ensino Médio) e a chegada da cervejaria da Brahma, com pequenos avanços no setor industrial, que envolvia apenas 3% de sua população (DIEHL, 1998, p. 117). O ambiente em transformação alterou, de maneira ampla, a sociedade passo-fundense, modificando, também, os aspectos culturais da cidade, uma vez que as mudanças não ocorreram de maneira isolada. O aumento populacional, o crescimento

na economia, a chegada de novas empresas e instituições deram um novo panorama a Passo Fundo em amplos sentidos.

O jornal *O Nacional* passou, igualmente, por transformações significativas. Fundado em 19 de junho de 1925, a partir de 1930, com tiragem diária, distribui seus exemplares até os estados de Santa Catarina e Paraná. Em 1940, Múcio de Castro assume a direção do jornal, e, em 1945, torna-se proprietário.<sup>16</sup>



Figura 1 - Múcio de Castro e *O Nacional*, década de 1950.

Fonte: Acervo particular de Selma Costamilan.

Em 1950, enquanto a atividade do jornalismo demonstrava importante crescimento e modernização no país, o jornal *O Nacional* passava por inovações tecnológicas, evidenciando a tendência da época. Nos arquivos pessoais de Costamilan, aparece o seguinte registro sobre a empresa jornalística em pauta:

---

<sup>16</sup> Segundo os arquivos pessoais resultantes dos levantamentos feitos, em 1968, por Selma Costamilan, membro da Academia Passo-Fundense de Letras, em consulta direta com Múcio de Castro. Na foto, ela se encontra em frente à sede do jornal, que se localizava na Avenida Brasil, entre as ruas Bento Gonçalves e General Neto. Já Múcio de Castro se encontra ao centro, mais próximo aos dois personagens de óculos.

Os anos decorreram, e *O Nacional* acompanhou o progresso da cidade, do município e da região, equipando-se com suas próprias forças, dentro de seus próprios recursos, o que conseguiu fazer em setembro de 1950, montando moderna máquina “Intertype”, automática, com três magazines, destinada à composição do jornal, por uma técnica moderna. Essa máquina, de fabricação em Brooklin, Nova York (Estados Unidos da América do Norte) substitui com vantagem dez tipógrafos, que antes operavam com seu trabalho pelo método de composição de letra por letra, pois que a “Intertype” produz linhas com extraordinária rapidez e facilidade pelo sistema de fundição. A impressão de *O Nacional* é feita em máquina plana, de procedência de Paris (França), de marca (ALAUZET). A edição diária oscila entre 6, 8 e 10 páginas, havendo periodicamente o lançamento de suplementos e edições especiais comemorativas a acontecimentos de relevo na vida da comunidade, tanto do município, quanto da região [...]. *O Nacional* é um órgão de imprensa independente, não se achando ligado ou comprometido com quaisquer facções ou grupos políticos, cumprindo já há 44 anos a sua função de jornal informativo, noticioso, orientador e disseminador de ideias e iniciativas que buscam o bem-estar coletivo.

Na sua obra intitulada *A história cultural da imprensa*, Marialva Barbosa aponta o momento de transformações na imprensa brasileira no período da década de 1950 dentro do projeto de modernização da nação de Juscelino Kubitschek:

Portanto, analisar as transformações por que passa a imprensa no período é analisar o discurso memorável dos que se autodenominam agentes dessas mudanças e promover uma discussão em torno das relações [entre] imprensa e poder.

Ao narrar as ações que pretensamente se passam no mundo, espelhando também uma dada realidade para o leitor, os jornais criam contextos para a descrição, referendando as convenções que passam a ser interpretadas significativamente. Estado, hegemonia e cultura são dimensões dos mecanismos de exercício de dominação de classe e reprodução social.

Por outro lado, ao implementar – através da eleição de parâmetros que são construídos como sendo os da modernização da imprensa – a imagem peculiar de intérpretes isentos e objetivos do mundo social, os jornalistas idealizam a profissão e o papel que devem ter na sociedade. (2007, p. 151)

Os apontamentos da autora servem para caracterizar, também, os aspectos da imprensa em Passo Fundo, na mesma época, quando esta se evidencia como veículo da opinião de um grupo abastado apoiado na retórica contumaz do tradicionalismo. A modernização mecânica da aparelhagem de jornalismo foi, nesse contexto, ferramenta eficaz para a expansão das ideias novas de tradição, baseadas em elementos de culturas passadas.

Para melhor esclarecimento, levando em consideração que o foco consiste na atividade do jornalismo, vale lembrar que a imprensa escrita não se coloca, aqui, nesse momento histórico, como meio de comunicação de massa, embora, nesse caso, seu vínculo ao rádio-jornalismo determine um empenho conjunto pelo tradicionalismo durante o processo de

expansão desse movimento. Sodré oferece uma breve definição sobre meio de comunicação de massa:

É preciso, desde logo, compreender e aceitar que a imprensa não é meio de massa, em nosso país. Como, aqui, por imprensa entende-se jornal e revista, é fácil constatar que esses meios não são de uso habitual em parcela numerosa, majoritária mesmo, do nosso povo. (1999, p. 9)

Apesar de constituir-se como um meio de comunicação de abrangência restrita, a informação jornalística veiculada leva a informação que, inevitavelmente, se propaga. Dessa forma, sua relevância como meio de comunicação se faz evidente, ainda que, em sua fase incipiente, no Brasil, não tenha sido de larga tiragem.

A cidade de Passo Fundo, em meados de 1950, possuía uma população de 80.000 habitantes de predominância rural (DIEHL, 1998, p. 116). O jornal, nesse ambiente, não possuía uma grande demanda. No mesmo período, o movimento cetegista não demonstrou traços de uma cultura com caráter popular, pois a introdução do tradicionalismo, por meio dos CTGs no Rio Grande do Sul, não significou, de imediato, a sua expansão. Na década de 1950, o CTG Lalau Miranda era o único do gênero em Passo Fundo, e a continuidade do movimento, por meio da fundação de novas entidades, se dá somente a partir de 1960<sup>17</sup>, diferentemente do que acontece em outros pontos do estado, onde, entre o ano de 1948 – data de fundação do primeiro CTG, o “35” de Porto Alegre – e 1954, surgem dezenas de instituições.<sup>18</sup> Essa expansão não significou exatamente a popularização dos CTGs. Todavia, a necessidade de manutenção das entidades exigiu a busca de um público não somente participante, mas consumidor, capaz de mantê-las também financeiramente.

As manifestações em torno das temáticas ligadas ao tradicionalismo iniciam, no periódico analisado, ainda de maneira mais esporádica, a partir de 1950. Nesse processo inicial, destacavam-se figuras e elementos emblemáticos, que, mais tarde, fariam parte da composição tradicionalista e seriam cultuados nos ambientes dos CTGs. As publicações sobre o assunto construía a ideia de sequencialidade, de modo que os elementos do tradicionalismo eram colocados como tijolos na construção de um muro, a fim de garantir a solidez necessária para a afirmação da proposta em pauta. Alberto Dines afirma sobre a utilização da imprensa:

---

<sup>17</sup> Segundo dados da Secretaria do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) de Passo Fundo.

<sup>18</sup> Cf. OLIVEN, 1992, p. 81.

O jornalismo diário é um processo conjunto a interligar cada edição. A qualidade e as características de um jornal são contínuas e superam a barreira das 24 horas. Todo o jornal continua amanhã. Um título conduz ao texto, que leva a outro título, que, por sua vez, faz virar a página e assim por diante, até a edição do dia seguinte. (1986, p. 48)

O autor explica, portanto, que a continuidade e a sequência dos fatos jornalísticos se mostram essenciais na atividade diária da informação em um veículo de periodicidade rápida. Ainda conforme Dines: “A edição não é um produto em si. O conjunto de edições e sua unidade é que compõe o produto” (1968, p. 48). No caso em questão, não se trata, propriamente, de um produto de materialidade vendável, mas do comunicado, em doses terapêuticas, de uma nova expressão cultural para a sociedade.

A ata de fundação do CTG Lalau Miranda, de 1952, possui cento e quatorze nomes, entre os quais os de personalidades significativamente atuantes no cenário municipal, ou seja, de uma parcela notória da sociedade passo-fundense. Assim, na lista dos fundadores, que traz nomes que não se enquadram como personalidades anônimas ou populares do município, figuram comerciantes, advogados, professores, políticos e, em geral, pessoas com significativo poder econômico – o que indica a origem do movimento na cidade como uma manifestação exclusiva de um grupo restrito em seus primeiros momentos. A nomenclatura inicial conta com o fundador e primeiro patrão da instituição Múcio de Castro e com seu filho Tarso de Castro, ao lado de Arthur Canfield, ex-prefeito; Antônio Donin, professor, advogado, jornalista e candidato a deputado estadual em 1950; Manoelito de Ornellas, escritor; Daniel Dipp, advogado, deputado estadual, deputado federal e ex-prefeito da cidade; Francisco Antonino Xavier Oliveira, escritor, que atuou como jornalista e prefeito de Passo Fundo no fim do Estado Novo; Gomercindo dos Reis, escritor e comerciante em Passo Fundo<sup>19</sup> – apenas para citar alguns membros atuantes e personalidades destacadas no advento do tradicionalismo em Passo Fundo a partir do CTG Lalau Miranda. A figura a seguir traz a lista completa dos sócios-fundadores:

---

<sup>19</sup> Os nomes dos sócios-fundadores descritos no corpo do texto constam em: NASCIMENTO; DAL PAZ, 1995.

1. Abílio Jardim da Silva
2. Admar Lucas de Almeida
3. Albertina Machado Rosado
4. Alencar Pacheco de Lima
5. Alfredo Custódio
6. André Pithan
7. Anísio Silva
8. Antenor Gomes Vidal
9. Antonio Carlos Machado
10. Antonio Donin
11. Antonio Marinho Albuquerque
12. Antonio Ribas Machado
13. Aquelino Translatti
14. Aristides Basílio de Campos
15. Aristóteles Lima
16. Armindo Honaiser
17. Arthur Canfield
18. Arthur de Lima Lângaro
19. Arthur Sussenbach
20. Ben Hur Silva
21. Benjamin D'Agnoluzzo
22. Bráulio de Senna
23. Carlos Soares Moreira
24. Cecy Paim Brittes
25. Celso da Cunha Fiori
26. Celso Fernandes
27. Celso S. Vargas
28. Cirne Pinto Lima
29. Conrado Augusto Hessel
30. Creuza Noeli Carneiro
31. Daniel Czamanski
32. Daniel Dipp
33. Deoclides Gudolle
34. Deodoro Otheiran Alves
35. Derli Lopes da Silva
36. Diógenes Aúildo Martins Pint
37. Dirceu Sartori Carneiro
38. Djalma Silva
39. Edmundo Fioravante Pereira
40. Emilio da Silva Quadros
41. Euclides de Moura Filho
42. Falbo Pimentel
43. Flora Machado Fagundes
44. Francisco Antonio Xavier de Oliveira
45. Francisco Pereira
46. Francisco Salles
47. Fredolin Paim
48. Getúlio de Jesus Martins Pinto
49. Gil Monteiro
50. Gomercindo dos Reis
51. Grey Belles
52. Heitor Saldanha
53. Henrique de Almeida Filho
54. Hernani Gama Lobo
55. Iracema Salles
56. Ivo Paim
57. Ivo Rodrigues Fernandes
58. Jane Pimentel
59. João José de Andrade
60. João Paz Filho
61. Joaquim Ribeiro Guimarães
62. Jorge Edethe Cafruni
63. José Calazans Cardoso
64. José Lamaison Porto
65. José Pain Brites
66. Jovino Silva
67. Juliano Poletto
68. Julieta Guimarães
69. Linda Leone de Senna
70. Manoel Garrido
71. Manoel Gonçalves de Souza
72. Manoelito de Ornellas
73. Mário Daniel Hoppe
74. Mário Garbelotti
75. Moisés Marinho Ribas
76. Múcio de Castro
77. Naldina Lisboa Rodrigues
78. Ney Menna Barreto
79. Ney Vaz da Silva
80. Nira Worm dos Reis
81. Noely Magalhães Brites
82. Odalgiro Gomes Corrêa
83. Oldemar Behrends
84. Orlando Lourenço de Quadros
85. Oscar Aguiar Lima
86. Oscar Borges Vieira
87. Otaviano Isler
88. Paulo Rien
89. Pedro Lopes de Mello
90. Pedro Pellegrinotti Couto
91. Pedro Ribeiro de Rezende
92. Pedro Rien
93. Pery de Castro
94. Podalirio Fontoura
95. Propício Prado
96. Raul de Lima Lângaro
97. Renato Pimentel
98. Ricardo Ricco
99. Sabino Santos
100. Sadi Machado da Silva (Rvd?)
101. Saul Sperry Cesar
102. Serafim Peixoto de Magalhães
103. Setembrino R. da Silva
104. Sueli Carneiro
105. Tarso de Castro
106. Telmo Dornelles de Azambuja
107. Tenêbro dos Santos Moura
108. Teodorico Guimarães
109. Terezinha de Jesus Canfield da
110. Valter Guimarães /Silva
111. Vergínio Demétrio e Silva
112. Victor Graeff
113. Victor Marques Pinto da Silva
114. Vitorino Reveilleau.

Conforme assinaturas conexas da Ata de Fundação de 24.03.1952.

Honório Gasparetto - 17.11.79  
2ª Nota Capataz

Figura 2 - Sócios-fundadores do CTG Lalau Miranda.

Fonte: Acervo documental do CTG Lalau Miranda.

O jornal *O Nacional*, na condição de imprensa escrita local<sup>20</sup>, possui relevância ímpar como vetor do tradicionalismo, como se pretende demonstrar ao longo do trabalho. Sua atuação paralela com a Rádio Passo Fundo, em programas semanais, fez um elo de comunicação com o público com considerável abrangência na atividade de divulgação dos eventos e das manifestações artísticas do movimento. Os primeiros representantes, em

<sup>20</sup> O periódico em questão possui tiragem regional, porém o conteúdo veiculado referencia o contexto local, com o foco no município de Passo Fundo.

comunicação constante com a matriz idealizadora de Porto Alegre, estabeleciam as ligações do CTG com o público por meio da imprensa. Os comunicados difundidos nas páginas do jornal eram frequentes e noticiavam, por escrito, também a atuação da imprensa radiofônica, o que será observado, mais adiante, na exposição e análise da documentação.

A imprensa, de maneira geral, se estabelece na sociedade como mecanismo importante de informação e, também, como possível ferramenta na construção de elementos culturais junto ao público leitor, sendo um veículo importante de mediação cultural. A sua atuação é, pois, de relevância social incontestável, considerando-se o raio de ação como agente transformador no campo da comunicação social. Desse modo, o conteúdo da imprensa escrita necessita de agentes difusores, tornando a informação suscetível a influências internas e externas, de forma mais restrita e, ao mesmo tempo, em atmosferas mais amplas. A imprensa em Passo Fundo, como objeto local, demonstra receber influência externa, em primeiro lugar, na inserção da ideia do tradicionalismo, oriunda da capital do estado, e, em segundo lugar, ostensivamente, na inserção da prática. Nascimento (1992, p. 40-41) relata que a intenção da criação do CTG veio de Porto Alegre e foi propagada entre amigos que, rapidamente, passaram-na adiante, com vistas a respaldar a mobilização. O referido grupo queria estabelecer uma tradição que cultivasse o passado histórico e a cultura do gaúcho, no sentido de estabelecer uma contraposição às influências estrangeiras. Encontrava-se entre tais pessoas o então diretor do jornal *O Nacional*, Múcio de Castro, que, juntamente com os demais, buscou expandir a ideia e agregar apoios na cidade para consolidar a inovação cultural, o que não fugiu à tendência nacional da imprensa, especialmente na primeira década de 1950. Sobre tal período, Abreu anota, em seu artigo:

A década se inicia com uma certa permanência dos temas, formas de expressão e atores que haviam sido centrais nos anos 30-40, ou seja, aqueles que se relacionavam ou estavam preocupados com a construção da nacionalidade. A história do Brasil, o regionalismo, o folclore podem ser indicativos dessa perspectiva. (1996, p. 33)

O momento pós-guerra, de reconstrução e revitalização do sentimento nacionalista, tendenciava ao fortalecimento de identidades, marcas, na tentativa de restabelecer o sentimento patriótico a partir dos vínculos locais e regionais. Assim, a tradição ganhava papel de destaque, na busca de consagrar simples indivíduos de uma sociedade como supostos representantes de uma história honrada e composta por heróis – apenas como apontamento

que demonstra a conexão de um fenômeno com marca local e regional, influenciado por uma tendência mais ampla.

Ao lado das influências internas, o grupo de idealizadores do movimento tradicionalista na cidade foi determinante para que este ocorresse aqui com tais peculiaridades. Diante do exposto, os fatos locais, a opção de um veículo jornalístico pela introdução de novos elementos culturais e o ambiente ímpar que proporcionou a inserção do tradicionalismo clareiam os aspectos do fenômeno em Passo Fundo.

### **3 A DIFUSÃO DO TRADICIONALISMO PELAS PÁGINAS DO JORNAL *O NACIONAL***

A criação do primeiro CTG no ano de 1952, trazendo as ideias tradicionalistas para a cidade, atuou na tentativa de afirmar seus componentes como compositores de um grupo identificado com uma região. Ainda que de forma imaginária, construídas por um discurso nativista, essas ideias fornecem a possibilidade e a sensação de pertencimento aos grupos estrangeiros estabelecidos há pouco no estado. Por sua vez, a adoção de uma tradição com um discurso ligado ao heroísmo, a um passado de lutas e glórias tem um efeito de redenção para quem a cultua. Castoriadis relata sobre a alienação e o imaginário:

A instituição é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e em relações variáveis um componente funcional e um componente imaginário. A alienação é a autonomização e a dominância do momento imaginário na instituição que propicia a autonomização e a dominância da instituição relativa à sociedade. (1982, p. 159)

O indivíduo, a partir da atuação do imaginário, torna-se agente funcional, difusor da ideologia adotada, mesmo sem a comprovação dos precedentes históricos, do real, pelo método científico, o que a faz lacunar na essência, constatação difícil aos olhos do senso comum. Dessa forma, a perda da sua identidade como imigrante<sup>21</sup> – indivíduo com elementos culturais característicos a sua região de origem – o leva a adotar representações culturais, uma tradição de outra região. Embora essa tradição pertença a uma temporalidade distante, é, de certa maneira, praticável nas representações artísticas, nos rituais tradicionalistas, em suma, na representação imaginária de maneira funcional, e reinserida em um espaço graças a um movimento solidificador de uma suposta realidade histórica.

A aproximação do planalto com traços da cultura do oeste do estado, na região de campos e da cultura ligada ao ambiente pastoril, não demonstra total desconexão. Entre os diversos grupos populacionais que se estabeleceram na região norte do Rio Grande do Sul, especialmente a partir da primeira metade do século XIX, após o apossamento das terras devolutas da região oeste do estado e o processo de apropriação do planalto<sup>22</sup>, estão os

---

<sup>21</sup> Levas de estrangeiros que vieram ao Brasil, especialmente a partir da segunda metade do século XIX. No sul do Brasil, foram predominantes as etnias italianas e alemãs.

remanescentes dos latifúndios da campanha, que, ao lado de outros, contribuíram para a transposição de seus traços culturais para outra região. Tal fator foi relevante para os referenciais culturais legados pelo pampa, os quais, juntamente com as variadas culturas da região, formavam uma atmosfera sem identidade única, mas com variados elementos identitários. Essa constatação, porém, se mostra distante de desterritorializar elementos natos em seus espaços e tempos históricos, permeados por peculiaridades ímpares em seus traços culturais, no intuito de consolidar um imaginário redentor com base em uma tradição inventada.

Por analogia, ressalta-se a análise de Hobsbawm (1997) sobre o fenômeno da invenção de uma tradição europeia na África, durante o período colonialista. Segundo o autor, essa prática, cujo objetivo era afiançar a autoridade e o interesse da subordinação dos soldados africanos e do povo nativo em geral, levou à garantia da supremacia nos domínios territorial e econômico – já que a imposição era de uma ordem quase feudal sobre as regiões dominadas –, bem como, obviamente, à quebra dos costumes, das tradições e das crenças locais. Embora em contextos diferenciados, o fato citado assemelha-se, em alguns aspectos, ao fenômeno aqui discutido, pois estão presentes em ambos os casos a tendência inventiva de elementos imaginários dentro de uma tradição, a organização de figuras hegemônicas na hierarquia tradicionalista, bem como o entrelaçamento e a coexistência na pluralidade cultural dos ambientes em questão.

A observação das publicações – que, no período em foco, contam com a atuação da imprensa jornalística, anunciando também comunicações auditivas semanais sobre a introdução do CTG na cidade e outros conteúdos ligados ao tradicionalismo –, a ser feita seguir, visa a abarcar o conteúdo do jornal *O Nacional* de 1950 até a data de fundação do CTG, em 1952. A sequência dessas publicações, que dá uma noção sobre o processo na cidade, torna o trabalho, em certa medida, privilegiado, pois expõe um material vasto para análise. A partir daqui, esse *corpus* será discutido, com ênfase ao conteúdo teórico e à sua relação com a problemática da pesquisa.

As publicações do jornal *O Nacional* a respeito da criação de um CTG na cidade iniciaram em 1951, porém um ano antes já eram publicados conteúdos relacionados ao assunto. As matérias, via de regra, localizavam-se nas páginas centrais do periódico, salvo as comunicações de eventos, que esporadicamente compunham a capa. As edições variavam em número de seis a 10 páginas por exemplar. A seguir, está listado o número de publicações totais da década de 1950, das quais foram extraídas as que constam no trabalho referente à temática abordada:

Tabela 1 – Quantidade de publicações sobre o tema do tradicionalismo na década de 1950.

<i>Ano</i>	<i>Quantidade de publicações</i>
1950	3
1951	30
1952	100
1953	108
1954	126
1955	61
1956	42
1957	32
1958	53
1959	35
1960	33

Fonte: edições de O NACIONAL.

Em 1º de abril de 1950, o jornal *O Nacional* publica uma entrevista com o escritor Manoelito de Ornellas<sup>23</sup>, na qual ele ressalta aspectos da cultura árabe na formação do gaúcho, explicando as origens das peças de vestimenta do homem do pampa, como demonstra o seguinte trecho:

(...) A influência do árabe na formação do tipo rio-grandense justifica-se, portanto, por dois aspectos: pelo português e pelo espanhol. Pelo português do continente e pelo português das ilhas, pois que os Açores foram povoados por algarvinos, então cento por cento árabes, e trabalhadores mouros, importados para o trabalho de suas lavouras de açúcar. [...]. (O NACIONAL, 01 abr. 1950)

O trecho citado é apenas um fragmento do discurso feito em apologia à figura do gaúcho e suas origens. O autor da publicação tenta estabelecer uma antecedência étnica na formação do “gaúcho”. Vale lembrar, porém, que há consideráveis riscos em se definir esse termo, de maneira estanque, pois não há uma convenção para a compreensão de tal elemento, o que decorre da inviabilidade de se determinar, em definitivo, um tipo étnico, ou, ainda, uma regra da miscigenação para sua determinante formadora. (GOLIN, 2004, p. 45). O homem dos campos do sul do estado, sem posses, prestador de trabalhos esporádicos pelo século XIX, em especial, conhecido por muitos como marginal dos campos, identifica, em termos gerais, a figura do gaúcho, porém, sem uma definição estanque de etnia que o caracterize.

<sup>23</sup> Nascido em Itaqui, descendente de italianos e portugueses, autor de vários trabalhos sobre o Rio Grande do Sul e o tradicionalismo. Falecido em 1969, foi um dos fundadores do CTG Lalau Miranda.

As publicações do gênero, idealizadas no sentido de exaltar os elementos daquela tradição, em especial o homem do campo, representado na figura épica do gaúcho, tornam-se mais frequentes a partir de 1951, em forma de entrevistas, de artigos, ou de contos com personagens humorísticos, e, à medida que o ano de 1952 se aproxima, há, notadamente, uma aceleração nesse processo.

Na sequência, apresenta-se a parte final do editorial intitulado “A Revolução dos Farrapos”:

Os revolucionários de 35 são dignos, por todos os tratados, da nossa mais profunda admiração e, quando se sabe que eles lutaram dez anos sem recurso de espécie alguma, mais deve crescer em nós essa admiração. Tão grandes foram eles pela defesa dos ideais, que o próprio Caxias, o pacificador, procurou dar-lhes todas as garantias e fazer com que triunfassem muitos dos mais exigentes pontos de vista. A pacificação foi, por isso, um triunfo para as armas farroupilhas. (O NACIONAL, 01 jun. 1951)

Na apologia aos ideais revolucionários da Guerra dos Farrapos<sup>24</sup> de 1835, mostra-se presente o apoio incontestado ao fato histórico de maior orgulho no meio tradicionalista desde o seu surgimento. O fato em pauta é notoriamente conhecido e reverenciado cotidianamente nesse contexto, pois tal guerra, para os tradicionalistas, constitui o símbolo máximo da bravura do gaúcho na luta pela liberdade. Não há questionamento algum sobre questões relativas a interesses classistas no seio do conflito, ou, ainda, lugar para assuntos polêmicos, como a participação dos escravos no evento. A própria deposição das armas, o que não trouxe prejuízos de derrotados para os líderes do conflito, é tida, aqui, como um triunfo no findar do embate.

A ligação entre Passo Fundo e Porto Alegre evidenciava-se, igualmente, por meio das publicações do jornal, tendo em vista que os componentes do pioneiro CTG 35 também divulgavam seus textos no periódico passo-fundense. Em 1º de agosto de 1951, foi anunciada, pelo jornal *O Nacional*, através de um comunicado, a posse da nova patronagem do CTG 35 de Porto Alegre: “*O ‘35’ Centro de Tradições Gaúchas tem novo ‘Patrão’*. Antonio Candido da Silva Neto está com as rédeas da Estância nas mãos e vai conduzir o ‘pingo’ a uma ‘querência’ feliz”. (grifo nosso)

---

<sup>24</sup> Guerra que ocorreu de 1835 a 1845 e opôs as forças políticas do Império Brasileiro contra os interesses revolucionários dos latifundiários da campanha do Rio Grande do Sul.

Esse comunicado sobre Porto Alegre, feito em Passo Fundo, demonstra a ligação de grupos das cidades em prol do tradicionalismo. Ainda no mesmo texto, os adjetivos românticos acompanham as metáforas de modo a relacionar o pioneiro CTG 35 ao ambiente de uma estância, o que não é de total dissonância, quando o cargo máximo da instituição é o de patrão, e peões e agregados também fazem parte do seu quadro de funções. A hierarquia nos cargos dentro da instituição tenta reproduzir o ambiente pastoril estancieiro, o que, sob qualquer entendimento, não o define, nem à distância, como um ambiente feliz. No entanto, a ideia de adjetivar o ambiente, com vistas a torná-lo cativante, está presente no discurso.

O texto citado acima era acompanhado do logotipo do CTG Lalau Miranda, como ocorria com a maioria das publicações relacionadas ao tradicionalismo:



Figura 3 – **Logotipo do CTG Lalau Miranda.**  
Fonte: O NACIONAL, 17 set. 1951.

O forte simbolismo do homem a cavalo e com o laço em punho compõe tal logotipo. O segundo plano da figura, apresentando o gado no campo aberto e as nuvens ao longe, completa a imagem de um relevo diferente do planalto, onde se localiza Passo Fundo, o que torna evidente a desterritorialização dos elementos. Da mesma maneira que a atividade do homem no campo é cada vez mais atípica, já não é mais necessário o apresamento do gado no laço. As práticas modernas da pecuária fizeram restar obsoleto o desgaste do animal em fuga, prática a partir da qual a qualidade da carne era prejudicada. Assim, a utilização do laço fica,

cada vez mais, no campo do saudosismo, na reprodução das atividades do campo quando outros recursos para a subsistência não eram possíveis e que, hoje, são cultuadas em torneios e disputas que simulam o cotidiano desse passado em recriação.

Sob essa égide, ainda em referência à última citação, em discurso de tempos de paz, a nação já não apresenta contraposição ao estado do Rio Grande do Sul, como nas guerras de outrora. Agora, a figura transcendente do gaúcho é capaz de ser mobilizada, ao menos na teoria, pelo bem do Brasil. Na readequação do discurso, o tradicionalismo se coloca à disposição da nação como espaço maior de pertencimento, porém sem a perda da matriz identificadora.

No dia 17 de setembro de 1951, em plena semana farroupilha, durante a chamada ronda crioula, na preparação da data magna para o gauchismo, foram publicados – como de praxe, ao lado da logomarca oficial do CTG Lalau Miranda – vários anúncios sobre a programação do pioneiro CTG 35. Nessa publicação, constaram datas de eventos, horários, além de orientação para vestimenta durante as comemorações, o que demonstrou, mais uma vez, a ligação do movimento de Passo Fundo com o modelo da capital. Nesse linha, às vésperas das comemorações do 20 de setembro, o jornal publicava o seguinte anúncio: “*Ronda Crioula de 1951 – Comemorações da Semana Farroupilha pelo Centro de Tradições Gaúchas 35*” (grifo nosso). Ainda, no mesmo dia de setembro, ao lado da imagem do ícone farroupilha Bento Gonçalves, estampava-se a seguinte mensagem:

“EPOPEIA FARROUPILHA” – Amanhã, dia 20, o Rio Grande comemora o mais brilhante feito de sua história. A tomada de Porto Alegre. A proclamação de Bento Gonçalves da Silva. Uma eloquente carta de José Garibaldi, companheiro do chefe dos farrapos, lembrando o heroísmo de nossa gente. (O NACIONAL, 19 set. 1951)

A convocação, um convite veemente, foi ilustrada com gravuras dos heróis farroupilhas (Bento Gonçalves e David Canabarro) e detalhes sobre as atividades festivas em alusão à data. Os comunicados trouxeram consigo a importância do heroísmo, especialmente ligado aos nomes conhecidos da Guerra Farroupilha, lembrando, de maneira idealizadora, a atuação de vultos consolidados como referência por uma historiografia tradicional.

As publicações eram diversificadas quanto ao assunto – sempre relativo ao tradicionalismo – e quanto ao gênero: poemas, versos, contos e, em geral, textos tipificados caracterizavam as edições, as quais se valiam muito da prática de iniciar um tema em uma

publicação e terminá-lo nos exemplares seguintes, no intuito de atrair o leitor para a sequência.

No mês de outubro, o jornal publicou o poema intitulado “Adaga”, o qual louvava tal arma utilizada em diversas revoluções no estado. Em novembro, a apologia foi para a sanfona, com o título “Sanfona, velha sanfona”, que, da mesma forma, recebeu a devida exaltação dentro do universo tradicionalista. Em seguida, o exemplar do dia 30 do mesmo mês trouxe uma nota explicativa sobre a autoria do poema veiculado em outubro, com as devidas formalidades do CTG 35 de Porto Alegre, que ainda originava a maioria das publicações ligadas ao tradicionalismo até então.

No mês de dezembro de 1951, foi publicado o poema intitulado “Versos regionalistas”, de Amâncio Gago (codinome). Outros textos poéticos de sua autoria, sobre assuntos do cotidiano do campo em geral, foram veiculados. Nos dias 7, 8 e 9, a temática esteve ligada à caçada de tatu, com versos pitorescos em torno dessa prática, comum na época.

As publicações referentes ao tema foram quase ininterruptas, especialmente nos meses que antecederam a fundação oficial da instituição. Em especial no mês de setembro do ano de 1952 foram 20 publicações referentes ao assunto da fundação da instituição em Passo Fundo. O ano inteiro contabilizou cerca de 100 publicações.

A contundência da informação e a sequência dos fatos, nas publicações, consolidaram o caráter de importância do marco histórico no advento do tradicionalismo gaúcho em Passo Fundo, a fundação do CTG Lalau Miranda.

## **4 O ANO DE 1952: A FUNDAÇÃO DO PRIMEIRO CTG DE PASSO FUNDO**

As atividades de 1952, em Passo Fundo, seguiram os modelos do pioneiro “35” de Porto Alegre. Nesse ano, ainda em sede temporária, foi inaugurado extraoficialmente o CTG Lalau Miranda, a primeira instituição do gênero no município do planalto e levando em consideração a data de fundação, o quarto no estado.

O movimento teve apoio e se fortaleceu, especialmente, a partir de 1952. No dia 24 janeiro, nas dependências do Clube Comercial da cidade, ocorreram os encaminhamentos para a criação da entidade. Nascimento relata sobre a chegada da ideia, trazida de Porto Alegre, por um dos fundadores:

De imediato, o professor contou a novidade para Múcio de Castro, jornalista e diretor-presidente de *O Nacional* [...]. Foi eleita uma comissão provisória presidida pelo jornalista Múcio de Castro, para formar na cidade de Passo Fundo um centro de tradições gaúchas. (1992, p. 40)

O jornalista Antonio Donin, um dos precursores do CTG na cidade e também seu sócio-fundador, é o professor referido na citação acima. Participante ativo no movimento de introdução do tradicionalismo na cidade, em janeiro do ano de 1952 publicou os seguintes versos:

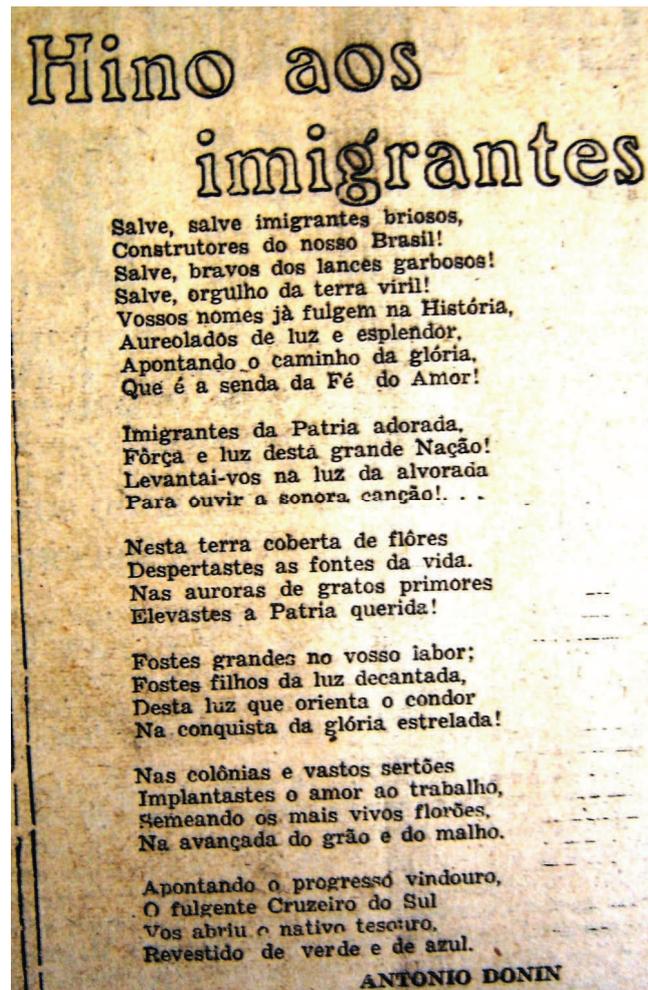


Figura 4 - Versos publicados no jornal *O Nacional*.<sup>25</sup>  
Fonte: O NACIONAL, 01 jan. 1952.

Os versos da imagem anterior sobre os imigrantes chamam a atenção pela exaltação da figura do imigrante. As qualidades e virtudes associadas ao estrangeiro evidenciam-se, sobretudo, por ser o poema de autoria de uma figura importante na introdução do tradicionalismo na cidade. Tal postura, entretanto, constitui uma exceção, considerando-se a retórica tradicionalista como um todo, não apenas no período delimitado para pesquisa, mas também no decorrer de sua trajetória de expansão e na própria atualidade.

Ao longo do processo de introdução e mesmo após a consolidação do tradicionalismo e da instituição na cidade, o elemento estrangeiro não faz parte da suposta composição étnica do gaúcho, de maneira que os referidos versos são dissonantes em relação à ideia de um ambiente que o defina como definição de raça. Isso é comum nas apologias infundadas do discurso tradicionalista. Sobre o assunto, Golin disserta com clareza:

<sup>25</sup> A presente publicação encontra-se em imagem para garantir a sua exposição na íntegra. Os recortes do jornal analisados em sua totalidade serão apresentados dessa forma, buscando ampliar a qualidade do trabalho.

(...) porque o Rio Grande não é constituído por um “grupo étnico”. E também não se pode enquadrá-lo em uma “base biológica” de características raciais homogêneas. É uma região mestiça e multiétnica. Sequer o conceito de etnia pode ser tomado em seu aspecto “cultural”, pois o tradicionalismo, enquanto movimento agremiativo cultural, apesar de sua hegemonia, não é uma totalidade regional. (2004, p. 47)

No dia 05 de janeiro de 1952, foi anunciado, pelo jornal *O Nacional*: “*O C.T. Gaúchas Lalau Miranda homenageará os rotarianos que se reunirão domingo próximo*” (grifo nosso) – ressaltando que a apresentação teria números tipicamente gaúchos para enaltecer os rotarianos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. Tal fato, analisado dentro de um contexto mais amplo, não causa surpresa, haja vista que Múcio de Castro pertencia, desde 1941, ao Rotary Internacional, no qual já havia exercido algumas funções administrativas. O anúncio era encerrado da seguinte forma: “*Será realizado um encantador show dos guasca-puro-sangue destas paragens, com a colaboração de lindas prendas interpretando números musicais do rico folclore pampeano*” (grifo nosso) – fazendo alusão ao aspecto do imaginário do pampa, de modo a reverenciar um suposto folclore dessa região. Sobre a representação artística de tais costumes, oriundos de manifestações culturais do pampa, vale lembrar, ainda, que Ruben George Oliven (1992) registra, com propriedade, a participação dos criadores do CTG “35” de Porto Alegre, no congresso em Montevideu, na comemoração do dia da tradição, em 1949. O relato dos participantes tratou sobre a pobreza das manifestações culturais do Rio Grande do Sul em relação a outras partes do Brasil, de maneira que foi preciso juntar elementos de várias regiões, inclusive retornando a Montevideu, para montar apresentações a partir dessas criações de última hora, para apresentar na Semana do Folclore, promovida pela UNESCO, em Porto Alegre, no ano de 1950. Tais danças e coreografias, criadas às pressas, preenchem a programação tradicionalista no estado há mais de meio século. Com artistas empenhados nessa reprodução contínua, caravanas espalham-se dentro e fora do Rio Grande do Sul em nome da tradição, não havendo qualquer princípio de questionamento sobre a origem ou função social dessas expressões, apenas o seguimento sabatinado da cartilha tradicionalista.

As publicações em torno de figuras como o caboclo, os carreteiros, os imigrantes e outros elementos típicos que fazem parte da formação cultural do estado também foram frequentes, como os versos regionalistas publicados, em partes contínuas e complementares, nos dias 12, 18, 22 e 24 de janeiro de 1952, tratando de um telúrico pescador e de sua atividade. O presente capítulo, porém, centra-se nos elementos essencialmente relacionados

ao tradicionalismo e à fundação do primeiro CTG em Passo Fundo. Com vistas a direcionar o estudo, apresenta-se a publicação do professor Antônio Donin:

A galharda cidade de Passo Fundo, que possui história e tradições, não pode se deixar levar pela voragem da evolução. Ela necessita cultivar o seu passado para lembrar as gerações futuras feitos dos nossos antanhos, a alma que alicerçou essa colméia de trabalho e de idealismo. Imbuídos desse princípio, resolvemos lançar a iniciativa da fundação de um Centro de Tradições Gaúchas, onde se possam agregar os elementos tradicionalistas desta terra e fazer algo que recorde os costumes e sentimentos da gente da futura região da Serra do Rio Grande do Sul. Pela troca de ideias que já mantivemos com expoentes da nossa arte campesina, podemos afirmar que o Centro de Tradições Gaúchas logrará êxito. E informamos, desde já, que essa sociedade visa a se transformar um dia numa pequena ou grande disneilândia [sic]. Apelamos para os interessados no sentido de que se movimentem para tomar parte da reunião de fundação que se realizará ainda esta semana. (O NACIONAL, 22 jan. 1952)

O texto expressa a ideia de continuidade nas representações da tradição, ressaltando a importância da recordação e a tentativa de reprodução do passado. O autor expõe a região serrana como matriz para os costumes tradicionalistas, quando, de fato, o elemento máximo da tradição, o gaúcho, possui suas origens históricas anteriores e na região do pampa.

A referência ao movimento tradicionalista como uma futura Disneylândia é desconexa com a essência do movimento, que, em seu discurso, se mostra adversa aos costumes e elementos estrangeiros. Nesse caso, portanto, verifica-se que a xenofobia, não rara na retórica do gauchismo, cedeu lugar à neofilia, demonstrada na proposta de combater a voracidade da evolução com a possibilidade de reviver um passado reinventado.

A noção de movimento de contracultura frente às ameaças externas, especialmente às influências norte-americanas, exposta inicialmente pelos primeiros tradicionalistas, se faz infundada, sobretudo, quando um dos pioneiros do movimento no Rio Grande do Sul, Barbosa Lessa, relata, no livro de Oliven (1992, p. 82), que as teorias tradicionalistas foram fortemente influenciadas por Donald Pierson e Ralph Linton, sociólogos norte-americanos que escreveram sobre assuntos como sociedade, cultura e tradição. Isso demonstra que a argumentação inicial dos tradicionalistas sobre a noção de contracultura em relação ao americanismo possui algumas incoerências, na medida em que parte do ideário precursor do movimento tem como berço a mesma cultura então contestada.

No dia 30 de janeiro de 1952, são publicados, no jornal *O Nacional*, versos dedicados ao CTG de Passo Fundo. Esse fato não pode ser considerado raro, pois, à medida que o movimento tradicionalista avançava no estado, as homenagens tornavam-se comuns entre cidades que comungavam das mesmas ideias. O fragmento a seguir traz conteúdo significativo em alusão ao ícone referencial da tradição:

### GAÚCHO

(Dedicado ao Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo)

Gaúcho sereno, gaúcho largado,  
De porte altaneiro, de voz compassada.  
De olhos tranquilos, de passo arrastado,  
- Revives nas glórias dos tempos passados.

Gaúcho de ontem... Gaúcho de hoje...  
Tu és sempre o mesmo...

Deixaste teu traje, teu pingo e a estância.  
Teu rancho na estrada há muito é tapera.  
Teu cusco saudoso olhando a distância  
Sozinho à porteira, tristonho te espera.  
Assim és na paz...

Mas quando percebes  
Rumor de peleja  
Teu peito se inflama...  
Respiras mais forte...  
Teus olhos cintilam...  
E em gestos ligeiros,  
Procuras a lance...  
Teu traje e teu pingo  
E vais à coxilha...

Assim és na guerra...  
Porque és maragato...  
Porque és farroupilha...  
Gaúcho de ontem... Gaúcho de hoje...  
Tu és sempre o mesmo...

Tu és liberdade! Não existe na terra  
Ninguém que te vença, ninguém que te mande  
Tu vives ainda... na paz e na guerra...  
Glorioso estandarte do heroico Rio Grande.  
(O NACIONAL, 30 jan. 1952)

A quantidade de adjetivos e virtudes associados a um mesmo personagem é notória. O discurso enaltecedor quase eleva o gaúcho ao panteão da mitologia, demonstrando uma espécie de desempenho histórico, conforme a demanda do momento passado. A

corporificação de virtudes em um único ente impressiona, da mesma maneira que a capacidade de retornar à serenidade dos deuses após seus momentos de fúria. Imperioso e essencialmente livre, tal personagem é glorificado em doses terapêuticas nas páginas do jornal citadino.

Fica evidente, no poema, a blindagem do personagem no que se refere à ação do tempo e à tendência à mitificação do gaúcho, que aparece como uma espécie de fiel depositário de virtudes. Desse modo, pode-se considerar inexistente a mudança de culturas e transformações na temporalidade.

No dia 31 de janeiro de 1952, Emilio da Silva Quadros<sup>26</sup>, secretário da comissão provisória para a fundação do CTG, publicou o convite para uma de suas reuniões, que ainda eram realizadas no salão do Círculo Operário de Passo Fundo. Direcionado a autoridades civis, religiosas e militares, bem como a colaboradores, o convite para participação nos preparatórios da fundação, como de costume, trazia o *slogan* e a logomarca que acompanham o CTG até os dias atuais. No dia 1º de fevereiro, no mesmo formato do referido convite, foi publicada nova convocação para a segunda reunião, com o mesmo objetivo da anterior.

A edição de *O Nacional* de 04 de fevereiro de 1952 rende significativa publicação ao encontro tradicionalista denominado “O conclave tradicionalista de Pelotas”. Nesse texto, dá-se representativa densidade simbólica e valorosa importância aos elementos e referenciais da cultura gauchesca, como demonstra o recorte a seguir:

Falando em tradições e regionalismo ouve-se, às vezes: mas esses que fazem parte dos Centros de Tradições não são genuínos guascas! É claro que muitos não são. E nem podem ser. Se eles fossem gaúchos da tempera dos nossos antepassados não haveria necessidade de fundar agremiações com essa finalidade. O guasca, o verdadeiro guasca estaria aí, como nos tempos em que o homem do sul se governava pela lei do 32, 38 ou 44. Mas o fato é que nosso homem do tempo desaparece por completo porque a civilização vai avançando e destruindo, ao mesmo tempo, os hábitos antigos e implantando costumes novos. E com isso a própria música folclórica tende a desaparecer. (O NACIONAL, 04 fev. 1952)

O texto, de conteúdo expressivo, demonstra o pesar pelo fato de não mais existirem os gaúchos de outros tempos, deixando a impressão de que o referencial traçado pelo personagem mítico do passado não apresenta similaridade no presente, de modo que somente se mostra como algo a ser cultuado. Da mesma forma, fica claro o saudosismo de épocas

---

<sup>26</sup> Tradicionalista de família passo-fundense e sócio-fundador do CTG Lalau Miranda.

passadas, associando o gaúcho a uma sociedade onde os problemas se resolviam pelas armas, o que não está distante da realidade do personagem histórico, definido anteriormente no trabalho.

O texto constata, ainda, que os costumes antigos deram lugar ao avanço da sociedade e que a música folclórica tenderia a desaparecer. Nesse ponto, cabe a seguinte ponderação sobre o tema do folclore:

(...) um determinado fato só é folclórico quando manifestado pelo grupo social que o mantém. Quando esse fato é retirado de seu espaço social, desencarnado dos seres reais que o justificam e o sustentam como manifestação do grupo, e levado para outro espaço, por outros agentes e grupos artísticos, por exemplo, deixa de ser folclore. (GOLIN, 2004, p. 31)

Os apontamentos de Tau Golin acerca do assunto definem a utilização do conceito dentro do tradicionalismo no período em questão. A recriação de uma musicalidade como expressão folclórica, ou manifestação da cultura de um tempo histórico distante, revela um entendimento equivocado sobre o termo e a sua utilização, o que se comprova pela reprodução das publicações anteriores, na medida em que há uma vontade expressiva em definir o passado a partir de um exemplo redentor. Existe, no tradicionalismo, a tentativa de demonstrar que as manifestações culturais recriadas podem trazer consigo, mais do que a representação do passado, a ideia de uma identidade como garantia de existência por meio de elementos identitários definidos sob um repetitivo discurso legitimador.

Em 08 de fevereiro de 1952, foi publicado, pelo secretário da comissão provisória de fundação do CTG Lalau Miranda, outro convite, nos padrões dos anteriores, para nova reunião a tratar do mesmo assunto, como evidencia a imagem abaixo:

"Em qualquer chã, sempre gaúcho,  
pelo bem do Brasil"

**Centro de Tradições Gau-  
chas de PASSO FUNDO**

Reunião, HOJE, às 20,30 horas, na  
Agência G.M.C.

**CONVITE**

De ordem do sr. Presidente  
da Comissão Provisória pró-  
fundação do CENTRO DE  
TRADIÇÕES GAUCHAS DE  
PASSO FUNDO, tenho a sa-  
tisfação de convidar as auto-  
ridades civis, militares, reli-  
giosas, representantes da so-  
ciedade e todos quantos dese-  
jam colaborar no culto à tra-  
dição do «pago», para toma-  
rem parte na 3a. reunião pre-  
liminar, que terá lugar HO-  
JE, sexta-feira, dia 8 de  
fevereiro, às 20,30 horas, no  
recinto da G. M. C., na Avo-  
nida Brasil.



A essa reunião, além de todos os membros da Comissão  
Provisória do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo,  
estarão presentes, figuras destacadas do folclore pampeano  
de nossa cidade, abrilhantando a sessão com suas tróvas repen-  
tistas, quando, certamente, se travarão algumas porfias  
ao som do «pinho» e da «cordeona». . . de voz trocada. . .

**EMILIO DA SILVA QUADROS**  
Secretário da Comissão Provisória.

Figura 5 - Convite publicado no jornal *O Nacional*.

Fonte: O NACIONAL, 08 fev. 1952.

O comunicado refere-se ao folclore pampeano de Passo Fundo, o que deixa novamente em evidência a transposição cultural na forma de uma cultura regional fronteira no planalto. A imagem acima reitera a publicação do logotipo e do *slogan* do CTG Lalau Miranda nas comunicações sobre o assunto.

Na sequência, a edição do dia 09 de fevereiro de 1952 – mês que contou com 14 publicações sobre tradicionalismo –, dá continuidade aos anúncios finais, antes da fundação da primeira entidade do gênero na cidade. As transmissões ao vivo pela Rádio Passo Fundo, com atuação paralela ao jornal, demonstram o empenho nesse sentido:

Realizou-se ontem a última sessão preliminar pró-fundação do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, no amplo recinto da agência GMC desta cidade, gentilmente cedido pelo Sr. Ney Vaz da Silva, iniciando-se os trabalhos às 21 horas, contando com regular assistência. [...].

A próxima reunião de fundação definitiva do Centro de Tradições será previamente anunciada pelo *O Nacional* e pela ZYF-5, rádio Passo Fundo. (O NACIONAL, 09 fev. 1952)

No dia seguinte, saúdam a tradição e o gauchismo os versos do poema intitulado “20 de setembro”, de autoria de Maximiliano de Almeida<sup>27</sup>, em que o heroísmo farrapo e o cotidiano do gaúcho se elevam:

O gaúcho do Sul a Deus pertence  
E a coivara da roça sempre empilha;  
Se se mete em combate logo vence  
E o vencido na luta nunca humilha.

Nosso Bento Gonçalves alto brilha  
Cá na história da Terra Rio-Grandense,  
Veterano do embate da coxilha  
E o nome Farrroupilha lhe pertence.

Se levanta a cantar, cantando o galo,  
Vindo logo tomar o chimarrão  
E pões freio depressa no cavalo.

Galopeando com laço sempre à mão  
Nunca faz na peleja um intervalo,  
Dos pagos conservando a tradição.  
(O NACIONAL, 10 fev. 1952)

A ideia do gaúcho fazedor de coivara na roça não possui relação com o personagem, pois o homem da campanha sulina, em ambiente pastoril, não tinha como atividade a queima do mato para plantação, como se define essa prática. Da mesma maneira, ao longo do seu processo de expansão, o tradicionalismo não enquadra seu ícone máximo em tal atividade, havendo, portanto, nesse poema, um equívoco na relação de um personagem distinto com uma prática que não pode ser inserida em tal contexto.

Nessa mesma data, publicou-se um comunicado sobre um churrasco proporcionado ao meio tradicionalista e, ainda, sobre a doação de artefatos para o museu da instituição em fase de criação. Assim, a continuidade e o número de publicações em torno do assunto demonstram o empenho e a massiva campanha em prol da introdução e consolidação do tradicionalismo na cidade.

No dia 13 de fevereiro, publicou-se o poema, já conhecido no meio tradicionalista e intitulado “Gaúcho que é bem gaúcho”, de Arthur Süssenbach<sup>28</sup>, enaltecendo, como de costume, a figura emblemática do gaúcho. Já no dia seguinte, *O Nacional* traz o poema

<sup>27</sup> Coronel da Brigada Militar e apoiador do movimento.

<sup>28</sup> Tradicionalista e sócio-fundador do CTG Lalau Miranda.

“Galpão de Estância”, de Jayme Caetano Braum<sup>29</sup>, que, também, reverencia elementos tradicionalistas. Ainda nessa edição, Glaucus Saraiva, outro personagem importante na introdução do tradicionalismo no estado, publica a “Lenda do quero-quero”.<sup>30</sup> Figura marcante no contexto do sul do Brasil, o pássaro, também conhecido como sentinela dos campos e guardião do Rio Grande do Sul, é frequentemente evidenciado nas expressões artísticas do tradicionalismo.

No dia 18 de fevereiro, demonstrando a ligação entre imprensa e tradicionalismo, bem como a atuação conjunta na tarefa de expandir o movimento pelo estado, o jornal *O Nacional* de Passo Fundo recebe um representante da entidade de Santa Maria:

PONCHE VERDE CTG DE SANTA MARIA

Sr. Emílio Francisco Rodrigues – Procedente de Santa Maria

Encontra-se desde ontem nesta cidade o Sr. Emilio Francisco Rodrigues, 1º secretário (sota-capataz) do Ponche Verde – Centro de Tradições Gaúchas de Santa Maria, e residente naquela cidade.

O Sr. Emilio Francisco Rodrigues trouxe a sua visita de cumprimentos a *O NACIONAL*, demorando-se em agradável palestra nesta redação ontem à tarde, o sota-capataz do Ponche Verde estabeleceu contato com a gauchada passo-fundense, tendo visitado a sede do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, onde foi cordialmente recepcionado pelo Sr. José Paim Brites, diretor da Invernada Cultural. (O NACIONAL, 18 fev. 1952)

No intuito de propagar o movimento tradicionalista, o conteúdo textual demonstra o correlacionamento entre as cidades que haviam introduzido o CTG há pouco tempo. Como demonstra a publicação, o entrelaçamento das instituições do gênero foi comum em todo o processo de criação dos CTGs pelo estado. Corroborando tal afirmação, no dia 20 do mesmo mês, foi publicado novo anúncio em alusão à visita do representante da cidade de Santa Maria.

Encerrando as publicações do mês de fevereiro, faz-se presente um conto que traz como personagem um descendente de índios de comportamento bravo e destemido. O texto, cuja construção conta com adjetivos importantes para esta análise, não por meio de uma associação direta, e sim de forma implícita, apresenta a figura emblemática do gaúcho:

<sup>29</sup> Ainda nos dias atuais, um ícone entre os tradicionalistas, considerado o principal poeta do tradicionalismo.

<sup>30</sup> Segundo a lenda popular, quando a sagrada família fugia para o Egito, com medo dos soldados do rei Herodes, muitas vezes, precisou se esconder no campo. Numa dessas vezes, Maria, protegendo o menino Jesus, solicitou a todos os bichos que fizessem silêncio, que não cantassem, porque os soldados do rei poderiam ouvir. Somente o quero-quero não obedeceu e cantou: Quero! Quero! Quero! Disse tanto que foi amaldiçoado por Maria, tendo que cantar assim até hoje.

## VENTURA E A SÉTIMA ARTE

(Qualquer semelhança com pessoas ou fatos da vida real será mera coincidência...)

Arthur Süssenbach

Por falar em gauchadas, amigos, lembrei-me agora de um cabra que conheci no município de Cachoeira, que atendia pelo nome de Ventura.

Seu verdadeiro nome que o cabra ainda existe, é Boaventura e justamente por ele existir é que não dou o seu sobrenome, pois que pode dar sujeira, e o homenzinho não é de brincadeira. Isso foi lá pelo ano da graça de 1928 ou 30. Caboclo descendente de índios semianalfabetizados e valente como seiscentos diabos... Não havia carreiramento nas imediações na cancha da Ponta do Mato ou do Açouta Cavallo que o dente seco do Ventura não estivesse presente e não fizesse das suas. Bebia cachaça no bico da garrafa, jogava o sete baiano, o osso o bacará e acabava sempre botando um fervero; mas entreveros daqueles quem nem as barracas das quitandas ficavam em pé.

Certa vez lembro-me que ele cruzou a cavalo por dentro de umas dessas barracas, levando o pano de algodão caboclo todo enleado na cabeça do matungo... O fim de toda carreirada, de todo comércio em que o Ventura comparecesse, era uma carnificina dos demônios... E não havia inspetor de quarteirão ou brigadiano que não apanhasse uns pranchaços de suas línguas de vaca e não acabasse sendo desarmado e ridicularizado do Ventura. Era uma trabuzana de marca... Todo mundo tinha medo dele, quando empinava a branquinha... [...]

O personagem acima exposto traz variados elementos culturais em sua caracterização, porém fica presente a ideia da coragem e de um comportamento acima da lei, auxiliando a mitificação da imagem e, ao mesmo tempo, contrapondo-a ao ícone capaz de trazer consigo moral e virtudes importantes para a sociedade, como traduz o discurso jornalístico na década em questão. Entretanto, esse fato não determina, com clareza, em momento algum, os aspectos históricos e culturais dessa figura. A observação sobre as semelhanças como meras coincidências ressalta, indiretamente, a possibilidade de a situação relatada aproximar-se da vida real, de certa forma, levando o leitor a identificar-se com o contexto citado na publicação. A seguir, expõe-se a sequência do conto:

(...) Sua ocupação consistia no seguinte:

Comprar um trecho de mato a um herdeiro qualquer, outro de outro, e mandar cortar a lenha e os dormentes, para a estrada de ferro. Aos sábados o Ventura aparecia na lenheira, para receber dos cortadores a lenha, pagando aos mesmos mil e quinhentos por metro, empilhada e sem gaiola, e três mil e quinhentos por dormente falquejado, no estaleiro, donde depois mandava recolher com suas carretas. O pagamento da peonada era feito mediante vales nominais, que eram recebidos numa das vendas das imediações, a troco de gênero e para serem resgatadas tão logo que fizesse a entrega da lenha à Viação Férrea, ao menino no mato sobre a cabeça do lombinho, ele esperava os vales dos bravos lenhadores...

Mas deixa estar que em certo dia passou pela sua empresa uma alarife qualquer dizendo-se proprietário de um cinema ambulante, que dizia ser o que havia de melhor no gênero... Em determinados dias passava ele os seus detalhes do filme, extraviando-se para isso um engenho rudimentaríssimo, acionado a carbureto marcava a função na casa do Jacinto Almeida, do Atalicio de Oliveira, no galpão dos Machado, no Lalico nos quais já havia adredemente combinado, saía então a fazer a propaganda, e os convites a cavalo pelas granjas de arroz, pelas vendas, pela lenheira do Ventura, mandado recado aos pais dos piás que encontrava na entrada por toda parte.

A uma dessas funções na casa do Lalico, o Ventura compareceu com sua família, composta de mulher, duas filhas já moças, umas chinocas feias que nem rodada de cusco em lançante e mais... (O NACIONAL, 28 fev. 1952)

O texto ressalta a influência nativa indígena na formação étnica do personagem, comumente abordada nos discursos tradicionalistas que tentam demonstrar a ligação do índio com o gaúcho, em um processo de aprimoramento racial, como se a miscigenação tivesse originado uma raça apurada, fruto da fusão de etnias que compuseram a história do Rio Grande do Sul. Sobre isso, Tau Golin afirma:

Os extermínios dos charruas e dos minuanos, povos que ocupavam os campos ambicionados pelos conquistadores, são provas históricas da barbárie genocida dos latifundiários. Enquanto guaranis e caingangues, grupos do planalto, não sucumbiram completamente, os pampeanos foram vítimas de um etnocídio – isto é, essas etnias deixaram de existir como grupos socioculturais. (2001, p. 105)

Tais apontamentos ficcionais, portanto, não condizem com a ideia de miscigenação na composição de um tipo étnico gaúcho a partir do ambiente pampeano, especialmente sob o argumento acima exposto. Desse modo, a determinação do gaúcho como tipo étnico se faz infundada quando confrontada com os fatos da história. Nesse sentido, não há como conceber a ideia de definição étnica a partir do entrelaçamento de elementos que não determinam, com clareza, sequer os aspectos culturais no discurso jornalístico em questão.

Os preparativos para a fundação oficial do CTG Lalau Miranda aceleraram-se em março de 1952, mês em que, finalmente, instituiu-se. No dia 08, é publicado o conto “A viagem do

gringo”, de mesma autoria do texto anteriormente examinado. Dessa vez, tem-se a narração de acontecimentos pitorescos de um personagem cômico que se faz presente no cotidiano tradicionalista, especialmente porque o elemento estrangeiro, nesse contexto, aqui incorporado pela figura do gringo, não é reconhecido em sua suposta originalidade como gaúcho. Ainda que o tradicionalismo tenha crescido em manifestações com a notória ajuda dos descendentes de estrangeiros no estado (imigrantes), a estes, por muitas vezes, é destinado o papel de elemento exógeno, alheio ao contexto evocado. No conto em análise, rotula-se o personagem principal em suas peripécias, na mesma intensidade em que se exalta o gaúcho em outros discursos:

#### A VIAGEM DO GRINGO

(Qualquer semelhança com personagens ou fatos de vida real será mera coincidência...)

Arthur Süssenbach

Bem, amigos, já que ninguém vai contar nenhum caso, vou eu lhes narrar, não propriamente umas gauchadas, mas umas façanhas de um cabra que conheci, lá pras bandas de Canheira.

Lembram-se do Ventura? Aquele cabra que quase virou o bicho quando o Lolico foi apagar a vela para passar o filme? Pois estas que lhes vou contar hoje são de um vizinho do Ventura, Nercio dos Santos, mais conhecido pelas redondezas pelo apelido de Gringo, era só falar no Gringo dos Santos e todo mundo sabia quem era, pois muito bem.

O Lipe já acorrodado, retorcia-se de tanto rir, fazendo lembrar uma minhoca em terra lavrada...

Na cidade depois de fazerem algumas compras, falaram com o advogado, iriam ao cartório reconhecer algumas firmas – O Gringo sempre assustado que nem Zebu no laço – sugeriu ao Lipe que eles bem poderiam ir almoçar num hotel que conhecia, La nas imediações da estação.

O Gringo, porém, estava preocupado com as despesas, pois o dinheiro que levava não era muito, e mesmo julgava que o hotel era para abastados, para gente rica, não para pessoas humildes e de poucos recursos como ele. Poderia comer umas bolachas com rapadura e pronto.

Entretanto o Lipe com muita conversa, conseguiu persuadi-lo. Disse-lhe que quando sentasse a mesa, só come-se feijão... que assim ele só pagaria a quarta ou a quinta parte dos outros...

Muito bem, sentados a mesa foram-lhes servidos vários pratos, mas daqueles de fazer correr água da boca, amigos... galinha, macarronada, bife com ovos, arroz, etc... O Gringo (acampou) no prato de feijão e devorou todinho...

Pediu repetição e limpou novamente o prato-travessa.

E enquanto o gringo se divertia com a feijoada, o Lipe devorava sozinho a galinha, a macarronada, os bifos, ambas as sobremesas de pês e os cafezinhos. Veja só que alarife de conta! Também andava faminto o coitado. Quando foi na hora de pagar...

[...]

É importante lembrar, aqui, o entrelaçamento de elementos culturais descritos em um único ambiente, fato que, comumente, não ganha notoriedade ou atenção no processo de consolidação do tradicionalismo. Abaixo, apresenta-se a continuação do conto:

(...) Garçom, quanto é? perguntou o Lipe.

- Dez mil réis cada um.

- Mas eu comi só feijão, reclamando o Gringo, grelando os olhos.

Bem reagiu o garçom, eu não tenho a culpa... se o senhor só comeu feijão, foi por que quis seu...

- Tu me paga, papo amarelo miserável, na vorta quem vai te armoça so eu, disse o Gringo em tom ameaçador para o companheiro e levantando-se da mesa. Brabo que nem cobra caninana com filhote... Para vingar-se do Lipe, já ao entrar no trem, de regresso não cumprimentou e durante todo o percurso não pronunciou uma palavra.

Ao desembarcarem, antes de montar a cavalo, o Gringo agachou-se perto de uma cerca e apanhou um pé de urtiga: assim que o Lipe ia colocar o pé no estribo enfiou a erva braba embaixo do rabo da égua do companheiro. Olhem, amigos, nem lhes conto...

Foi (upa) e o Lipe rolou pelo chão com seus pacotes de compras que nem raposa baleada. A égua saltou como um raio, campo fora, com os arreios lá na verilha...

- Orre tasca, balbaceou o Gringo. Tu comeu bem, agora vai de a pé infeliz!

E o Lipe foi mesmo a pezito no mais quase uma légua. A égua dele foi encontrar só com uns pedaços dos arreios, sem os pelegos e a carona, no meio de uma manada, bem perto da sua casa já quase com o luar.

Pois mesmo assim, havia quem chamasse o Gringo de caipira, de mala-branca ou coisa parecida. Mas não se lembravam que cada qual é o mestre no seu chão, ora essa...

Se tigre não é p'ra campo, ovelha também não é p'ra mato, não é verdade? Esse Gringo era mesmo bicharedo... (O NACIONAL, 08 mar. 1952)

Embora os feitos do personagem do texto sejam anotados como “gauchadas”, como sinônimo de peripécias, o elemento definido como gringo não tem os mesmos predicados que o gaúcho, ser superior e quase mitológico, conforme a exaltação do discurso tradicionalista.

No dia 10 de março, ocorreu um programa radiofônico com programação vinculada ao CTG. A participação de Múcio de Castro demonstra o apoio e a extensão da campanha de criação da incipiente entidade, como ratifica a publicação a seguir:

“Em qualquer chão, sempre gaúcho – Pelo bem do Brasil!”

O Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo ao microfone da ZYF – 5

O Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, atendendo as suas finalidades, que é difundir por todos os meios os costumes e o folclore gauchescos, reavivado a chama do passado pampeano, levou a efeito ontem, às 15 horas, magnífica audição transmitida pelas ondas da simpática ZYF 5, rádio Passo Fundo que, neste respeito, tem procurado colaborar elogiavelmente com a nova entidade tradicionalista.

Iniciou a audição com um fundo musical próprio, tendo feito a apresentação do programa, o Jornalista Múcio de Castro, presidente do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, que explanou as finalidades do “Centro, que é reviver as Tradições do Rio Grande, difundir, exaltar e cultuar os feitos heroicos dos nossos antepassados, as personalidades varonis, daqueles bravos que nos legaram um Rio Grande inconfundível, indissolúvel de gente heroica que batalhou pela estrutura mestra na formação da Pátria”. Disse que o Rio Grande lendário, revivido, que se simboliza na expressão imortal de um Bento Gonçalves, de um David Canabarro, e através de tantos outros, permanecerá imortal em nossos corações. Vamos, através de nosso riquíssimo FOLCLORE, reviver as tradições da época, lembrar fatos e coisas do nosso Rio Grande, a mais pujante unidade de Federação, sempre elevando o nome do Brasil. Estamos trabalhando pela sobrevivência de nossos hábitos e costumes, exaltando o cavalheirismo da gente pampeana, os feitos notáveis que a história guardou porque cultivar as tradições do “pago” reviver os feitos de nossos maiores, sublinhar os nossos costumes, nossos hábitos, vem constituir o renascimento ético dos pioneiros que nos deixaram um legado imperecível.

Depois da apresentação feita pelo presidente do Centro de Tradições Gaúchas, o Sr. José Paim Brites declamou a poesia gaúcha do brilhante poeta e escritor Rui Cardoso Nunes, intitulada “Tropilha perdida”, que foi muito apreciada.

A Srta. Cecy Paim Brites, logo após, declamou o majestoso poema do poeta Waldomiro Souza, “O gaúcho não morre”, o que foi feito com muita alma, causando a melhor das impressões.

Falou, após o Sr Emilio da Silva Quadros, secretário do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, que fez uma preleção a propósito das atividades e das finalidades do Centro que, pela clareza, maestria e propriedade, agradou aos ouvidos da ZYF-5.

O Sr. Gomercindo dos Reis, conhecido poeta aqui residente, recitou varias poesias pampeanas, sob dominação de “Trovas gaúchas” magnificamente declamadas que tiveram grande repercussão [...]. (O NACIONAL, 10 mar. 1952)

O conteúdo do texto mostra-se contundente no sentido da valorização de uma história de heróis, na exaltação dos líderes farroupilhas como referências de um passado que, segundo a composição acima, legou ora bravura e heroísmo, ora requintes de cavalheirismo. Sob a convocação de reviver os tempos idos, nas ondas da rádio da cidade, era aclamada a imortalidade do gaúcho, na propaganda doutrinária dessa tradição.

A publicação do dia 17 de março referiu-se ao programa do dia anterior, quando Múcio de Castro informou ao público ouvinte os motivos do atraso da fundação da entidade em pauta, lembrando, aqui, que a imprensa radiofônica mostrou-se bastante atuante, paralelamente ao jornal, em programas semanais na divulgação dos assuntos referentes ao CTG de Passo Fundo:

Mais uma audição radiofônica do Centro de Tradições Gaúchas de PASSO FUNDO Declamações de versos gauchescos – Uma comunicação do 35 Centro de Tradições Gaúchas de Porto Alegre – Abridhantou o programa de ontem a dupla Orlando e Alfredinho.

Foi ontem realizada mais uma hora radiofônica, na rádio Passo Fundo, sob o patrocínio do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo com o início às 13 horas, sendo este o segundo programa realizado por este Centro, aos domingos tendo sido recebido com geral interesse e agrado pela população passo-fundense.

O programa contou com a colaboração de diversos elementos do Centro, destacando-se a dupla Orlando e Alfredinho, que apresentaram vários números de seu vasto repertório regional, ao toque de gaita e violão, merecendo calorosas palmas do auditório.

Iniciando o programa, usou da palavra o presidente do grêmio, jornalista Múcio de Castro, que expôs as atividades de pré-fundação, tendo ocasião de ler ao microfone o seguinte telegrama recebido de 35 Centro de Tradições Gaúchas de Porto Alegre:

Ilmo Sr. Múcio de Castro – Diretor do *O NACIONAL*

Orgulhosos, enviamos o nosso abraço crioulo aos valorosos expoentes da tradição do (pago), desejando que nossa idéia se torne realidade para glória do nosso amado Rio Grande. Seguiu para VARIG material para fundação, bem como estatutos: ANTONIO C. SILVA NETO – Patrão do 35 Centro de Tradições Gaúchas. [...]

O escrito acima demonstra o cuidado da matriz em Porto Alegre com a transposição das ideias, das normas e dos estatutos, o que não foi diferente nas réplicas que se sucederam dentro e fora do estado do Rio Grande do Sul, a partir do ideário tradicionalista e do movimento organizado. Eis a sequência da publicação:

(...) A seguir o jornalista Emilio da Silva Quadros, secretário da Diretoria Provisória, ocupou o microfone pronunciando uma alocução, esclarecendo os motivos por que não foi feita a fundação definitiva do Centro, e finalizou recitando a poesia de Vargas Neto “O porfiador vencido”, que mereceu calorosas palmas.

Voltou ao microfone o presidente Múcio de Castro, a fim de apresentar aos ouvintes a dupla Orlando e Alfredinho, fazendo encomiásticas referências aos referidos artistas do nosso folclore. Em seguida apresentou-se a dupla, executando o seu primeiro número de programa, com vibrantes palmas do auditório. O centrista José Paim Brites recitou a poesia “Galpão” de Chico Ribeiro, de Santa Maria, poesia esta que transcreveremos oportunamente em: *O NACIONAL*. O poeta Gomercindo dos Reis recitou versos de sua autoria sob o título “A sereia da ferraria”. A Srta. Cecy Paim Brites mereceu fortes aplausos, declamando com vibração a linda poesia gaúcha de Waldomiro Souza, denominada “Meu pingo crioulo”; o poeta Jovino Silva recitou a poesia campeira de Manoel do Carmo “Ai Patrícios” e leu a colaboração de João Porfilio de Carazinho, instituída “Reminiscências”, voltando a dupla Orlando e Alfredinho executando novo número de seu repertório. O presidente Múcio de Castro dirigiu a palavra aos ouvintes, agradecendo à Rádio Passo Fundo, aos colaboradores do programa, especialmente a dupla Orlando e Alfredinho, que muito abridhantou a segunda apresentação do Centro de Tradições Gaúchas, através da rádio local.

Em seguida o programa foi encerrado pela referida dupla que executou mais toada gauchesca, vibrantemente aplaudida pelos presentes: Mari, Olga Benincá, comissão auxiliar: Exmas Sras. Iris Bergamaschi, Maria Braga Moreira, Helena Salton, Irma Giavarina, Haidée de Cesaro, Constance Corá, Ilma Langaro e Helena Langaro. (*O NACIONAL*, 17 mar. 1952)

As apresentações artísticas ocorriam ao vivo na Rádio Passo Fundo, levando ao público, também por meio de comunicação, o conteúdo publicado nas linhas do *O Nacional*. Em ambos os casos, os elementos simbólicos e representativos na atuação do tradicionalismo eram comumente exaltados.

Na mesma edição, consta a publicação em torno da ave símbolo do estado, a qual faz parte do emaranhado poético em que se unem elementos simbólicos importantes na constituição do discurso tradicionalista:

QUERO-QUERO

Por que o mundo é apenas uma saudade do que deveria ter sido, os seres nascem com predestinação para o infortúnio.

Hernani de Carvalho Schimidt

Ave dissimulada! O teu orgulho é triste  
Por querer ocultar o que o teu canto pede  
No entanto, a tua angústia a todas mais excede,  
Querendo um Paraíso que não mais existe.

Mas é inútil querer... Só a do é real.  
Esse mal sem remédio a todos nós perdeu.  
E si sei a verdade é porque Deus me deu  
Profunda instituição da vida universal,  
O mundo é uma saudade, assim como as taperas  
E por que o mundo é assim na dor te desesperas  
Nessa atroz aflição que te envenena a vida

Dentro da treva densa ou claro plenilúcio  
Como quem quer voltar a uma pátria perdida,  
Hás de sempre querer, para teu infortúnio.  
(O NACIONAL, 17 mar. 1952)

O quero-quero, na condição de personagem poético, incorpora elementos como saudosismo e martírio, na busca do elo perdido com o passado, a partir de um sentimento patriótico atrelado a cada elemento possível de carregar uma bagagem de significados relacionados ao imaginário tradicionalista. A ave presente no pampa faz companhia ao cavalo e ao gado vacum, animais que atuam com proporcional importância nos campos imaginários do tradicionalismo.

No dia 19 do mesmo mês, é publicado o poema “O galpão”:

## O GALPÃO

Chico Ribeiro

Paredes de pau a pique,  
 Esteios de guajuvira,  
 E o santa fé da coberta,  
 Passado em corda de imbira.

Esteiras feitas de varas,  
 Um pouco acima do chão –  
 - o serigote, um pelego.  
 - isso é cama de galpão!

Porta aberta, que nem sempre,  
 Dá segurança à tramela...  
 - Bomba e cuia, cuia e erva,  
 Água pra rosto em gamela.

Lonca, sebo, lenha e sal.  
 - facão de mato e espingarda  
 Um ou dois “cuscos” apostos,  
 De ronda, montando guarda!

Arado, grade, pilão...  
 - a ferramenta encostada...  
 Um laço a trempe de arame  
 E a chaleira encascurrada!

Arreios, cangas, tamoeiros,  
 ferros de marca - espigão,  
 Carne, espeto, fogo grande  
 Aceso inverno e verão.

Eis aí, ligeiramente,  
 O que se chama galpão –  
 - Esse pedaço de gente,  
 - Remendos da tradição!  
 (O NACIONAL, 19 mar. 1952)

O galpão, como referência de apoio para os trabalhos do campo, sucumbe diante de sua significação simbólica no universo tradicionalista. Esse elemento, que, aqui, aparece como espaço de trabalho, de labor do campo, é de suma importância, pois será a referência básica de espaço-modelo na criação dos CTGs. As entidades, ao longo do desenvolvimento do tradicionalismo, dentro e fora do estado, denominam como galpão o espaço social de reuniões nas atividades tradicionalistas, o que demonstra a ressignificação simbólica e a remodelação física de um ambiente para a adequação da proposta conciliadora de elementos históricos descontextualizados em uma atmosfera de harmonia, de exaltação de um passado reinventado.

As imagens e os simbolismos relacionados ao tradicionalismo demandam uma leitura diferenciada sobre suas composições. É necessária, além do exercício da abstração, uma compreensão dos simbolismos que constroem o universo imaginário nas ressignificações. Os apontamentos dos aspectos mais direcionados à fenomenologia<sup>31</sup> não pretendem trazer a lume questões inovadoras. Entretanto, existe a necessidade da compreensão de estruturas veladas, que extrapolam o conhecimento ordinário, perpassando as singularidades, em características essencialmente humanas, relacionadas aos elementos poéticos<sup>32</sup> na formação do imaginário.

A figura do galpão, no contexto do tradicionalismo, contém uma significação que vai além da percepção ingênua de muitos adeptos do modelo. Outros símbolos poderiam ser utilizados, como o laço, o cavalo, ou, ainda, o chimarrão, todos simbolicamente representativos. O galpão, todavia, invoca percepções que consolidaram sua figura onipresente no culto ao passado. A partir das considerações de Bachelard, em seu livro *A poética do espaço* (1993), é possível lançar um olhar diferenciado sobre o engrandecimento simbólico em torno da figura da *casa do gaúcho através dos tempos*.

O galpão inventariado como *casa* é pertinente à análise do teórico acima citado, em que o mesmo faz uma leitura deste último espaço como elemento poético importante, repleto de significados em suas definições. Leia-se, então, *casa* como galpão, no fragmento a seguir:

Nessa comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico.

Essa transposição do ser da casa em valores humanos pode ser considerada como uma atividade de metáforas? Não haverá aí senão linguagem imagética? Enquanto metáforas, um crítico literário haveria de julgá-las exageradas. Por outro lado, um psicólogo positivo reduziria imediatamente a linguagem carregada de imagens à realidade psicológica do medo de um homem murado em sua solidão, de qualquer ajuda humana. Mas a fenomenologia da imaginação não pode se contentar com uma redução que transforma as imagens em meios subalternos de expressão: a fenomenologia da imaginação exige que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos da vida. Quando a imagem é nova, o mundo é novo. (1993, p. 62-63)

---

<sup>31</sup> Embora também presentes no decorrer do trabalho, aqui se mostram mais evidentes, a partir do referencial teórico de Bachelard (1993). Portanto, entende-se, brevemente, fenomenologia como o estudo de um fenômeno ou de um conjunto de fenômenos que se definem, quer por oposição às leis fixas que os ordenam, quer por oposição às realidades de que seriam a manifestação. Pode ser caracterizada, principalmente, pela abordagem dos problemas filosóficos, numa tentativa de reencontrar a verdade nos dados originários da experiência, esta entendida como a intuição das essências. Ver ABBAGNAMO, 1998, p. 437-438.

<sup>32</sup> Aqui, entende-se poesia como expressão de sentimentos, resultado de estímulos sensíveis para a feitura da arte, isentando-se, assim, da definição simplista da arte de fazer versos.

O espaço do galpão para o gaúcho estabeleceu, para o personagem histórico, a intersecção entre o homem e o campo, entre o ser e o mundo, sua existência ligada ao universo de origem. O galpão, naquele contexto, era o refúgio das intempéries, local de descanso e com outras funções intimamente ligadas aos seus significados, dentro das particularidades irreproduzíveis da época. Porém o galpão de então, dos tempos atuais, diferentemente da casa referenciada no texto acima, está transposto no universo tradicionalista recriado, trazendo consigo particularidades históricas com o acabamento da imaginação poética. Por esse motivo, é complexa a representação dos significados desconectados de suas regiões temporais e espaciais, pois se corre o risco de compor posicionamentos subjetivos, algo distante do propósito da pesquisa.

Na edição do dia 19 de março de 1952, importante comunicação é feita. Representantes do movimento tradicionalista de Porto Alegre retribuiriam visita, fazendo uma viagem a cavalo até o nordeste, na tentativa de demonstrar o valor da tradição gaúcha para outras regiões do Brasil, como se verifica abaixo:

#### MONTANDO O “PINGO”

Gaúchos de P. Alegre irão a cavalo até Fortaleza, para retribuir a visita dos jangadeiros cearenses.

P. Alegre 20 (O NACIONAL) – Com o fim de retribuir a visita que nos fizeram os jangadeiros cearenses e visando ainda a prestar aos flagelados do Nordeste o modesto auxílio que lhes for possível prestar, um grupo de 5 gaúchos a cavalo de Porto Alegre a Fortaleza, partindo desta capital, em princípios de Abril. Estão empenhados na arrojada maratona os seguintes conterrâneos: Srs. José Pinto, Luiz Machado, Ubaldino Braga Porto, Ernani Kamphorst e José Martins.

Este grupo está ultimando os preparativos para o arrojado empreendimento, que esperam levar a termo em pleno êxito.

(O NACIONAL, 19 mar. 1952)

A informação demonstra o empenho dos tradicionalistas em retribuir a visita dos nordestinos. O fato evidencia a ampliação do tradicionalismo para espaços culturais diferentes, o que, notoriamente, exaltava o fenômeno para além das fronteiras, na busca por legitimidade, expansão e reconhecimento de uma identidade em outros ambientes.

Ainda, relacionando a importância do cavalo, ora domado e companheiro do gaúcho, ora em fase de amansamento, a publicação a seguir, do dia 20 de março de 1952, traz um poema, de autoria já conhecida, sobre a figura imponente do domador, que, nesse caso, personifica a coragem do homem que domina a ferocidade do cavalo xucro. No cotidiano

tradicionalista, tal tarefa se estabelece como característica nata do gaúcho, como demonstra o texto a seguir:

### O DOMADOR

Arthur Süssenbach

Conheci um camarada  
Que era todo como o tal;  
Repontava uma manada  
E por coisinha de nada  
Montava qualquer animal.

Chamavam-no de Perace,  
Sobrenome Reis Pereira;  
E se alguém o duvidasse,  
Que ele um potro montasse,  
Ia logo p'ra mangueira.  
Pealava um redomão  
E botava-lhe a maneia,  
Cobria a marca a facão,  
De sair fogo do chão.  
Nunca via a coisa feia.

Certa vez em uma venda,  
Encontrei o tal Perace;  
Disse-lhe que na fazenda  
Não havia – era uma lenda –  
Quem certo potro domasse.

Convidou-me para uns tragos  
De fernet com cachaça;  
E foi dizendo: “nos pagos  
Eu já conheço os estragos  
Feitos por cruzas de raça”.

Para ser bom domador  
Não se pode ser maneta;  
Pega ali meu maneador,  
Meu sovéu e o tirador,  
Vamos ver esse sotreta.

De chegada no galpão  
O Perace foi gritando  
Soltando a rédeas no chão:  
Passem cá um chimarrão  
Que já vou sair domando.

Encerrados na mangueira  
Coisa de trinta baguais  
Perace lá da tronqueira,  
No meio em forte poeira  
Misturou-se aos animais.

Saltava que nem bugio  
Do lombo de um p'ra outro,  
Coisa igual nunca se viu,  
Mas Perace nunca caiu  
Da anca de qualquer potro.  
[...]

A retórica em torno da bravura e dos destemores, frente às adversidades, mostra-se explícita no relato de uma das atividades peculiares ao homem do campo, a doma, aqui enaltecida como a disputa entre domador e cavalo em um ambiente ilustrado de forma cuidadosa, o que compõe um quadro simbólico, imaginário e incisivo. Cabe lembrar que, nos dias anteriores, o quero-quero, o galpão e o pingo, de maneira saudosista, ilustraram os versos publicados no periódico, ressaltando a importância de elementos significativos no imaginário do tradicionalismo. Seguindo:

(...)  
 Isto foi logo ao chegar  
 Na fazenda da Charqueada,  
 Pois que a tarde ia domar,  
 Depois de bem churrasquear  
 No galpão da peonada.

Enquanto o amargo corria  
 De mão em mão da indiada,  
 Perace não discutia,  
 E p'ra todos só sorria  
 Se guardando p'ra largada.  
 [...]

O termo “indiada” aparece, aqui, novamente, como alusão a uma suposta fraternidade étnica na composição do ambiente do galpão, onde se compartilha do chimarrão na harmonia do ritual cotidiano do campo. O poema é assim finalizado:

(...)  
 Quando foi as três em ponto  
 Ordenou: traz o bagual!  
 Chô peruca! Nisto eu monto  
 Até mesmo estando tonto  
 Sem lombilho e sem boçal!

Acendeu o seu bom baio  
 E apeou o tal bagual,  
 - só sei que cair, não caio,  
 Pois não sou nenhum lacaio -  
 Exclamou p'ra o pessoal.

Cabresteou o potro um trecho  
 E estribou-se dos dois lados:  
 Sempre agarrado no queixo  
 E partiu tal remelexo,  
 Cruzando cercas e banhados.

- Dispenso amadrinhador,  
 Bradou ele lá do campo,  
 - P'ra potro corcoveador,  
 Tenho mango e relhador,  
 Qual vacina pra sarampo.

Lá de longe toda raça  
 Apreciava-se com ardor.  
 Comentários, chistes, graça,  
 Todos prevendo a desgraça  
 Do afamado domador.

O bagual se empinava  
 Parecia um canguru,  
 Dava pinotes, bufava,  
 Brabo como mamangava  
 E dele rabo de tatu.  
 Dentro em pouco, no tranquilo,  
 Se aproxima o domador:  
 - Vai dar bom o tostadito...  
 Tem um lindo galopito,  
 E um exemplo de valor.

A moça lá da fazenda  
 Bela qual flor no orvalho,  
 Ofertou-lhe como prenda  
 Um metro e pico de renda,  
 Produto do seu trabalho.

O domador vitorioso,  
 Cabra bem apessoado,  
 Apesar de mui sestroso,  
 Entregou-se esse manhoso,  
 A sinhá, p'ra ser domado...  
 (O NACIONAL, 20 mar. 1952)

A letra da poesia em questão traz o enredo clássico do herói que supera as adversidades – aqui enquadradas no contexto campeiro, no confronto entre o homem e a fera – e tem um desfecho feliz, inclusive no campo afetivo, na conquista da donzela. O poema tem um conteúdo significativo e, também, grande afinidade com o sucesso do cantor Victor Mateus Teixeira (Teixeirinha), lançado alguns anos após e gravado na década de 1960. O cantor aqui citado foi um fenômeno de sucesso, transformando-se, em sua trajetória artística, em expoente do tradicionalismo gaúcho, com cifras inimagináveis na venda de discos (LPs) para a época. A poesia publicada no jornal *O Nacional* pode ser comparada com a letra da música do cantor, a seguir:

Correu notícias que um gaúcho  
Lá da estância do paredão  
Tinha um cavalo tordilho negro  
Foi mal domado ficou redomão

Este gaúcho dono do pingo  
Desafiava qualquer peão  
Dava o tordilho negro de presente  
Pra quem montasse sem cair no chão

Eu fui criado na lida de campo  
Não acredito em assombração  
Fui na estância topar o desafio  
Correu boato na população

Era um domingo clareava o dia  
Puxei o pingo e o povo reuniu  
Joguei os trastes no lombo do taura  
Murchou a orelha teve um arrepio  
Botei a ponta da bota no estribo  
Algum gaiato por perto sorriu  
Ainda disseram comigo eram oito  
Que bolhou a perna montou e caiu

Saltei do lombo e gritei pro povo  
Este será o último desafio  
Tordilho negro berrava na espora  
Por vinte horas ninguém mais nos viu

Mais de uma légua o pingo corcoviou  
Manchou de sangue a espora prateada  
Anoiteceu o povo pelo campo  
Procurando um morto pela internada

Compraram vela, fizeram um caixão  
A minha alma estava encomendada  
À meia noite mais de mil pessoas  
Deixaram da busca desacorçoadas

Dali a pouco ouviram um tropel  
Olharam o campo noite enluarada  
Eu vinha vindo no tordilho negro  
Feliz saboreando uma marcha troteada

Bolhei a perna na frente do povo  
Deixei a rédea arrastar no capim  
Banhado em suor o tordilho negro  
Ficou pastando ao redor de mim

Tinha uma prenda no meio do povo  
Muito gaúcha e eu falei assim  
Venha provar a marcha do tordilho  
Faça o favor e monte de selim

Andou no pingo mais de meia hora  
 Deu-me uma rosa lá do seu jardim  
 Levei pra casa o meu tordilho negro  
 É mais uma história que chega no fim.<sup>33</sup>

A produção artística para o tradicionalismo deu-se de maneira ampla nos meios de comunicação. Sob a égide do heroísmo, ambas as composições – uma musical e outra literária – valem-se, atrativamente, da bandeira do heroísmo de um personagem com perfil talhado por um processo de mitificação. Nos dois casos, a figura do gaúcho exprime determinação, coragem, força, habilidade e adjetivos cavalheirescos que concorrem para suas conquistas amorosas.

O convite a seguir, publicado nos dias 21 e 24 de março, basicamente com o mesmo conteúdo, trata do encontro para a fundação, em definitivo, do CTG e de eleição para cargos e critérios a serem considerados na admissão de sócios para a nova entidade. Ressalta-se que tal convite foi publicado na data de fundação do primeiro CTG da cidade de Passo Fundo, que ainda não possuía sede própria. A partir do evento de inauguração do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, estabelece-se, então, o compromisso formalizado:

Centro de Tradições Gaúchas de PASSO FUNDO.

Sessão de fundação oficial e eleição do patrão, capatazes e peões – HOJE

CONVITE

De ordem do Sr Presidente da Comissão Provisória pró-fundação do CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS DE PASSO FUNDO, tenho a satisfação de convidar as autoridades civis, militares, religiosas, representantes da sociedade e todos quantos desejam colaborar no culto à tradição do “pago”, para tomarem parte na sessão que terá lugar às 20 horas de hoje, no salão do Círculo Operário, à Avenida Brasil, quando se processará a eleição e posse do patrão, capatazes e peões.

A essa reunião, além de todos os membros da Comissão Provisória do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, estarão presentes figuras destacadas do *folklore* pampeano de nossa cidade, abrilhantando a sessão também a presença de Exmas. Sras. e Srtas. Iguamente convidadas.

EMILIO DA SILVA QUADROS

Secretário da Comissão Provisória.

Passo Fundo, 24 de março de 1952.

(O NACIONAL, 24 mar. 1952)

A seguir, expõe-se a ata oficial de fundação do CTG Lalau Miranda, a qual não foi publicada no jornal, trazendo, na nominata, personalidades importantes da sociedade passo-fundense:

<sup>33</sup> Música “Tordilho negro”, gravada por Victor Matheus Teixeira, em 1966. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/teixeirinha-musicas/176531>>. Acesso em: 30 jul. 2010.

## PRIMEIRA DIRETORIA EFETIVA DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS "LALAU MIRANDA" (479/22.10.79)

Aos vinte e quatro dias do mes de março de um mil, novecentos e cinquenta e dois, no prédio do Circulo Operário Passofundense, situado na Av. Brasil, esq. R. Marcelino Ramos, reuniram-se os fundadores do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo, sob a presidência do jornalista Múcio de Castro, com a seguinte ordem do dia:

- a) Eleição da primeira Diretoria do C.T.G;
- b) apresentação do Projeto dos Estatutos do mesmo C.T.G;
- c) leitura das duas atas das sessões preliminares realizadas.

Inicialmente foram lidas pelo Secretário Provisório, Emílio da Silva Quadros, as duas atas e o Projeto dos Estatutos, detendo-se após em explanações concernentes à organização do Centro.

A seguir, procedeu-se a escolha da primeira Diretoria ou Patronagem do CTG que, a Comissão Provisória já declarara oficialmente fundado, tendo sido eleita, por aclamação e sob os aplausos gerats dos presentes, a seguinte Diretoria ou Patronagem:

Presidente ou Patrão: Múcio de Castro;  
 Vice-Presidente ou Capataz: Carlos Soares Moreira;  
 1º Vice-Presidente ou 2º Capataz: Falbo Pimentel;  
 1º Secretário: Ney Vaz da Silva;  
 2º Secretário: Emílio da Silva Quadros;  
 1º Tesoureiro: Conrado Augusto Hessel;  
 2º Tesoureiro: Antenor Gomes Vidal.

### Patrono do Centro:

Estatislau de Barros Miranda: Aleunha: L A L A U M I R A N D A.

### Conselho Fiscal:

Ricardo Ricco, Dr. Antonio Marinho de Albuquerque, Arthur Lângaro, Teodoro dos Santos Moura, Cirne Pinto Lima, Edmundo Fioravante Pereira, Dil Monteiro, Anísio Silva, Juliano Poletto, Euclides de Moura Filho, Amílrio de Senna, Celso Fernandes e Admar Lucas de Almeida.

### Patrões de Honra:

Dr. Antonio Donin - professor e jornalista;  
 Dr. Antonio Carlos Machado - advogado, escritor e jornalista;  
 Manoelito de Ornellas - escritor;  
 Francisco Antonio Xavier e Oliveira - historiador e escritor;  
 Heitor Saldanha - escritor e poeta;  
 Dr. Daniel Dipp - advogado e Prefeito Municipal;  
 Dr. Aquelino Translatti - advogado e Pres. da Câmara de Vereadores.

### Bibliotecário: Raul Lângaro;

### Orador: Prof. Sabino Santos;

### Consultores Jurídicos:

Urs. Ney Menna Barreto e Mário Hoppe.

### Conselho Cultural e Artístico:

Demercindo dos Reis, José Pain Brites, Jovino Silva, Ruy Sadi Machado, Arthur Sussenbach, Jorge Edetho Cafruni, Fredolin Pain, Paulo Rien, Severino Peixoto de Magalhães, Srta. Carl Pain Brites, Srta. Nira Worm dos Reis, Sra. Albertina Machado Rosado, André Pithan, Deoclides Gudolle, Sra. Iracema Sailles, Alencar Pacheco de Lima, Setembrino R. da Silva, Alfredo Custódio, Orlando L. de Quadros, José Lamaison Porto, Daniel Szamanski e Srta. Flora Machado Fagundes.

O Presidente eleito, Sr. Múcio de Castro, que se havia retirado do recinto para comparecer à Assembléia Geral que se realizava no Aéreo Clube Local, foi recebido, em sua volta, na Assembléia com uma calorosa salva de palmas, sendo empossado pelo Conselho Fiscal recém eleito.

Figura 6 - Ata de fundação do CTG Lalau Miranda (1ª parte).

Fonte: Acervo documental do CTG Lalau Miranda.

Reassumindo a presidência dos trabalhos, o Patrão empossado, Múcio de Castro, pronunciou aplaudido discurso de saudação aos seus consórcios e companheiros de diretoria, agradecendo, ao mesmo tempo, a distinção que lhe conferiram para dirigir os destinos do C.T.G. de Passo Fundo, fundado num esforço conjunto de uma equipe de tradicionalistas.

Após, despediram-se os músicos Orlando e Alfredinho, cujos números musicais, tanto abrilhantaram a sessão, tendo o Presidente agradecido a sua eficiente colaboração.

Encerrando os trabalhos, usou da palavra o professor Sabino Santos, orador oficial, que, em belo improviso, saudou o Patrão e demais companheiros, ressaltando a feliz escolha obtida pela Assembléia Geral, merecendo seu magnífico improviso entusiásticos aplausos de todos os presentes.

Assim foi encerrada a sessão, continuando a reunião em ambiente realmente festivo, com músicas, trovas, poesias e cantos gauchescos que encheram de alegria e entusiasmo os fundadores do C.T.G. Lalau Miranda.

A Ata de Fundação, foi aqui reconstituída, em 22.10.79, com base em dados verossímeis publicados em "O NACIONAL", na sua edição de 25.03.52, conforme fotocópia anexa, em virtude de ter sido extraviado o primeiro livro de atas deste CTG. A presente Ata será assinada por mim, 2º Sota Capataz eleito para o biênio 78/80 e pelos sócios fundadores remanescentes que residem em Passo Fundo (RS), pelo Patrão e Pres. do Conselho de Vaqueanos da atual Patronagem:

Honório Gasparetto - 2º Sota-Capataz que reconstituiu a Ata.

Eluys J. Resanke - Patrão-Atual

Nelson Petry - Pres. do Cons. Vaqueanos - atual-

FUNDADORES OS SÓCIOS FUNDADORES:

Múcio de Castro  
Múcio de Castro: 1º Patrão

Dr. Antonio Donnin  
Dr. Antonio Donnin - Patrão de Honra.

Ney Vaz da Silva  
Ney Vaz da Silva: 1º Secret.

Dr. Daniel Dipp - Patrão de Honra.

Conrado Augusto Herzog  
Conrado Augusto Herzog - 1º Tesoureiro

Raul Langaro - Bibliotecário

Dr. Néy Menna Barreto  
Dr. Néy Menna Barreto - 1º Consultor Jurídico

Antenor Gomes Vidal  
Arthur Sussenbach  
Carlos Soares Moreira  
Djalma Cúrio de Carvalho  
Emílio da Silva Quadros  
Falbo Pimentel  
Francisco A.X. de Oliveira  
Gil Monteiro  
Governando dos Reis  
Iore Dalle Aste  
Ircema Salles  
Izaltino Barros Miranda  
Jorge Edethe Cafruni  
José Pain Brites  
Jovino Silva  
Mário Daniel Hoppe  
Pedro P. Couto  
Sabino Santos  
Sacy Machado da Silva  
Valmiro Amado.

Dr. Celso da Cunha Fiori

Juliano Poletto  
Juliano Poletto - Cons. Fiscal.

Tereyno dos S. Moura  
Tereyno dos S. Moura - Cons. Fiscal

Frederico R. da Silva  
Frederico R. da Silva - Cons. Fiscal

Sonorvan de Almeida Guedes

Grey Belles  
Grey Belles - Posteiro das Danças

Dr. Mario Daniel Hoppe

Ione Dalle Aste

Ione Dalle Aste

Figura 7 - Ata de Fundação do CTG Lalau Miranda (2ª parte).

Fonte: Acervo documental do CTG Lalau Miranda.

O dia 24 de março de 1952 encerra, simbolicamente, a etapa preparatória para a introdução da entidade. A ata de fundação é significativa, também, no presente trabalho, pois figura como marco relevante na consolidação do movimento aqui enfocado. Não há uma formalidade para o término de uma etapa e o início de outra, porém esse fato serve, aqui, como ponto de referência, como a base de um processo em expansão que, até hoje, sofre mutações que permitem, inclusive, a continuidade da pesquisa ora proposta.

O que era, inicialmente, uma atividade mais localizada, a partir de então, passa a ganhar outros espaços e aberturas como representação de uma cultura. O discurso e o engajamento entre imprensa e CTG seguem sólidos pela década de 1950, quando o tradicionalismo se estrutura em suas manifestações dentro da sociedade passo-fundense e na organização de expedições que superam os limites do estado do Rio Grande do Sul.

A atividade em torno da expansão do tradicionalismo buscava a legitimidade, igualmente, a partir da aceitação externa, o que, aos olhos da população da cidade, dava ares de cosmopolitismo ao movimento que se propagava, também, de forma itinerante.

## **5 O JORNAL *O NACIONAL* E A EXPANSÃO DO TRADICIONALISMO A PARTIR DA PRIMEIRA ENTIDADE EM PASSO FUNDO**

A redução de publicações em torno do tema também sofre variações relativas à participação do diretor-proprietário do jornal *O Nacional* nas edições. Nesse sentido, há uma relação aparente do período pré-eleitoral (na campanha para deputado estadual) com a quantidade de publicações sobre o CTG Lalau Miranda (conforme Tabela 1). O fato desperta atenção, sobretudo, porque a exaltação do tradicionalismo implicou a exposição constante de um grupo unido em torno de um ideal doutrinário. A proposta tradicionalista não se resumia, assim, a um simples culto, mas abarcava a atuação efetiva de uma coletividade empenhada em elevar ao nível máximo a referida agremiação. A retórica tradicionalista é envolvente e traz propostas sedutoras associadas a virtudes morais e comportamentos sociais, contando, para tanto, com o auxílio do teatro, do cinema, do rádio, do jornal, de apresentações artísticas e de excursões, na propagação eficaz das suas ideias.

O imaginário do tradicionalismo, como reflexo de uma realidade pressuposta, norteia as atividades doutrinárias desse movimento. Nessa cultura, a imaginação da história resulta de heroísmos, à sombra do elemento mítico do gaúcho, considerado fantástico por força de uma tradição recriada, reinventada, ou, ainda, por força de um hibridismo<sup>34</sup> bastante complexo, por se tratar de uma atmosfera muito peculiar.

É difícil não considerar o entrelaçamento na formação das próximas expressões como resultado de uma espécie de dialética cultural. Não há uma reprodução idêntica de culturas ou tradições, da mesma forma que um modelo que alcançou tamanha projeção não pode ter sido criado apenas com base em uma dominação arbitrária e autoritária. O próprio tradicionalismo gaúcho, na sua sugestão simplista de repetição do passado, não consegue fazer a similaridade, como reprodução idêntica. A tradição exposta agora, na contemporaneidade, já não possui as mesmas características apresentadas na década de 1950, quando surgia, gradativamente, no estado do Rio Grande do Sul e em Passo Fundo.

A construção de uma identidade mostra-se como a busca do indivíduo pela semelhança a si próprio. Loiva Otero Félix expõe, com clareza, em seu livro, que “(...) o conceito de identidade [aproxima-se] mais dos processos de reconhecimento do que de conhecimento. O processo de identificação é um processo de construção de imagens, e, como tal, terreno propício a manipulações”. (1998, p. 38)

---

<sup>34</sup> Ver BURKE, 2003.

A busca pelo reconhecimento é uma característica antropológica, uma prática muito antiga entre as comunidades humanas, e o ambiente global de reconciliação, na década de 1950 (pós-Segunda Guerra Mundial), de reconstrução e crescimento da cidade de Passo Fundo, comportou, a partir de uma diversidade cultural, a instituição de uma memória forjada, com uma proposta de associação diferenciada das já existentes. A memória como definidora de laços de identidade, como uma característica coletiva, adquirida a partir das sensações, do vivido por um grupo social, se institui com base em particularidades para a coletividade, para todos aqueles que se reconhecem e esperam reciprocidade na sua condição de gaúcho.

A partir dessa tentativa de reconhecimento mútuo em prol da tradição gaúcha, a seguir, expõem-se algumas evidências documentais relacionadas aos questionamentos propostos e às peculiaridades do ambiente de pesquisa inventariado. No dia 29 de abril de 1952, o CTG Bento Gonçalves, de Itaqui, enviou significativa mensagem para o CTG Lalau Miranda, a mais recente instituição do planalto:

Do centro de Tradições Gaúchas de Itaqui ao centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo.

A fundação recente do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo repercutiu simpaticamente através da vasta querência do Rio Grande.

Agora mesmo, meio a lo rumbo, veio bater aqui uma expressiva mensagem do Centro de Tradições Gaúchas Bento Gonçalves, de Itaqui, na extrema fronteira.

A referida mensagem, que é muito expressiva, é a seguinte:

Ilmo. Sr. Patrão do Centro de Tradições Gaúchas de Passo Fundo. Saudações.

Cá dos confins do Rio Grande saudamos a brava gauchada de Passo Fundo na pessoa do seu valoroso patrão, pela criação de mais uma estância reolutadora das tradições perdidas.

O Centro de Tradições Gaúchas Bento Gonçalves reponta até as encostas da serra sua tropa de solidariedade irrestrita a esse piquete de bravos filhos do Rio Grande que nunca deixarão enrolar o glorioso Pavilhão Tricolor hasteados pelos heroicos farrapos.

Que esse grito que bradaste ecoe de canhada em canhada, por toda a serra para que seus filhos sintam a necessidade de fazer voltar ao rodeio a tropa das tradições que vadeiam pelos rincões da província.

Que esta leva de bravos, de pingo bem apeado ao sopro do minuano, conduza a passo certo o Centro de Tradições dos pagos. São os votos dos gaúchos de Itaqui.

Sem mais subscrevemo-nos atenciosamente com nosso lema:

“LUTAR PELO RIO GRANDE E MORRER PELO BRASIL”.

CTG Bento Gonçalves

Lauri dos Santos (Patrão)

José Contursi Neto (Sota Capataz)

(O NACIONAL, 29 abr. 1952)

A comunhão em torno do ideário do tradicionalismo mostra-se presente na publicação. O CTG de Itaqui, na fronteira com a Argentina, do outro lado do estado, demonstra, por meio

de sua mensagem, a atuação contundente do movimento. A sustentação do elemento nacional também se evidencia, não mais em um projeto separatista, como foi o farroupilha, mas no discurso perspicaz da manutenção do regionalismo dentro de um projeto nacional. Dessa maneira, as instituições irmanam-se em suas metas de atuação, mandatárias da normatização matricial de Porto Alegre. As congratulações do CTG Bento Gonçalves, nesse contexto, confirmam o pacto das entidades em vozes unívocas, no tom da tradição.

As publicações que seguem trazem um assunto aparentemente inusitado diante da composição do presente cenário. A reflexão feita, no início do trabalho, sobre a gama de fatores que compõem a sociedade, em sua totalidade, e a dificuldade de discernimentos na identificação daquilo que é supostamente denominado “cultura” pode ser referenciada neste ponto. Aqui, a diversidade de elementos que tecem o universo tradicionalista e suas representações mostra-se multifacetada, podendo ser encoberta de maneira reducionista, se não houver o devido cuidado da observação das partes no todo.

A cidade de Passo Fundo possuiu uma associação chamada Liga Passo-Fundense Contra o Comunismo. A publicação abaixo, do dia 25 de fevereiro de 1953, traz os nomes dos seus componentes na referida data:

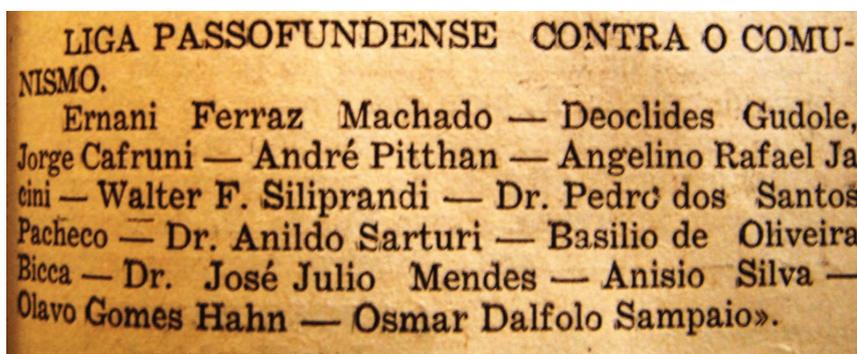


Figura 8 - Liga contra o comunismo.  
Fonte: O NACIONAL, 25 fev. 1953.

Juntamente com os nomes que compõem a Liga, figuram o de André Pitthan, Anísio Silva, Deoclides Gudolle e Jorge Edethe Cafruni, os quais também estão entre os sócios-fundadores do CTG Lalau Miranda. Como *fíéis escudeiros*, personalizavam, portanto, a luta contra o comunismo. Anexa à lista de nomes, anteriormente apresentada, o jornal estampava a seguinte mensagem:

(...) é preciso ter o firme propósito de lutar em prol da preservação de nossas sagradas instituições e da tradição de liberdade, propriedade e família – e que nosso brado ressoe em todos os quadrantes do Brasil, formulando nossa decisão de combater, por todos os modos, as ideologias extremistas e totalitárias, que ameaçam subverter a ordem do país. (O NACIONAL, 25 fev. 1953)

A apologia pela ordem, pelos bons costumes, pela família e pela religião permanece estanque. Além disso, o temor pelo comunismo inclui, aqui, a garantia pela propriedade, desconsiderando, temporariamente, o modelo da figura romantizada do *gaúcho errante*, sem paradeiro e livre de posses.

As publicações do dia 05 de março de 1953 dão continuidade à tendência política do movimento tradicionalista. O jornal divulga uma matéria assinada por um pseudônimo – Guasca dos Pampas –, onde a definição do gaúcho ganha mais um pré-requisito:

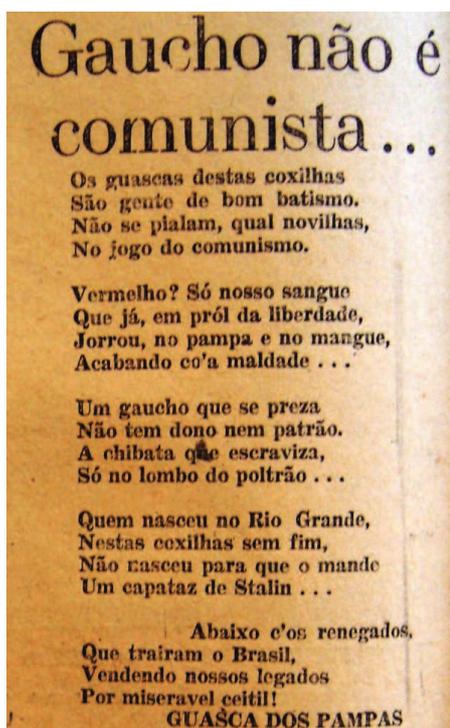


Figura 9 – Poema publicado no jornal *O Nacional*.  
Fonte: O NACIONAL, 05 mar. 1953.

Desde o seu título, o poema acima ganha ares politizados, em defesa do anticomunismo, acrescentando mais uma característica no emaranhado de virtudes, valores e habilidades do gaúcho e justificando o uso do lenço vermelho, como maragato, e não comunista.

Há que se levar em consideração o fato de que o diretor-proprietário do jornal e patrão do CTG Lalau Miranda, Múcio de Castro, possuía vínculos estreitos com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), historicamente anticomunista. Tal ligação fez, inclusive, com que sua vida pública fosse dedicada à política, ao jornalismo e ao tradicionalismo, tríade imbricada e funcional, quando se leva em consideração o campo de atuação no processo de expansão de um fenômeno cultural; a exposição de uma personalidade política relacionada ao culto do civismo e de valores morais (de acordo com a retórica tradicionalista) e a utilização dos meios de comunicação (rádio e jornal) como formadores de opinião perante a sociedade.

A opção pelo discurso contra o comunismo, na década de 1950, traduz-se em um comportamento posicionado, na demarcação de referências políticas oportunistas. O jornal *O Nacional* não estabeleceu, na década anterior, um discurso anticomunista com tamanha veemência<sup>35</sup>, da mesma maneira que apoiou abertamente o projeto de pan-americanismo na segunda metade da década de 1940<sup>36</sup>, já sob a direção de Múcio de Castro. Entretanto, em 1953, um ano antes do pleito que o elegeu como deputado estadual, o jornal mantinha ataques ferrenhos ao ideário comunista, estabelecendo, como pré-requisito para a condição de gaúcho, o não alinhamento com essa proposta. Assim, seguia a doutrina estabelecida pelo Movimento Tradicionalista de Porto Alegre, a qual, em seu ideário, tinha como missão combater a invasão de culturas estrangeiras, especialmente a norte-americana.

A readequação do discurso demonstra o descompromisso em relação às próprias propostas do movimento, que, por sua vez, se torna desconexo da temporalidade em suas características ideológicas. A leitura política dos acontecimentos traz à tona elementos singulares em um plano local, porém de importante participação no processo de entendimento da totalidade do fenômeno. Portanto, a atuação de imaginários, do espectro imagético de um conjunto de elementos é de suma importância para o processo de convencimento da coletividade, que tem os veículos de comunicação, por exemplo, como mediadores da verdade. A sequência das publicações, ao atuarem com proximidade em relação ao cotidiano da cidade e estabelecendo vínculos com os elementos locais, levam a uma inserção significativa de afinidades entre texto e individualidade dos leitores.

A publicação contínua, que revela a insistência da informação sob forma contundente do jornalismo, mostra resultados diante da leitura incauta da população local, que traduziu, nas urnas eleitorais, a confiança adquirida a partir da informação jornalística.

---

<sup>35</sup> Sobre o imaginário do anticomunismo em Passo Fundo, ver FERRON, 2008.

<sup>36</sup> Sobre os projetos de inserção do pan-americanismo na América Latina, ver MOURA, 1984.

A publicação a seguir, também de 05 de março de 1953, demonstra o emaranhado de personagens arrolados no discurso anticomunista e, ao mesmo tempo, de louvor à figura do gaúcho, que recebe, aqui, a adjetivação anacrônica de combatente em potencial do comunismo:

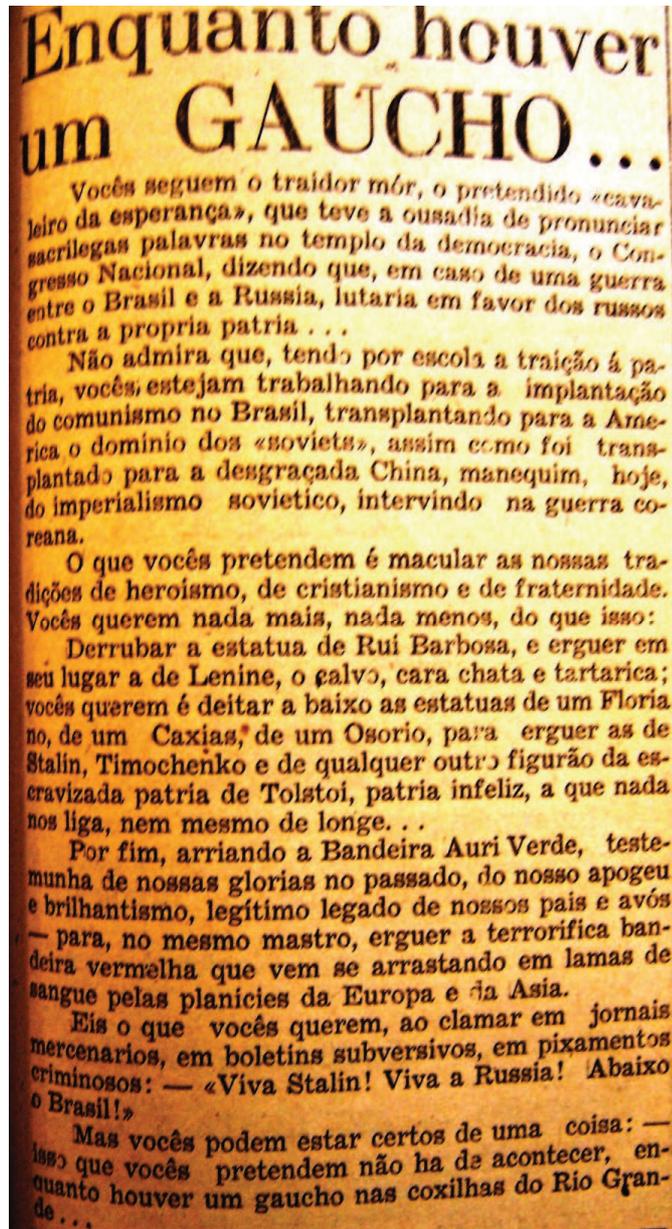


Figura 10 - Enquanto houver um gaúcho.

Fonte: O NACIONAL, 05 mar. 1953.

As referências à figura de Luís Carlos Prestes são resultado do momento político, especialmente, após o decreto nacional de fechamento do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em 1947. Um ano antes disso, *O Nacional* noticiou, respeitosamente, a chegada do

senador da república Luís Carlos Prestes a Passo Fundo, bem como a sua recepção no aeroporto. Lembre-se que tal consideração não pretende fugir do recorte temporal delineado no presente trabalho, mas apenas demonstrar as transformações no posicionamento de um veículo de comunicação importante, tendo como referência diferentes momentos na política brasileira em um curto espaço de tempo.

É importante notar que o referido “Cavaleiro da Esperança”, mencionado na publicação anterior, foi o genitor da Coluna Prestes iniciada em 1925, movimento de contestação ao governo de Arthur Bernardes, que realizou uma marcha de milhares de quilômetros pelo interior do Brasil<sup>37</sup>. A sua importante liderança em tal façanha trouxe notoriedade a um grupo de cavaleiros que ludibriou as patrulhas governistas em perseguição por mais de um ano até a sua dissipação em 1927, sem sucesso com o enalço do governo. Valendo-se do fato de que tal personagem é nascido no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, é impossível não pensar que, sob a lógica do discurso tradicionalista, o comandante teria todos os predicativos que, comumente, rendiam, na época, a outros personagens com feitos semelhantes: um discurso louvando a bravura, o heroísmo e a coragem. Aqui, porém, a bandeira do comunismo desqualificou qualquer possibilidade de candidatura de Luís Carlos Prestes ao *cargo de gaúcho*, juntamente com a sua bandeira, posta na clandestinidade, em 1947, mesmo ano de surgimento do Movimento Tradicionalista Gaúcho na capital do estado.

A edição de 13 de abril de 1953, por seu turno, traz o anúncio do baile para a escolha da soberana do Centro de Tradições Gaúchas. Tal concurso existe, ainda hoje, nas entidades do gênero, porém é definido como concurso de prendas, no qual estas competem demonstrando beleza, conhecimento e qualidades artísticas relacionadas à tradição. A valorização aparente da figura da mulher deixa veladas as particularidades dos gêneros que, historicamente, divergem de tal representação.

A figura feminina, no ambiente tradicionalista, segue os padrões morais, religiosos tradicionais do positivismo, doutrina que, ao longo dos tempos, deixou sua marca na educação da mulher (ISMÉRIO, 1995). Esse gênero, a partir da segunda década do século XX, no Rio Grande do Sul, foi valorizado com o advento do tradicionalismo institucionalizado. A mulher, de acordo com o discurso da tradição gaúcha, recebe o nome de prenda, sob a justificativa de que é um verdadeiro presente.

O anúncio do baile demonstra a inserção da mulher em um ambiente social com sua devida valorização, fato que se torna dissidente dos princípios do seguimento das tradições

---

<sup>37</sup> Ver MEIRELLES, 1995.

passadas, uma vez que tal elemento não possuía protagonismo na sociedade patriarcal sulina, ou, mais especificamente, no ambiente de surgimento do gaúcho. A região da campanha, dos preadores de gado do século XIX, não se mostrou um ambiente propriamente feminino. Da mesma forma, a vida subalterna dos peões de estância não formou um ambiente em que a mulher (além do gênero) demonstrasse semelhanças significativas com o modelo tradicionalista representado nas concorrentes para soberana dos Centros de Tradições Gaúchas.

Ainda, tal evento foi anunciado em várias edições do jornal e comunicado no programa de rádio semanal do CTG, além de ter sido publicado no jornal *O Nacional*:

EM PLENA SEMANA DO ESPERADO BAILE DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS!

Grande expectativa para a eleição da Soberana do Centro. Intensa procura de mesas. A diretoria do Caixeiral prestigia uma deliberação do Centro.

Conforme temos amplamente divulgado, o Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda fará realizar, entre outras festividades programadas, um grandioso baile típico, na noite do próximo sábado nos salões do Clube Caixeiral, especialmente ornamentados para tal fim.

Reina muita expectativa e animação para a escolha da primeira Rainha do Centro e os peões e prendas já estão movimentando seus “cabos eleitorais”. A eleição da soberana será feita durante o baile, e muitos são os nomes que já estão na cogitação dos eleitores.

Durante a semana passada a comissão de baile e ornamentação trabalhou com atraco, não só no preparo do salão – que nos apresentará um ambiente bem gauchesco – como nos ensaios finais das danças regionais. Assim que uma dança “quadrilha” será brindada a todos aqueles que comparecerem a esta magnífica noitada, além do que durante o transcurso do baile muitos pares atrairão a atenção dos presentes com bonitos “schotisch”, rancheiras, mazurcas etc.

Minutos antes do início do baile será empossada a nova Diretoria do Centro para o período social 1953/54. (O NACIONAL, 13 abr. 1953)

A valorização da mulher tradicionalista perpassa normas e regramentos instituídos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, instituição maior que define o estatuto<sup>38</sup> de funcionamento de todas as entidades desse gênero. Darcy Paixão<sup>39</sup> escreve em seu livro:

As jovens prendas necessitam aprender, desde logo, que o tradicionalismo é um ramo da comunidade que “constrói para o futuro”, e não um retorno cego ao passado, não pactuando com a eliminação do ser humano a qualquer preço. A debutante é a força da vida, a sensibilidade da família e a realidade da sociedade. (1995, p. 49)

<sup>38</sup> Disponível em: <[http://www.mtg.org.br/Doc\\_site\\_PDF/ESTATUTO%20do%20MTG.pdf](http://www.mtg.org.br/Doc_site_PDF/ESTATUTO%20do%20MTG.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2010.

<sup>39</sup> Tradicionalista e conselheiro da atual gestão na direção do MTG no estado.

O autor valoriza a figura feminina e esboça uma definição social para a mulher no tradicionalismo. A debutante assume compromissos dentro da entidade, como em um ritual de transição, ganhando notoriedade perante a comunidade tradicionalista e sendo recebida com honras em um cerimonial festivo ao completar quinze anos de idade.

A remodelação do tratamento à mulher, dentro desse universo, demonstra a readaptação cultural no mimetismo perspicaz quanto a um modelo que traz a proposta de harmonia no culto a supostas tradições do passado. São expressões que tentam reproduzir o ambiente de um contexto histórico recheado de conflitos de gêneros, econômicos, políticos e étnico-culturais, em uma agremiação baseada numa história estetizada, harmônica e conciliadora, ocultando, dessa maneira, problemas sérios da sociedade rio-grandense.

A ligação entre as entidades tradicionalistas do estado eram evidentes, de modo que CTGs de outras cidades estavam representados nas comemorações do primeiro aniversário do Lalau Miranda. A publicação do dia 20 de abril de 1953 divulga o nome dos participantes e suas respectivas entidades:

Representações de ENTIDADES TRADICIONALISTAS e outras pessoas que estiveram presentes nos festejos comemorativos do 1º aniversário do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”:

35 Centro de Tradições Gaúchas de Porto Alegre (Vasco Letria).

Clube Farroupilha, de Ijuí, (Laureano Medeiros, 1º lugar na formatura).

35 Centro de Tradições Gaúchas de Palmeiras das Missões.

Ponche Verde Centro de Tradições Gaúchas de Santa Maria (Antero C. de Barros).

Galpão Campeiro de Erechim (Nóe P. da Silveira).

Centro Gaúcho Marciano Brum de Soledade (Miguel Goelzer Lima).

Representante dos gaúchos de Erebangó e Getúlio Vargas (Podallirio Fontoura).

Representante dos gaúchos de Santa Bárbara (Alfredo Radteck).

Representante dos gaúchos de Veranópolis.

Representante do “Correio Serrano” de Ijuí (Laureano Medeiros).

Representante do “Diário de Notícias” de Porto Alegre (Jorge E. Cafruni).

Representante do Sr. Ten. Heitor Campos, Prefeito de Santa Maria (Antero C. de Barros).

Representante do Exmo. Sr. Venâncio Batista, Comandante Geral da Brigada Militar do Estado (Vasco Mello Leiria).

Foram os seguintes os encontros que enviaram caravanas: “Ponche Verde” de Santa Maria, 40 pessoas; 35 CTG de Palmeira das Missões, Farroupilha de Ijuí, Centro Marciano Brum de Soledade e Santa Bárbara.

Segundo consta foi feita uma cobertura, pelos seguintes jornais da capital gaúcha: Diário de Notícias, Correio do Povo, Jornal do Dia e Folha da Tarde; o Jornal Última Hora do Rio de Janeiro e Revista O Cruzeiro, que fizeram uma reportagem completa dos festejos, sendo as festas filmadas por Pedro Couto e Caio de Tal. (O NACIONAL, 20 abr. 1953)

É importante registrar que a divulgação do evento contou com a cobertura da imprensa radiofônica. Além disso, representantes da imprensa carioca registraram o evento.

No dia seguinte, 29 de abril de 1953, foi publicado um conto, de autoria de Arthur Süssenbach, a respeito de um assassinato, do qual se destaca o trecho abaixo:

(...) Não é propriamente uma gauchada; mas, ao lado de um mau ato praticado por um indivíduo perverso, poderemos notar a atitude nobre e ativa de um gaúcho, que, apesar de pobre e analfabeto, desses indivíduos de pés descalços que estamos habituados a ver todos os dias perambulando por aí afora, foi um ato praticado por uma alma das que se pode classificar de bem gaúcha. Caráter limpo que nem água de vertente [...]. (O NACIONAL, 29 abr. 1953)

A expressão “alma gaúcha” como qualificação para determinado indivíduo demonstra a importância e o valor de uma virtude transcendente, um qualificador de humanidade. A adequação da terminologia no texto evidencia a importância de tal adjetivo. Acima de qualquer tipo de discriminação, o referido indivíduo possui redenção por ser (ou ter) uma alma bem gaúcha, apesar de ter sido apontado, no início do discurso, como pobre e analfabeto, características que, embora não fossem raras na sociedade rio-grandense de 1950, constituíam um desqualificador de requisitos para ser gaúcho de verdade.

Como mencionado anteriormente, o CTG inicia suas programações mesmo antes de possuir sede própria. Na publicação a seguir, do dia 16 de maio de 1953, há o registro de que representantes do CTG visitam Campo do Meio, em atividades na fazenda de um de seus componentes:

O CTG “LALAU MIRANDA” EXCURSIONARÁ AMANHÃ A CAMPO DO MEIO.

Deverá realizar-se, amanhã, uma grandiosa festa gauchesca em Ametista, na fazenda do centrista Policarpo Vieira, que providenciou a feitura de um vasto programa de campereadas.

Haverá um grande e succulento churrasco, para o qual foi convidado o Centro de Tradições Gaúchas, que se fará representar por diversos expoentes, inclusive trovadores, violonistas, cordeoneiros etc.

Reina grande entusiasmo em torno dessa festa crioula. (O NACIONAL, 16 maio 1953)

A atividade ligada ao campo revela-se como uma tentativa de legitimação e validação das tradições reelaboradas. Assim, o ambiente rural de campo e as expressões artísticas se

aliam com vistas a comprovar a autenticidade da tradição. A aproximação desses fatores no tradicionalismo buscou, na imagem dos campos da região do planalto, a vastidão imaginária e poética dos campos do pampa, local de origem do gaúcho. Entretanto, a desterritorialização aqui demonstrada atua como elemento favorável na formação do imaginário. Além do anacronismo em relação ao culto atemporal ao gaúcho, o espaço geográfico é simbólico e representativo, não condizendo com a vastidão dos campos de fronteira tão enaltecidos nos cânticos tradicionalistas, tampouco apresentando as contradições sociais verificadas até os dias atuais na campanha rio-grandense. Dessa maneira, as atividades – quase lúdicas – realizadas, em fins de semana, nas fazendas dos sócios da instituição, serviam para o devaneio da imaginação e a legitimação da ideia de que aquilo significava ser gaúcho.

O dia 12 de junho de 1953 traz a notícia da reestruturação do CTG Mate Amargo de Rio Grande, comprovando, mais uma vez, a união do movimento. Tradicionalistas de várias regiões do estado reuniram-se para auxiliar e apoiar o reerguimento da instituição, em prol do tradicionalismo, conforme ilustra a seguinte publicação:

**REERGUIDO O CTG “MATE AMARGO”, DE RIO GRANDE.**

Ressurge na cidade marítima a gloriosa entidade tradicionalista.

RIO GRANDE, 10 (Via Postal) – Realizou-se a 1º de junho corrente, no tradicional Grêmio Lusitano, desta cidade, uma sessão preparatória para a reestruturação do Centro de Tradições Gaúchas “Mate Amargo”, nos salões da veterana sociedade portuguesa, gentilmente cedidos, por sua diretoria para reacendermos o fogão deste centro de cultos às nossas tradições, que até então estivera apagado. Graças à boa vontade e ao alto espírito de compreensão dos abnegados cultores do tradicionalismo da Noiva do Mar, surge mais uma vez o imortal Mate Amargo para, unido aos demais grêmios congêneres espalhados pelo nosso rincão, reviver as glórias e os feitos dos gaúchos de antanho que dormem nas coxilhas lendárias do nosso amado Rio Grande.

Estiveram presentes à sessão que foi muito concorrida além de outras personalidades ilustres e gaúchos autênticos, a figura do venerando Sr. Joca Tavares, fundador deste Centro, que veio emprestar, mais uma vez como sempre o fez, o seu sincero e decisivo apoio ao reerguimento desta valorosa e tradicional associação regionalista.

Aberta que foi a sessão pelo Sr. Attilio S. Oliveira, figura jovem e robusta expressão de cultura no meio intelectual desta cidade e membro da comissão pró-reerguimento do referido Centro, após breves palavras em que cientificou a todos do motivo da sessão, convidou a fazerem parte da Mesa Diretora as seguintes personalidades: Sr. João D. da Silva Tavares, Dr. Osvaldo Muller Bartem, D.D. Juiz de Direito desta Comarca, Dr. Guilherme Schultz Filho, brilhante advogado do Fórum local, Prof. Antonio Donin, ilustre mestre do colégio estadual Lemos Junior e sócio-fundador do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, de Passo Fundo, Sr. José Gonçalves Braga, fundador do Centro de Tradições Gaúchas Mate Amargo, o gaúcho intrépido do nosso rincão, como também membro da comissão organizadora, Sr. Rodolfo Heidtamann, patriarcal figura gaúcha da nossa cidade. E, integrando a Mesa Diretora, e secretariando os trabalhos a personalidade ilustre sempre jovem e ardorosa de jornalista gaúcho do companheiro Pedro José Ripoll Machado, membro também da citada comissão.

A seguir o Sr. Attilio S. Oliveira passou a presidência da sessão ao Sr. Osvaldo Muller Barlem, líder deste movimento.

Nesta ocasião pediu a palavra o Dr. Guilherme Schultz filho que, em vibrante improviso, cheio de civismo e palavras ardentes, recordou as linhas mestras dos nossos pagos num alerta às gerações posteriores.

E após falarem vários oradores, da mesa e da assembléia, o Dr. Oswaldo Muller Barlem, gaúcho de tradições imperecíveis, que traz no próprio sangue o calor de entreveros de antanho, se entrelaça com os mentores desta nobre iniciativa pronunciando uma vibrante oração cheia de civismo e eloquência como soa serem sempre as expressões forjadas por esse magnífico orador do Rio Grande do Sul, arrebatando a seleta assistência, lembrando os velhos dias de glórias e pujança fecunda, deste Guarda Vala do rincão meridional da nossa pátria, que tantos e tão grandes serviços serem emprestados ao nosso imenso e amado Brasil. Sob a égide dos valorosos gaúchos que levaram por estas coxilhas cobertas de glórias o pendão tricolor. (O NACIONAL, 12 jun. 1953)

É evidente e comum, nas publicações, a finalização saudosista a respeito do passado, sobretudo, o relacionado ao gaúcho, lembrando as glórias em território sulino, porém, sob o discurso de então, abrigado na ideia de nação, não mais com o separatismo de tempos de guerra, mas, acima de tudo, em território imaginário.

A edição do dia 18 de junho de 1953 apresenta uma ode à mulher, lembrando a discussão anterior sobre a escolha da soberana do CTG Lalau Miranda, ocorrida no dia 13 de junho, por meio de um poema, cujos fragmentos a seguir comprovam o caráter de louvor à prenda, a partir do ideário tradicionalista:

#### GAÚCHA

(Ao valoroso Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda” de Passo Fundo, com a minha grande e sincera admiração – homenageando a MULHER PASSO-FUNDENSE).

Antero Correa de Barros  
Santa Maria - 1953

Morena da cor de cuia,  
da cuia, osca, morena,  
do amargo chimarrão!  
Tu és a prenda do Pago  
a feiticeira chinoca  
orgulho da minha raça,  
gaúcha do meu rincão.

(...) O teu sorriso me lembra  
a paisagem rio-grandense  
estampada nos teus lábios,  
sorrindo assim entreabertos,  
aumentando a luz da aurora,  
que se espalha, colorindo,  
os campos verdes do Pago!  
A tua boca, duas polpas  
de carne rubra, mui rubra,  
vermelha como a cereja...

Teus olhos grandes e pretos,  
 Dois guabijús tentadores,  
 onde há feitiço e mistério...  
 E os cabelos, anelados,  
 longos, soltos pelos ombros,  
 negros, negros como a noite...  
 Eu sinto, então, a grandeza  
 da querência... do rincão!...  
 revendo nessa beleza,  
 pura, virgem como a terra,  
 a glória eterna da raça,  
 representada no porte,  
 altivo, nobre e famoso,  
 da mulher gaúcha linda,  
 do meu Rio Grande do Sul!...  
 (O NACIONAL, 18 jun. 1953)

A homenagem vinda de Santa Maria a Passo Fundo demonstra a valorização da mulher e, ao mesmo tempo, expõe a relação entre as entidades das duas cidades.

Na edição de aniversário, do dia 19 de junho de 1953, o texto abaixo demonstra a exaltação a duas peças fundamentais no universo simbólico do tradicionalismo, o cavalo e a terra, elementos significativos na construção do imaginário da tradição.

O cavalo, como montaria, significa, acima de tudo, a superioridade imagética, a grandeza perante os que andam com os pés no chão, configurando, ainda, elemento essencial nas guerras de conquista dos territórios sulinos. Ressalta-se, nesse sentido, que, na linguagem tradicionalista, o lombo do cavalo é denominado “trono do gaúcho”.

Da mesma maneira, o texto destaca a importância e a valorização da terra, fruto de disputas e guerras, durante o processo de ocupação do estado, fatos que também estigmatizaram o gaúcho como guerreiro. Tais interpretações podem ser conferidas abaixo:

#### A TERRA, A SUA PAIXÃO; O CAVALO, O SEU ORGULHO.

As coxilhas do Rio Grande, onde o minuano desafia o homem para a luta pelo domínio da terra, são o cenário em que se agita um dos tipos mais curiosos dentre os que integram a população deste país – o gaúcho.

Figura legendária do extremo sul do Brasil, o gaúcho se caracteriza pelo seu temperamento ardente, pela sua agilidade no cavalo e pelo amor às tradições de audácia e lealdade de seus antepassados.

Tendo por berço as planuras infindáveis do Rio Grande, o gaúcho sente que a própria topografia da sua terra natal é um apelo constante à luta pela liberdade. Por isso ele ama a vida ao ar livre, entre companheiros, onde toma seu chimarrão, come churrasco, conta ao som da harmônica as belezas da terra e ouve histórias de cavalgadas heroicas.

Se a terra é a sua paixão, o cavalo é o seu orgulho. Companheiro inseparável, quer na luta pela vida, quer nas aventuras romanescas, o cavalo é para o gaúcho um ser a quem dedica todo o afeto e todos os cuidados.

Criado nessa escola de lutas que é a vida dos campos, onde se plasmam os homens rijos, que sorriem do perigo, o gaúcho é o tipo forte do homem do passado. Quando cavalga o seu pingo, no traje típico em que sobressaem o poncho e as bombachas, parece mais uma figura de lenda que um homem do século da velocidade em que vivemos. (O NACIONAL, 19 jun. 1953)

A exaltação do arquétipo a ser seguido promove a busca a um personagem composto por elementos desconexos. Estão reunidos, em uma só figura, requisitos que concorrem para a idealização do herói com valores atuais projetados de maneira inversa, aistórica. O texto ressalta, novamente, as virtudes e os valores como condições essenciais a um personagem modelo em amplos aspectos. A relação com o tempo e o louvor ao passado mitificam o gaúcho e descartam a possibilidade de transformações, uma vez que o heroísmo e o tempo admirável estão, segundo o discurso tradicionalista, no passado.

O processo de introdução do tradicionalismo, na cidade de Passo Fundo, contou, também, com artifícios em sua divulgação. A publicação a seguir, de 22 de junho de 1953, anuncia um filme com as imagens das comemorações do seu primeiro aniversário:

**GRANDE INTERESSE POPULAR PELO FILME DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “LALAU MIRANDA”.**

A notícia divulgada por este vespertino em sua edição de aniversário, sobre a exibição na próxima 6ª feira, dia 26, do filme do CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS LALAU MIRANDA, causou um grande júbilo e animação entre todas as camadas sociais de Passo Fundo, pois era grande a ansiedade que reinava em todas as rodas.

Agora já com a sonorização concluída, o filme será mostrado ao público num ótimo espetáculo, no dia 26, no CINE REAL.

Esperamos com paciência, pois, mais esses poucos dias e dia 26 vamos ao REAL (duas sessões: 19:30 e 21:30 horas) aplaudir a indiada guapa do LALAU MIRANDA que reviverá na tela aqueles belos dias do 1º aniversário do Centro.

Há de tudo um pouco, no filme: ornamentação dos salões, aspectos da assistência e dos artistas defronte a Rádio Passo Fundo, posse da Diretoria, baile, danças típicas, desfile da gauchada, churrasco, corrida das argolinhas, domas de burros etc.

Se não viu a festa, não perca o filme! E se viu, vá recordá-la... (O NACIONAL, 22 jun. 1953)

Os anúncios da exibição do filme foram repetidos, por diversas vezes, durante o mês. Esse instrumento, associado ao rádio e ao jornal, logrou êxito na divulgação do tradicionalismo, com a exibição das imagens das comemorações alusivas ao aniversário da instituição.

No dia 15 de julho de 1953, foi publicada a notícia da visita dos componentes do CTG de Passo Fundo à entidade de Erechim. Como de costume, a imprensa radiofônica local fez a cobertura das atividades tradicionalistas das instituições correligionárias. As visitas entre os CTGs e componentes de grupos tradicionalistas eram comuns, fazendo valer a hospitalidade, predicado do gaúcho que, também, compõe a apologia ao tradicionalismo. A viagem do grupo passo-fundense a Erechim foi assim noticiada:

ATIVIDADES DO CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “LALAU MIRANDA”.

Numa bonita festa crioula, confraternizaram gaúchos de Passo Fundo e de Erechim. Sábado último, dia 11 do corrente, a peonada da internada artística do CTG Lalau Miranda, que tem como posteiro o entusiasta gaúcho José Paim Brites, a convite do seu co-irmão “Galpão Campeiro” de Erechim, bem como do valoroso gaúcho Irai Paim Varela, residente naquela cidade, excursionou à Capital do Trigo, a fim de participar dos festejos com que a ZYF-7 daquela cidade comemorou mais um ano de sua profícua existência.

A caravana de gaúchos “Lalau Miranda” de Passo Fundo, dirigido pelo agregado das pilchas, Sr. Arthur Sussenback, estava constituída dos Srs. José Paim Brites, Tenebro dos Santos Moura, Abílio Jardim e Silva, Ernesto Flores da Silva, João Alves Castanho, Luiz Translatti, Sergio Goelzer, Joveno De Novaro e Moacir Nunes.

A gauchada de Passo Fundo desde que foi surpreendida, por um grupo de entusiastas companheiros de Erechim, alguns quilômetros antes de alcançar aquela cidade, não mais cessou de vibrar, tão calorosa foi a recepção e tão hospitaleira a acolhida que lhe dispensaram os bravos companheiros de culto a tradição daquela bela cidade. Menção especial, sem favor algum, merecem os valorosos gaúchos, professor Heitor Pithan, membro graduado da diretoria do “Galpão Campeiro” e Irai Paim Varela, integrante das fileiras do CTG “Lalau Miranda”, de Passo Fundo, como do Galpão Campeiro de Erechim.

Também compartilhou da recepção aos gaúchos de Passo Fundo o centrista Ivo Paim, que lá se encontrava desde alguns dias, em gozo de férias.

De chegada, a caravana foi recepcionada, na acolhedora residência do professor Heitor Pithan, gaúcho de fina estirpe e oficial administrativo da Caixa Econômica daquela cidade, onde durante mais de duas horas confraternizaram com a disposta e desempenada gauchada do “Galpão Campeiro” e alguns membros de destaque da sociedade local. [...]

A harmonia entre os participantes, embora de cidades diferentes, e os cuidados com a recepção preparada em torno dos cerimoniais davam caráter ritualístico ao encontro dos correligionários do tradicionalismo gaúcho. Abaixo, apresenta-se a continuação da notícia:

(...) Correndo o amargo de mão em mão, falou o posteiro José Paim Brites, num de seus inspirados e muitos apreciados improvisos.

Sensibilizado pelo gesto simpático dos irmãos Monback, falou a seguir o Sr. Palhano Sobrinho que fartos aplausos arrancou de todos os presentes, tanto pelo seu entusiasmo e satisfação, como pela maneira espontânea e bem gaúcha com que se expressou.

Muita música, declamações e trovas foram a seguir ouvidas, tendo tomado parte tanto elementos de Passo Fundo como de Erechim.

Após o churrasco, a convite da direção da Rádio Erechim, compareceram os gaúchos, todos bem pilchados, no grande baile que se realizava nos suntuosos salões do Clube Atlântico, comemorativo ao aniversário daquela emissora amiga.

Às 9:30 horas de domingo, patrocinado por diversas firmas industriais e comerciais daquela cidade, foi levado a efeito um apreciadíssimo programa radiofônico de meia hora, através dos microfones ZYF-7, onde tomaram parte, além dos animadores, Srs. Arthur Sussenback e José Paim Brites, quase todos os componentes da caravana visitante.

Terminado o programa os gaúchos novamente se concentraram na hospitaleira residência do companheiro Irai Varela, onde, de chegada, foram encontrar o dono da casa às voltas com uma “lanuda”, coureando nos fundos da casa, para ao meio dia “entreter” a gauchada folheira que desde aquelas horas ia chegando ao seu lar amigo.

Este, pode-se dizer, foi o ponto culminante da festa. Descrever o que lá foi apreciado e vivido é quase impossível. Cremos que, dizendo ter sido uma festa gaúcha cem por cento, teremos dito tudo. Entretanto nem todos os leitores compreenderão o que isto significa, na sua verdadeira acepção, por quanto nem todos sabem vibrar como os gaúchos. Mas pode-se dizer, simplificando, que é o que de melhor existe para o gosto de quem verdadeiramente ama o Pago e cultua suas gloriosas tradições. (O NACIONAL, 15 jul. 1953)

Nesse texto, a exaltação em torno das festividades relacionadas com a visita é evidente. Até mesmo o ato de celebrar a tradição é comemorado, o que dá uma noção do empenho destinado aos rituais que a sacramentam.

A notícia do dia 28 de julho de 1953 relata a recepção de um grupo passo-fundense que visitou a Festa do Milho no município de Santa Rosa. Da mesma maneira entusiástica, o grupo foi recepcionado na sua chegada a Passo Fundo, como registram os principais trechos da publicação:

**FESTIVAMENTE RECEPCIONADO, NESTA CIDADE, O REGRESSO DOS COMPONENTES DO CTG “LALAU MIRANDA”.**

Numeroso público foi acolher os caravaneiros, na gare da estação da Viação Férrea. Banda da Brigada Militar.

A saudação do Patrão Múcio e os agradecimentos do Capataz Nei Vaz da Silva.

Consoante noticiário que temos publicado, nada menos de 70 elementos do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, desta cidade participaram da grande Festa do Milho, de Santa Rosa para onde foram em trajes característicos do gaúcho, juntamente com grande número de prendas, vestindo também a “rigor caboclo”, emprestando ao importante certame nacional da agricultura um brilhantismo que impressionou vivamente a quantos assistiram àquelas festas, inclusive altas autoridades federais e estaduais e representações de todos os municípios da zona oeste e norte do estado [...].

#### A SAUDAÇÃO DO PATRÃO MÚCIO DE CASTRO

(...) À frente do povo, foi recepcionar os bravos caravaneiros o Patrão Múcio de Castro que a todos os recém-chegados abraçou efusivamente e, não contendo sua emoção, usou da palavra para saudar a brava gauchada, em nome da cidade de Passo Fundo, que tanto honraram em sua excursão, proferindo um discurso entusiástico, exaltando o entusiasmo de todos os componentes do CTG Lalau Miranda, e agradecendo aos mesmos e ao Capataz Ney Vaz da Silva pelo muito que fizeram, levando a fama de Passo Fundo a outros rincões do Pago querido dos Pampas.

#### OS AGRADECIMENTOS DO CAPATAZ NEY VAZ DA SILVA

O Capataz Ney Vaz da Silva, chefe da caravana itinerante, agradeceu as palavras de louvor do Patrão do Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda, havendo discorrido sobre a missão que lhe fora confiada de chefiar a excursão, exalando ao mesmo tempo os componentes da caravana, a sua solidariedade, a sua compreensão cívica no cumprimento de dever de gaúchos. Por outro lado, enalteceu a colaboração dos gaúchos e gaúchas de Erechim e Soledade, companheiros de jornada, notadamente a Srta. Cenira Villanova, que representou o CTG “Marciano Brum”, de Soledade, bem como Heitor Pithan, Irai Paim Varela, Aristides Antonio, Ernesto Kufner, Isidoro Castilhos e as prendas Srtas. Suzana e Lenir Della Costa, Ivone e Terezinha Kufner, além das Exmas. esposas dos Srs. Irai Varela e Aristides Antonio, todos representantes do Galpão Campeiro, da cidade de Erechim.

A seguir os gaúchos do CTG Lalau Miranda entraram na cidade com imenso acompanhamento, entre demonstrações indescritíveis de entusiasmo. (O NACIONAL, 28 jul. 1953)

As excursões para cidades vizinhas eram frequentes e buscavam a legitimação do movimento na atuação das entidades do mesmo gênero. Nos anos de 1953 e 1954, a ligação do CTG de Passo Fundo com as instituições de outros municípios foi significativa. As cidades de São Francisco de Paula, Santa Rosa, Carazinho, Cachoeira do Sul, Bagé, Vacaria, Lagoa Vermelha, Soledade, Guaporé, Veranópolis, Erechim, Sarandi e Marau estiveram nas páginas do periódico, trabalhado em tratativas referentes ao processo de expansão do tradicionalismo.

O dia 07 de outubro de 1953, *O Nacional* anuncia a criação de um Centro Tradicionalista em São Paulo, demonstrando o alcance do movimento, comemorado em Passo Fundo:

#### FESTA DE ANIVERSÁRIO do “Centro Gaúcho” de S. Paulo.

[Entre] Uma das instituições culturais da gente rio-grandense, encravadas noutras unidades da Federação, destaca-se, sem dúvida, o centro Gaúcho de São Paulo, lidima casa do gaúcho na capital bandeirante, onde a gente cá do pago se sente bem, muito embora longe de nossos pampas.

As festas gaúchas são sempre ali festejadas, com brilhantismo. Agora, segundo comunicação que recebemos, no Parque Guarapiranga em Santo Amaro, cedido pelo prefeito da cidade, o Centro Gaúcho promoverá, no dia 11 do corrente, um grande churrasco em comemoração ao seu 26º aniversário de fundação, festividade em que comparecerão gaúchos residentes e em trânsito por São Paulo, bem como convidados especiais, autoridades bandeirantes e pessoas gradas. (O NACIONAL, 07 out. 1953)

Poucos dias depois, *O Nacional* publicou uma homenagem ao patrono do CTG Lalau Miranda, trazendo a fotografia de Estanislau de Barros Miranda:

**24 DE NOVEMBRO :**  
**Centenario do nascimento de Lalau Miranda**

Vinte e quatro de novembro é, indubitavelmente, uma data excepcional para o Centro de Tradições Gaúchas «Lalau Miranda», de Passo Fundo.

É que, precisamente há cem anos passados, nasceu aquele que estava predestinado a se immortalizar, o ilustre gaúcho Estanislau de Barros Miranda «Lalau Miranda», como era conhecido — guasca dos quatro costados, autêntico cultor dos costumes daqueles bravos conterrâneos que o precederam.

Era Lalau Miranda, além de um gaúcho dos mais autênticos, exímio jogador e campeiro de alta classe, cidadão que durante toda a sua existência, através de todos os seus atos, procurou imprimir uma linha de conduta exemplar e invejável, deixando exemplos vivos de dignidade, de civismo e de honra, tanto para os seus descendentes, como para todos aqueles que tiveram a ventura de



O saudoso gaúcho ESTANISLAU DE BARROS MIRANDA «Lalau Miranda».

com ele privar ou tiveram conhecimento da sua existência, no município de Passo Fundo.

Figuras de destaque do C. T. G. local têm trabalhado afanosamente, coligindo dados, a fim de brindar os seus admiradores com uma série de comentários interessantes sobre a sua existência.

Ainda que tardiamente, bem reconhecendo os seus méritos e suas incontestáveis virtudes cívicas — não é em pessoa, mas os seus descendentes diretos, nossos conterrâneos — assistem às homenagens que lhe são prestadas, não só na data de amanhã, como desde há dois anos passados, através do C. T. G. de Passo Fundo que, num justo reconhecimento, escolheu o nome desse ilustre gaúcho para seu patrono.

Hoje, com a atuação do C. T. G. local, fazendo-se projetar para além das fronteiras do nosso Estado, através do culto às nossas tradições e dos nossos costumes, Lalau Miranda tornou-se conhecido em todo o território nacional, numa das mais justas e merecidas homenagens que se podia prestar a um homem da envergadura moral e do quilate sem jaça que caracterizava sua ilustre pessoa.

O C. T. G. «Lalau Miranda», não só associando-se, como assumindo a liderança nas muitas homenagens póstumas ao ilustre gaúcho, por ocasião do centenario de seu nascimento, além do programa especial que foi irradiado ontem, dentro do programa do Centro, amanhã, às 10 horas, realizará uma romaria ao cemitério desta cidade, onde jazem os restos mortais do seu ilustre patrono — o inolvidável e saudoso gaúcho Estanislau de Barros Miranda.

Figura 11 - Centenário do nascimento de Lalau Miranda.

Fonte: O NACIONAL, 24 nov. 1953

O culto à personalidade, ao heroísmo e, conseqüentemente, a modelos de cidadania para a época estão presentes no recorte temporal trabalhado. O latifundiário e proprietário de escravos Lalau Miranda serve como referência e modelo de gauchismo, embora, curiosamente, apareça, na foto, vestido com um terno, preterindo as pilchas, indumentária essencial no culto ao tradicionalismo gaúcho. Dessa maneira, a desconexão entre uma imagem da época e o discurso do imaginário do tradicionalismo se faz evidente no louvor ao centenário de nascimento de tal ícone. Mesmo considerando o fato de que o tradicionalismo se expandiu após a morte de Lalau Miranda, vale considerar que o discurso que ressalta a bombacha como veste incondicional do gaúcho não se coloca em prática junto ao cotidiano da figura máxima na fundação da primeira entidade em Passo Fundo.

Como se percebe, o movimento em Passo Fundo mostrou-se cooptador de apoios para a consolidação das ideias tradicionalistas, fazendo uso, inclusive, da memória de ícones do passado. Além disso, a busca por respaldo de referências do presente resultava no engajamento de indivíduos exponenciais na sociedade de então, o que se pode observar na publicação a seguir sobre João Goulart.

O raio de ação do Movimento Tradicionalista Gaúcho ultrapassava o limite do Rio Grande do Sul. No dia 1º de fevereiro de 1954, *O Nacional* noticia a viagem do grupo tradicionalista de Passo Fundo para o Rio de Janeiro:



Figura 12 - O ministro João Goulart colabora com o CTG Lalau Miranda.

Fonte: O NACIONAL, 01 fev. 1954.

Os componentes do CTG Lalau Miranda apresentaram-se na Rádio Nacional do Rio de Janeiro (então capital do país) no dia 26 de julho de 1954. O programa chamado “Papel carbono” abriu espaço para a apresentação artística do grupo, que tocou, cantou e apresentou coreografias tradicionalistas para o público do estúdio. Sobre o acontecimento, Nascimento registrou:

O espetáculo do CTG Lalau Miranda começava com as apresentações das prendas e dos peões, entrando em cena, para o grande quadro “Negrinho do Pastoreio”, número que, por si só, era um espetáculo, dizia a imprensa do Rio de Janeiro.

As moças e os rapazes trajavam a caráter, com o seu símbolo e a tradicional Bandeira Farroupilha. A seguir, vinham as danças e as músicas tipicamente vindas do Rio Grande do Sul: chimarrita, maçonico, chula, pezinho, tirana, culminando com a dança “pau de fita”, que os cariocas gostaram muito. (1992, p. 53)

Ainda sobre a publicação acima, vale anotar que o apoio do ministro do trabalho à época e presidente nacional do PTB João Goulart foi determinante para que ocorresse a viagem. Além de contribuir para a excursão, o são-borjense e então futuro presidente do Brasil fez a doação simbólica de cavalos a serem domados para a instituição de Passo Fundo, como registra a publicação.

A construção de um prédio próprio para o culto das tradições foi de significativa importância para o movimento. Em 25 de abril de 1954, foi inaugurada a sede do CTG Lalau Miranda, em Passo Fundo, como anunciava o texto abaixo, dias antes ao evento:

**Inauguração do rancho no dia 25 do corrente!**

De acordo com o que temos amplamente noticiado, vão se realizar nos dias 23, 24 e 25 do corrente as festividades em comemoração ao transcurso do 2o. aniversário de fundação do CTG Lalau Miranda.

Um dos pontos altos do programa é sem sombra de dúvida o espetáculo gauchesco que os guascas da Invernada Artística do Lalau Miranda vão apresentar na noite de 23 (sexta-feira) no palco do Cine Real. Logo que se tornou conhecida a notícia desse monumental espetáculo, inúmeros pedidos de reservas de lugares tem recebido a Diretoria do Centro, o que faz prever que o Real vai se tornar pequeno para abrigar o público que vai acorrer para aplaudir as danças e músicas do nosso povo. As entradas, ao preço popular de Cr\$ 10,00 serão lançadas à venda ainda esta semana, para que todos possam comprar as suas bealidades sem cotrelias.

Também o baile gauchesco está despertando vivo entusiasmo e a Diretoria torna a avisar que somente os cavalheiros e damas trajados tipicamente à gaucha é que poderão dançar no referido baile. Assim que tratem com tempo de ir engraxando as suas botas e encomendando os seus vestidos...

Queremos chamar a atenção dos cabos eleitorais e candidatas que na próxima sexta-feira será feita uma nova apuração da votação para Rainha do Centro. Lindos presentes serão ofertados à Soberana eleita.

Este é o galpão do CTG Lalau Miranda, que será inaugurado no dia 25 (domingo), às 9 horas da manhã. A fotografia foi tirada quando o galpão estava ainda em construção.

Continúa animada a eleição para a nova Rainha — Grande entusiasmo para o baile típico e o espetáculo teatral — Outras notas



Figura 13 - Inauguração do rancho no dia 25 do corrente.

Fonte: O NACIONAL, 06 abr. 1954.

A partir dessa data, a instituição passou a ter um local próprio para realizar seus eventos. Levando em consideração o caráter hospitaleiro do gaúcho, de acordo com os princípios do tradicionalismo, receber convidados em seu próprio galpão foi de uma legitimidade ímpar. A imagem que ilustra a notícia é a foto da sede própria, ainda em construção, no ano de 1954, a qual seria substituída mais tarde pela definitiva, que se encontra em uso até os dias de hoje.

A participação contundente do rádio no processo de consolidação do tradicionalismo foi aparente, garantindo a constância na divulgação das atividades dos CTGs. O documento abaixo mostra o apelo para que as rádios, na região de Passo Fundo, divulguem as apresentações dos tradicionalistas do Lalau Miranda no Rio de Janeiro:

**A Rádio Carázinho - ZYF-8 também vai retransmitir o programa do «Lalau Miranda»**  
**Entusiástico pronunciamento do sr. Celso Fernandes-Grande expectativa dos rádio-escutas da ZYF-8**

Conforme temos divulgado, a Diretoria do CTG «Lalau Miranda» está apelando para todas as emissoras do Interior, no sentido de que entrem em rede com a Rádio Nacional no dia 25 de julho, às 21,30 horas, afim de formarem a «Cadeia das Emissoras Gaúchas do Tradicionalismo», retransmitindo para os céus do Rio Grande a campereada macanuda que o «Lalau Miranda» vai realizar nesse dia no Rio de Janeiro.

Com o fito de avistar-se com a Direção da ZYF-8, Rádio Carázinho, viajou ontem para aquela vizinha cidade, um emissário do «Lalau Miranda», que imediatamente entrou em contato com o sr. Celso Z. Fernandes, Inspetor das «Emissoras Reunidas» e atualmente na Gerência da Rádio Carázinho.

Recebendo o delegado do «Lalau Miranda» com a cordialidade e franqueza que lhe são peculiares, o sr. Celso Z. Fernandes, disse o seguinte:

— «É com grande satisfação que a ZYF-8, Rádio Carázinho, vai integrar a «Cadeia de Emissoras Gaúchas do Tradicionalismo», pois esta emissora sempre esteve ao lado das causas nobres, como é essa missão do «Lalau Miranda» no Rio de Janeiro. Podem, portanto, contar com a ZYF-8, a qual não podia ficar alheia a essa arrancada cívica e patriótica dos gaúchos de Passo Fundo. Aliás, eu já havia lido o apelo no «O NACIONAL» e estava mesmo por passar um telegrama de solidariedade a qualquer momento».

— Podemos adiantar aos nossos leitores que é grande o interesse dos rádio-ouvintes carazinhenses pela apresentação do «Lalau Miranda». A ZYF-8 vem transmitindo seguidamente propaganda da retransmissão que será feita, aumentando assim a expectativa geral.

**NEM TODOS SABEM...**

Copyright de

Figura 14 - A Rádio Carazinho - ZYF-8 - também vai retransmitir o programa do "Lalau Miranda".

Fonte: O NACIONAL.

No dia 17 de agosto de 1954, o tradicionalismo se fortalece, com o surgimento de mais uma instituição fora do estado, como demonstra a publicação a seguir:

### FUNDADO EM CURITIBA O “CENTRO GAÚCHO” DO PARANÁ.

Expande-se a cultura rio-grandense através do Estado do Brasil

Graças ao vigoroso movimento tradicionalista que se processa em todo o nosso Estado, revivendo fatos e costumes do Rio Grande lendário, está se expandindo a cultura rio-grandense pelos estados do Brasil. Aliás, já de longos anos, o Centro Gaúcho de São Paulo era uma afirmativa, lutando, embora, com grandes dificuldades. A recente excursão do CTG “Lalau Miranda” ao Rio de Janeiro serviu para salientar e avivar mais as coisas do Rio Grande, despertando todo o interesse em todo território Nacional.

Agora, em Curitiba, capital do Paraná, acaba de ser fundado o Centro Gaúcho, importante organização de caráter social, servindo para o maior entrelaçamento entre rio-grandense e paranaense. A propósito, recebemos a seguinte comunicação:

Ilmo Sr. Múcio de Castro  
Diretor do O NACIONAL  
Passo Fundo

Prezado coestaduando – Temos a satisfação de comunicar a V.S. a fundação do Centro Gaúcho do Paraná, com finalidade social, cultural esportivo-recreativa.

Foi eleita a junta organizadora, da qual ficou a responsabilidade da elaboração dos Estatutos Sociais, do primeiro intercambio social e cultural e da organização do Centro. A junta ficou constituída dos seguintes membros: Dr. Carlos Alberto Pinto, Presidente; Arthur Reichamann, 1º Secretario; Octacílio Lautert Filho, 2º Secretario; Almengo Echeverria Medeiros, 3º Secretario; Helio Soares Pinto, Tesoureiro. E mais os seguintes membros da Comissão Social de Intercâmbio: Paulo Medeiros Gomes, Menotti Fontoura Cademartori, Rui Cardoso de Macedo, Newton J. de Sisti e César Beck Machado.

Desde já o Centro Gaúcho do Paraná, que congrega a família gaúcha radicada neste estado, fica à disposição desse conceituado órgão noticioso e dos conterrâneos. Certos da cooperação de V.S., antecipamos nossos agradecimentos e apresentamos nossas saudações cordiais.

Pelo Centro Gaúcho do Paraná – Almengo Echeverria Medeiros, Secretário. (O NACIONAL, 17 ago. 1954)

O fato de CTGs serem fundados fora do estado impressiona. Todavia, se o saudosismo de tempos passados acompanhou o discurso tradicionalista, agora, estava mais distante da região geográfica que abrigou as matrizes culturais do fenômeno. A saudade não é mais fruto somente de algo que passou no tempo, mas sim de uma terra (o pago) ainda mais afastada, pois o movimento levava seus representantes para além do Rio Grande do Sul, expondo o ideário em outros estados.

A publicação do dia 13 de setembro de 1954 traz a notícia do afastamento de Múcio de Castro das atividades do CTG Lalau Miranda para o encaminhamento do pleito eleitoral que o elegeria deputado estadual para o período compreendido entre janeiro de 1954 e janeiro de 1959:

Licencia-se do CTG “Lalau Miranda” o jornalista Múcio de Castro.

Vem exercendo o cargo de Presidente do CTG “Lalau Miranda”, desta cidade, há mais de dois anos, o nosso colega de trabalho jornalista Múcio de Castro, diretor deste vespertino, o qual, agora em missiva enviada a essa entidade tradicionalista, veio solicitar licença de cargo, por tempo indeterminado, em virtude das atividades absorventes noutros setores.

Assim, assume a presidência do CTG “Lalau Miranda” o Sr. Ney Vaz da Silva, elemento destacado da indústria e da sociedade local e grande tradicionalista, que tem honrado bastante as coisas do nosso “Pago” querido. (O NACIONAL, 13 set. 1954)

É importante considerar que, após o pedido de licença do patrão da instituição e diretor do jornal, as publicações sobre o CTG Lalau Miranda e demais assuntos relacionados ao tradicionalismo diminuem consideravelmente. Na sua vacância de cargo junto à instituição, assume Ney Vaz da Silva, industrial passo-fundense e tradicionalista atuante.

Conforme se observou anteriormente, o grupo condutor da entidade foi constituído por figuras notórias da sociedade com efetiva participação nas atividades de cunho tradicionalista. Considerando-se as funções da patronagem, ou seja, da direção da instituição, no que se refere à composição social dos diretores, não houve participação popular no advento e na consolidação do CTG na cidade, de modo que o movimento se mostra claramente elitista.

O exemplar do periódico do dia 24 de setembro de 1954, por meio de um comunicado aos associados e à população em geral, informa que o CTG Lalau Miranda “não faz política”. Tal informação é significativa, sobretudo, se relacionada ao fato de que a instituição tinha, dias antes, em sua direção, um candidato para a Assembléia Legislativa do estado. A ressalva expõe o seguinte:

#### O CTG “LALAU MIRANDA” NÃO FAZ POLÍTICA.

Comunicação aos associados e ao povo em geral.

A fim de dirimir possíveis dúvidas, comentários ou explorações, coisas assaz muito comuns nos períodos pré-eleitorais, a direção do CTG “Lalau Miranda” torna público que os cavalarianos que desfilaram por ocasião da chegada de uns dos candidatos ao Governo do estado a esta cidade, quarta-feira última, não o fizeram na qualidade de representantes desta entidade tradicionalista.

Uns três ou quatro deles, é bem verdade, são associados do CTG “Lalau Miranda”, e, se assim o fizeram, foi por suas únicas e exclusivas iniciativas, não devendo, por isso, ser apontado o “Lalau Miranda” como responsável por este ou aquele ato que venham a praticar alguns de seus integrantes.

O artigo 3º dos Estatutos desta Entidade Tradicionalista diz o seguinte: “O centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa”, de sorte que, se, amanhã, outros cavalarianos resolverem desfilar em homenagem a outro qualquer candidato que por ventura aporte a esta cidade, e entre esses se encontrarem elementos igualmente pertencentes ao CTG “Lalau Miranda”, é mera coincidência.

Tanto zela a sua diretoria pelo seu alheamento às lutas político-partidárias, em cumprimento dos seus dispositivos estatutários, que, ao se aproximar a data das eleições, ao ser intensificada a campanha eleitoral, campanha esta em que o seu patrão, o valoroso jornalista Múcio de Castro, também vem concorrendo a um cargo eletivo, ele próprio, espontaneamente, se licenciou, para que mais livremente pudesse trabalhar e mais à vontade pudesse deixar a guapa peonada por ele comandada, optando, cada um, pelo candidato que melhor lhe pareça.

PASSO FUNDO, 23 de Setembro de 1954.

Pela Diretoria  
(As. Ney Vaz da Silva  
Pedro P. Couto  
Arthur Süssenback  
Ten. Delmar Duarte)  
(O NACIONAL, 24 set. 1954)

As informações veiculadas nos textos até aqui estudados evidenciam a influência das personalidades municipais que se envolveram com o tradicionalismo no período em questão. Com o personagem principal do movimento, em Passo Fundo, não foi diferente. Múcio de Castro possuía ampla atuação em diversos setores da sociedade, tendo, em contrapartida, o seu apoio.

Abaixo, tem-se a publicação, na íntegra, da propaganda política às vésperas da eleição que o sagrou deputado:

**PASSOFUNDENSE! Para Deputado Estadual**

Dá novamente a prova exuberante de tua consciencia civica, volvendo tuas vistas para os superiores interesses de nossa terra!

Aproxima-se a hora de, mais uma vez, te manifestares nas urnas livres, escolhendo, **AMANHÃ**, os candidatos que interpretarão fielmente as legitimas aspirações do povo!

**PARTIDO TRABALHISTA BRASILEIRO**

**Múcio de Castro**  
COMO JORNALISTA, DEBATEU SEMPRE, COM DESASSOMBRO, AS MAGNAS QUESTÕES POPULARES, LIDERANDO, NA IMPRENSA, AS GRANDES CAUSAS DA COLETIVIDADE E DO MUNICIPIO.  
NA ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA, SERÁ O LEGITIMO PORTA-VOZ DO POVO PASSOFUNDENSE.

Figura 15 - Propaganda política de Múcio de Castro.

Fonte: O NACIONAL, 1º out. 1954.

*O Nacional* publicou a propaganda política na véspera da eleição do dia 02 de outubro de 1954, evidenciando, em seu discurso, características populistas<sup>40</sup>. A partir de então, houve uma diminuição acentuada das publicações relativas ao CTG Lalau Miranda e ao tradicionalismo no referido jornal. Ressalta-se que a utilização da ordem tripartida entre política, tradicionalismo e jornalismo surtia efeitos, sutilmente, sem a percepção do pragmatismo que se estabelecia na exposição constante de personalidades da sociedade passo-fundense.

A tentativa de reprodução mais fiel possível do universo da campanha era evidente na entidade e nas páginas do periódico. No dia 26 de março de 1955, por meio de uma publicação, convoca-se uma reunião para anunciar a criação de um centro hípico do CTG Lalau Miranda. A nova criação reproduziria as antigas carreiras praticadas em campo aberto no pampa<sup>41</sup>:

---

<sup>40</sup> Prática política que toma como referência e fonte de legitimidade o povo em geral, visando à cooptação das classes de menor poder aquisitivo. Teve como exemplos clássicos, no século XX, Getúlio Vargas no Brasil e Juan Domingo Perón na Argentina. No apoio ao trabalho e na defesa de interesses populares, Múcio de Castro demonstra características de tal prática política.

<sup>41</sup> Ver GOLIN, 2001.

**Departamento Hípico do  
C.T.G. «Lalau Miranda»  
Convite aos carreiristas gaúchos**

O Centro de Tradições Gaúchas «Lalau Miranda» tem a honra de convidar os sócios e principalmente os carreiristas e amadores desse esporte, residentes no município (sócios ou não) assim como autoridades civis, militares, eclesiásticas, e o povo em geral, para uma reunião a realizar-se domingo vindouro, dia 27 do mês vigente, às 9 horas da manhã, nos salões do Clube Caixeiral.

Nessa reunião será fundado o departamento hípico do C.T.G. «Lalau Miranda», na vila Vera Cruz, cuja área de terras foi doada pela conceituada firma Schilling, Goelzer & Cia. Ltda., em magnífico local.

Trata-se da organização de uma cancha de seis pistas, com 1.200 metros de comprimento, para corrida de cavalos puro sangue, podendo correr também os nossos changueiros.

Este hipódromo, que terá magníficas construções, servirá também para outros esportes, como corridas de bicicletas, pedrestes, equitação, saltos, etc. e para a realização de grandiosas festas desse centro tradicionalista.

A planta da cancha será exposta no Clube Caixeiral, domingo vindouro, onde poderá ser examinada pelos amadores do hipismo.

Como Passo Fundo necessita de uma cancha hípica, para atrair os amantes desse esporte e ser o ponto alto das festas do centenário do município, o C. T. G. «Lalau Miranda» espera a cooperação do povo passofundense.

**NEY VAZ DA SILVA**  
Presidente (Patrão)

**GOMERCINDO DOS REIS**  
Coordenador

Figura 16 - Convite do Departamento Hípico do CTG Lalau Miranda.  
Fonte: O NACIONAL, 26 mar. 1955.

Da mesma maneira que as atividades locais, as tentativas de expansão do movimento por outros estados eram profícuas. O jornal do dia 17 de maio de 1955 noticiou as apresentações do Lalau Miranda em Concórdia, Santa Catarina:

GRANDIOSO ESPETÁCULO DO “LALAU MIRANDA”, EM CONCÓRDIA (STA. CATARINA).

Dias 21 e 22 do corrente – Cerca de 5 mil pessoas assistirão ao acontecimento gauchesco – As autoridades de Concórdia auspiciam o espetáculo crioulo.

O Centro de Tradições Gaúchas Lalau Miranda vem se impondo dia a dia perante as entidades tradicionalistas do Estado e mesmo perante o povo gaúcho e de outras unidades da União, em virtude de sua atuação espetacular nos grandes centros, notadamente, no Rio de Janeiro, no ano passado, quando constituiu a nota cultural de maior destaque já registrado na capital brasileira.

O CTG Lalau Miranda deverá efetuar excursões a Caxias do Sul, Concórdia (Estado de Santa Catarina) e Lagoa Vermelha, recebendo convites especiais dessas cidades, que aceitou de bom grado... [...] (O NACIONAL, 17 maio 1955)

No dia 03 de agosto de 1955, o destino do grupo era a capital paranaense, Curitiba, atendendo ao convite dos tradicionalistas daquela cidade, o que demonstrava a atuação nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, evidenciando uma ordem crescente rumo ao norte do país. O texto abaixo descreve:

#### O “LALAU MIRANDA” EXCURSIONOU A CURITIBA

Conforme temos noticiado, seguiu ontem às 20 horas da noite, em ônibus especial em missão cultural do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, rumando para Curitiba a convite das entidades culturais e autoridades daquela capital.

Os excursionistas passo-fundenses seguiram sob a chefia do Sr. Nelson N. Castro, patrão do referido Centro. Sobre esse importante acontecimento, daremos maiores notícias em próximas edições. (O NACIONAL, 04 ago. 1955)

No ano de 1956, uma nova diretoria assume a instituição, empossando, novamente, uma figura de renome e importância na cidade. No dia 09 de março, é noticiada a eleição que define um oficial militar de alta patente como patrão da instituição:

#### ELEITO PATRÃO DO CTG “LALAU MIRANDA” O CORONEL ALFREDO ROSA PRESTES

Satisfação e entusiasmo nos meios tradicionalistas locais.

Impressões do patrão Miguel Goelzer Lima.

Domingo último, realizou-se a eleição da nova Diretoria do Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda”, desta cidade, pujante agremiação tradicionalista que tantos serviços vem prestando à cultura, à sociedade e às artes de Passo Fundo, projetando o nome da terra do Fagundes dos Reis por todo o país.

Presidia anteriormente a pujante agremiação o Sr. Nelson N. Castro, coletor estadual, e o Sr. Miguel Goelzer Lima, da inspetoria de Terras, havendo ambos prestado bons e magníficos serviços à causa do tradicionalismo em nossa terra [...].

#### A NOVA DIRETORIA

Os resultados da eleição havida no Centro de Tradições Gaúchas “Lalau Miranda” foram os seguintes:

Patrão honorário: Jornalista Múcio de Castro.

Patrão: Tenente-Coronel Alfredo Rosa Prestes

Capataz: Dr. Mario Daniel Hoppe

1º Sota-capataz: Lauro Maciel

2º Sota-capataz: Hélio Leitão

1º Agregado das Pilchas: Juliano Poletto

2º Agregado das Pilchas: Alencar Pacheco de Lima.

Conselho de Vaqueanos: Ney Vaz da Silva - Dr. Selso da Cunha Fiori - Genorvam de Almeida Guedes - Carlos Nino Machado - Miguel Goelzer Lima.

### REPERCUSSÃO

A nossa reportagem esteve em palestra com o Sr. Miguel Goelzer Lima, atual patrão do CTG "Lalau Miranda" (pois que a posse da nova diretoria só se dará em abril), tendo S.S. informado que foi magnífica a repercussão entre todos os tradicionalistas da direção dos novos e devotados companheiros que vão compor a nova diretoria, tendo à frente o Cel. Alfredo Rosa Prestes.

Descreveu-nos o Sr. Miguel Goelzer Lima o ambiente de satisfação, reinando entre os tradicionalistas locais, e disse-nos do seu entusiasmo pessoal com essa eleição. (O NACIONAL, 09 mar. 1956)

O patrão emérito do CTG Lalau Miranda, Múcio de Castro, retorna à patronagem em 1958, mesmo ano em que é realizado o primeiro torneio de laço da cidade. Os competidores reproduziram, em campo aberto, a preagem do gado com o laço de couro cru. A atividade não teve mais o objetivo do apresamento ou da cura do rebanho, mas sim da competição ritualística na pretensa manutenção dos costumes do homem do campo de outrora.

A publicação a seguir retrata o evento:



Figura 17 - Torneio de laço em Passo Fundo.

Fonte: O NACIONAL, 31 maio 1958.

No dia 22 de setembro de 1958, veiculou-se a notícia sobre a inauguração do monumento ao laçador da cidade de Porto Alegre. A informação é relevante, tendo em vista que se trata de um monumento de grande representação simbólica para os tradicionalistas. O jornal registra da seguinte forma esse fato:

**NAS COMEMORAÇÕES DO 20 DE SETEMBRO, FOI INAUGURADO O MONUMENTO AO LAÇADOR.**

P. ALEGRE, 17 (ON). Voltou a reunir-se, no salão nobre da Prefeitura Municipal, a comissão pró-monumento “Laçador”, presidida pelo escritor J.O. Nogueira Leiria, e que tem como 1º e 2º secretários, respectivamente, os professores Valter Spalding e Dante de Laytano e, como membros, o Sr. José Fidelis Ramos Coelho, secretário do Governo Municipal; o escritor Lauro Rodrigues e os Coronéis João Lúcio Marques e Volmi Bocorni.

Nessa oportunidade ficou definitivamente assentado o programa com que a municipalidade comemorará a data farroupilha de 20 de Setembro, e que terá como ponto culminante a inauguração do monumento ao laçador.

**O PROGRAMA**

Iniciando as solenidades, haverá concentração de cavalarianos junto à Estátua do Coronel Bento Gonçalves, na Av. João Pessoa, partindo dali um desfile até a Praça do Bombeador, pelo seguinte trajeto: Av. João Pessoa, Rua Dês. André da Rocha, Av. Borges de Medeiros, Largo da Prefeitura, Voluntários da Pátria e Av. Farrapos, até aquele logradouro.

Na Praça do Bombeador as cerimônias serão abertas com evoluções da Banda Marcial do Colégio Gonzaga, de Pelotas, cujas 120 figuras foram especialmente convidadas para essa festividade. A seguir se farão ouvir diversos oradores, seguindo-se o descerramento do monumento, ao som do Hino Rio-Grandense. Após um desfile de representações dos centros tradicionalistas, o Coral Crioulo do Uruguai interpretará diversos números de música regionalista. (O NACIONAL, 22 set. 1958)

Em 1959, é eleito para a presidência o major Gustaff Goran Gerhar Johansson<sup>42</sup>, seguindo a trajetória de personalidades da sociedade passo-fundense na liderança da instituição, que atuou única, na cidade, até 1960, ano em que é fundado o CTG Getúlio Vargas, demonstrando a continuidade do projeto tradicionalista em Passo Fundo.

O ano de 1960, que representa o fim do recorte temporal proposto para o trabalho, revela o início de uma etapa diferenciada do tradicionalismo em Passo Fundo. O surgimento de novas instituições no mesmo município trouxe, inevitavelmente, a concorrência. As necessidades das entidades foram se adequando às demandas culturais, e os CTGs precisaram passar por algumas adaptações para coexistirem. A essência conservadora da tradição gaúcha manteve-se, porém com novas roupagens e em fase de transformação, expressando a demanda

---

<sup>42</sup> Comandante do 3º Regimento de Cavalaria da Brigada Militar.

de estilizações para enquadramento do público seguidor do tradicionalismo, cativado pela geração dos sócios-fundadores do CTG Lalau Miranda.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A década de 1950 constituiu um momento ímpar no contexto sociocultural da cidade de Passo Fundo. O crescimento urbano, em um ambiente de culturas diversificadas, somado ao espírito de recomeço do pós-guerra, trouxe a demonstração de empenho na configuração de um modelo cultural baseado na tentativa de reprodução do passado, ou seja, o “tradicionalismo”.

O fenômeno, surgido em Porto Alegre, no ano de 1947, com o primeiro CTG do Rio Grande do Sul, como contraposição cultural à influência norte-americana, repercutiu, rapidamente, em várias cidades do estado. Assim, o desenvolvimento do culto à figura do gaúcho lendário, dentro do tradicionalismo, associado às peculiaridades locais, inicialmente, pelas cidades do estado onde a doutrina se arraigou, formou ambientes particulares também em Passo Fundo. Tal proposta, ao unir os pontos comuns do ideário tradicionalista, consolidou um discurso conciliador e passou por um processo de expansão, ultrapassando as cercanias de origem.

Na cidade em pauta, o advento do movimento se dá graças ao engajamento de um grupo ligado à capital Porto Alegre, do qual faz parte Múcio de Castro, jornalista e diretor-proprietário do jornal *O Nacional*, de Passo Fundo – peça fundamental na introdução do tradicionalismo nesse contexto. A participação de Múcio de Castro nesse grupo de personagens da sociedade passo-fundense, afixou o apoio da imprensa jornalística e radiofônica na implantação de uma tradição em meio a uma população com significativa pluralidade cultural.

O apoio jornalístico ao projeto tradicionalista foi incontestável, ficando evidente na atuação da imprensa como veículo informativo e anunciante das atividades do primeiro CTG de Passo Fundo – Lalau Miranda –, fundado em 24 de março de 1952. O discurso tradicionalista veiculado trouxe a retórica recheada de simbologias imponentes para a cooptação de correligionários. Nesse discurso, o heroísmo do gaúcho, o saudosismo ao passado e a valorização dos elementos ligados ao campo contribuíram para a legitimação das ideias tradicionalistas, na tentativa de se garantir uma explicação plausível a tempo e espaços inexistentes.

A despeito dessa tentativa, a atuação dos entes históricos, assim como a organização dos fatos com coerência temporal, é algo irrepresentável na proposta tradicionalista. Uma vez

que a memória é criada a partir da formação de um imaginário, a sugestão de adesão se torna atraente. Nessa perspectiva, a opção pelo tradicionalismo dá a oportunidade de ser gaúcho (na prerrogativa readequada do próprio movimento de que ser gaúcho é um estado de espírito), e tal condição implica a agregação da infinidade de valores e preceitos morais a ele imputados, valorizando e ressignificando o sentido de existência do indivíduo.

O momento histórico em que se origina o tradicionalismo foi favorável à retomada de valores morais e cívicos, aspectos que não faltam no discurso em tal protótipo cultural. O elo de identidade com a terra em que se vive e o vínculo na relação com os elementos ligados a ela – sempre exaltados – dão a sensação de pertencimento e, por consequência, de legitimidade da existência. Embora tênues, as relações reais, plausíveis e prováveis na formação desses vínculos são os sustentáculos que, por meio da exaltação discursiva e do raio de amplitude de ação, em suas formas expoentes, possibilitam a consolidação de fenômenos como o tradicionalismo gaúcho.

O município de Passo Fundo, como um dos pioneiros na introdução do tradicionalismo no estado, traz elementos importantes para a compreensão do processo histórico em questão como um todo. É difícil examinar a formação do fenômeno em discussão sem apontar a atuação de algumas especificidades, na medida em que a interpretação da totalidade do processo implica, nesse caso, inevitavelmente, a observação das partes formadoras.

A partir de uma tradição inventada de fragmentos de passado, o fenômeno em pauta teve suas bases formadoras pulverizadas pelo estado e, mais tarde, pelo país e exterior, através dos CTGs. Cada ponto de referência dessa expressão cultural amealhou diversidades nas individualidades, construindo, com base em um discurso unívoco, um grande complexo tradicionalista. Não se pode negar o poder de cooptação que o movimento demonstrou, obtido por meio da proposta de identificação mútua. Assim, a partir da iluminação das sombras do passado, pôde-se criar uma tradição remodelada.

Nesse processo, a exposição contínua do movimento, nos meios de comunicação, reforçava a sua suposta veracidade e autenticidade. A atenção especial dispensada ao tema pelo jornal *O Nacional*, em Passo Fundo, não ocorre por acaso, pois o proprietário Múcio de Castro foi um dos protagonistas na tarefa de inserir o tradicionalismo no município. A partir da sua ligação política com Porto Alegre, foram trazidas as matrizes que se estabeleceram, inicialmente, de maneira improvisada na cidade. Após aceitação de um grupo de apoio, formado, em essência, por personalidades influentes e da elite abastada, fundou-se oficialmente a instituição.

O fenômeno em questão não pode ser apontado simplesmente como uma arbitrariedade, ou como um processo de dominação via autoritarismo ou coerção. Antes, fundamenta-se em um discurso incisivo, calcado em uma retórica, que, embora irreal do ponto de vista histórico, garantiu adesão sólida o suficiente para estabelecer bases que perduram até os dias atuais, visto o expansionismo permanente do tradicionalismo. Ainda que, ao longo do tempo, os moldes originais tenham sofrido alterações no choque com expressões culturais urbanas, o movimento mantém a sua essência e o seu caráter conservador. Tal fator, salienta-se, possibilita a sensação de identificação com as origens sem que a isso corresponda um comportamento antiquado.

Os elementos que compõem o universo imaginário do tradicionalismo situam-se em diferentes espaços de tempo, organizados no contexto do presente. Cada um traz consigo a sua história, somada à criação imaginária do seu valor simbólico, com características que desgarram de seus significados históricos. A gama de componentes desse emaranhado de representações circula na vida cotidiana como rito sagrado; aparece em variadas instâncias entre a vida íntima e a socializada, como disposição de valores morais, materiais e cívicos possíveis de serem adotados. O tradicionalismo possibilita ser gaúcho na integridade, assumir uma identidade redentora, carregada de valores pressupostamente importantes para a atualidade.

A afirmação sequencial do movimento, em diversas modalidades do texto jornalístico, juntamente com mecanismos complementares, contribuiu expressivamente para sua consolidação. Para tanto, foram utilizados métodos que recorreram à prática conhecida da persistência no anúncio, em um processo de convencimento no qual o amplo respaldo aos rituais tradicionalistas fornecia, também, a legitimidade da manifestação.

A documentação recuperada forneceu subsídios importantes para a realização do trabalho. Além do discurso relacionado à expansão do tradicionalismo, o que, em suma, guarda um aparente caráter cultural, ficou evidente a atuação das particularidades em vários aspectos dos conteúdos jornalísticos. O leque de opções para análise se abre com a particularidade formadora do objeto de estudo, que se torna, a partir de então, plural, oferecendo potencial para a continuidade ou o redirecionamento em novas pesquisas.

A utilização da imprensa como veículo divulgador do CTG não serviu somente para facilitar o processo de expansão do tradicionalismo. A contínua divulgação das ideias do novo movimento trouxe consigo a exposição permanente da principal figura pública em Passo Fundo no que diz respeito a essa tarefa, Múcio de Castro. A condição quase messiânica no anúncio de valores e adjetivos relacionados ao tradicionalismo, tendo como referência

máxima a figura do gaúcho, atribuiu caráter exponencial inegável ao citado passo-fundense, que transitava, com onipresença, na imprensa, no CTG e na política, tríade que alavancou sua carreira de deputado estadual por dois mandatos intermitentes.

A utilização de um discurso de cooptação dentro da retórica do tradicionalismo não implicou um enquadramento de posições políticas coerentes em seus ambientes de representação frente à sociedade. A contraposição clara à influência norte-americana e, ao mesmo tempo, a repressão contumaz às ideias socialistas não deram solidez à postura do movimento em relação a tais mandos paradigmáticos. Esse posicionamento dá abertura para a utilização do discurso ideológico e perspicaz em diferentes ambientes e períodos históricos, tendo em vista que não há elementos claros para uma postura referencial.

Relacionando esse discurso com a atualidade, na campanha para o pleito eleitoral do ano de 2010, o candidato à presidência pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) José Serra afirmou a intenção de ser um “*gaúcho na presidência*”. Tal afirmação, que dispensa maiores explicações, revela, mais uma vez, a carga simbólica, imaginária em torno dos predicados da figura do gaúcho, elemento que se enquadra, com suficiência, em um discurso de campanha política, o qual, associado ao empenho de 1954, extrapola regiões, temporalidades e partidarismos.

Os indivíduos empenhados na divulgação das ideias tradicionalistas no município não pertenciam às camadas populares. Ainda assim, não é possível estabelecer uma relação estanque entre o fenômeno e a atuação exclusiva das elites, haja vista que as primeiras manifestações, em Porto Alegre, não vieram de grupos abastados. O que parece pertinente, no entanto, é a percepção de que a busca da individualidade, da afirmação identitária e de diferenciação social, por vezes, foi facilitada aos que possuíam condições de se manter dentro do complexo aparato tradicionalista durante o período de consolidação do movimento. Ressalta-se que cada seguidor, apesar de discípulo da cartilha tradicionalista, trazia a cultura, os valores morais e os princípios inegáveis de sua época, diretamente relacionados à individualidade, o que, com frequência, causava certa desarmonia entre a realidade presente e a tentativa inconsciente da supressão dessa mesma realidade, quando as manifestações de reminiscências da tradição gaúcha não condiziam com o cotidiano. Portanto, apesar de inegáveis na composição da pluralidade de elementos atuantes, é necessário cuidado ao adentrar os aspectos subjetivos em busca do limite entre o que é culto ao tradicionalismo, em suposta inconsciência na incorporação, e o que seria expressão consciente e, em certa medida, pragmática na adoção de tais práticas.

O CTG Lalau Miranda foi o único do gênero em Passo Fundo até o ano de 1960. O tradicionalismo no município teve, pois, seus alicerces a partir dessa primeira instituição, fundada sob influência da proposta original da capital do estado. Os mecanismos que concorreram para sua introdução, consolidação e propagação, contaram como ficou demonstrado, com uma rede de fatores influentes, entre as quais se destaca a imprensa local, mais especificamente, o jornal *O Nacional*.

Diante disso, o presente trabalho traz elementos importantes da sociedade passo-fundense da década de 1950 e fomenta a continuidade da pesquisa, sobretudo, em torno dos aspectos culturais relacionados ao tema.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Tradução de Alfredo Bosi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- ABREU, Alzira Alves de (Org.). *A imprensa em transição*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACZO, Bronislaw. *Los imaginários sociales: memórias e esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1991.
- BARBOSA, Marialva. *A história cultural da imprensa*. Rio de Janeiro: Mauad X: 2007.
- BEKER, Gisele. *A construção da imagem da prostituição e da moralidade em Porto Alegre pelo jornal A Gazetinha: uma análise dos códigos sociais segundo a hipótese de agendamento (1875-1897)*. 2007. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, Porto Alegre, 2007.
- BOTH, Agostinho. *Criação da Universidade de Passo Fundo*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1993.
- BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- CONSTAMILAN, Selma. Passo Fundo. Acervo particular.
- CTG LALAU MIRANDA. Passo Fundo. Arquivo.
- DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998.
- DINES, Alberto. *O papel do jornal*. São Paulo: Sumus, 1986.

ESPIG, Márcia Janete. Porto Alegre: o uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do contestado. *Estudos Ibero-Americanos* – Revista do Departamento de Pós-Graduação em História da PUCRS, 1998.

FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ed. Universitária, 1998.

FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no RS: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século XX*. Porto Alegre: Editora da ULBRA, 2007

FERRON, José Altemir da Luz. *A construção do imaginário anticomunista em Passo Fundo: o olhar da imprensa sobre o final da Segunda Guerra Mundial*. 2008. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2008.

GOLIN, Tau. *A ideologia do gauchismo*. 4. ed. Porto Alegre: Tchê!, 1983.

\_\_\_\_\_. *O povo do pampa*. Passo Fundo: UPF, 2001.

\_\_\_\_\_. *Identidades: questões sobre as representações socioculturais no gauchismo*. Passo Fundo: Clio; Méritos, 2004.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

KUJAWA, Henrique Aniceto. Formação étnica de Passo Fundo e região. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1998.

LLE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

MELO, Orfelina Vieira de. *Resgate da música gaúcha em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1998.

MEYER, Marlise Regina. *Representações do desenvolvimento nas fotorreportagens da revista O Cruzeiro*. 2007. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em História da PUCRS, Porto Alegre, 2007.

MOOG, Vianna. *Bandeirantes e pioneiros: paralelo entre duas culturas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

MORAES, Roque. Análise de conteúdo. *Revista Educação*. PUCRS, Porto Alegre, 1999.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO. Passo Fundo. Arquivo.

NASCIMENTO, Welci. *Terra, gente e tradições gaúchas*. Passo Fundo: Berthier, 1992.

\_\_\_\_\_.; DAL PAZ, Santana. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 1995.

O NACIONAL, Passo Fundo, 01 abr. 1950.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 01 jun. 1951.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 01 ago. 1951.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 05 jan. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 22 jan. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 04 fev. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 09 fev. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 10 fev. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 18 fev. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 28 fev. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 08 mar. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 10 mar. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 17 mar. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 19 mar. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 20 mar. 1952.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 25 fev. 1953.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 29 abr. 1953.

\_\_\_\_\_., Passo Fundo, 16 maio 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 19 jun. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 22 jul. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 15 jul. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 28 jul. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 07 out. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 24 nov. 1953.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 01 fev. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 26 jul. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 06 abr. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 17 ago. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 13 set. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 24 set. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 01 out. 1954.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 26 mar. 1955.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 17 maio 1955.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 04 ago. 1955.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 09 mar. 1956.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 31 maio 1958.

\_\_\_\_., Passo Fundo, 22 set. 1958.

OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

PAIXÃO, Darcy. *A prenda tradicionalista*. Santa Maria: Palotti, 1995.

RIBAS, João Vicente. *A representação cultural gauchesca do município de Passo Fundo*. 2007. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2007.

RÜCKERT, Aldomar A. *A trajetória da terra: ocupação e colonização do centro-norte do Rio Grande do Sul: 1827/1931*. Passo Fundo: Ed. UPF, 1997.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TEIXEIRA, Victor Mateus. *Tordilho negro*. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/teixeirinha-musicas/176531>>. Acesso em: 30 jul. 2010.

VERZELETTI, Santo Claudino. *A contribuição e a importância das correntes imigratórias no desenvolvimento de Passo Fundo*. Passo Fundo: Imperial, 1999.